

«Um brinde à felicidade.»
La Stampa

A TENTACÃO DE SERMOS FELIZES

LORENZO
MARONE







© Riccardo Marone

Lorenzo Marone nasceu em Nápoles em 1974. Durante quase dez anos trabalhou como advogado, enquanto escrevia histórias que não deixava ninguém ler; em 2012 decidiu dedicar-se a tempo inteiro à escrita, a sua verdadeira paixão.

A tentação de sermos felizes, o seu terceiro livro, foi um *bestseller* aclamado pela crítica em Itália, tendo ganho o Prémio Stresa. Foi também traduzido em mais de dez línguas e está a ser adaptado ao cinema por Gianni Amelio.

A tentação de sermos felizes

Lorenzo Marone

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária - Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

La tentazione di essere felici

© Lorenzo Marone, 2015

Published & translated by arrangement with Meucci Agency - Milão

Tradução: Regina Valente

Design da capa: Manuel Pessoa

Imagens da capa: © Mark Owen/Trevillion Images; Valeria Schettino/GettyImages

1.^a edição em papel: abril de 2017



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68664-0

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

*Às almas frágeis,
que amam sem se amarem.*

Um esclarecimento

O meu filho é homossexual.

Ele sabe disso. Eu sei disso. No entanto, nunca mo confessou. Não tem nada de mal, são muitas as pessoas que esperam pela morte dos pais para se soltarem e viverem livremente a sua sexualidade. Só que comigo isso não vai funcionar; ainda tenciono viver durante muito tempo, pelo menos uma dezena de anos. Portanto, se o Dante quiser emancipar-se, vai ter que se marimbar em mim. Eu não tenciono de todo morrer por causa das preferências sexuais do meu filho.

Cesare Annunziata

O tiquetaque do despertador é o único ruído que me faz companhia. A esta hora as pessoas estão a dormir. Diz-se que as primeiras horas da manhã são o melhor momento para o sono, o cérebro está em fase REM, aquela em que se sonha, em que a respiração se torna irregular e os olhos se movem rapidamente de um lado para o outro. Um espetáculo nada divertido; é como encontrarmo-nos diante de um possesso.

Eu nunca sonho. Pelo menos, não tenho quaisquer recordações particulares. Talvez porque durmo pouco e acordo cedo. Ou porque bebo de mais. Ou apenas porque sou velho e quando somos velhos os sonhos se esgotam. O cérebro teve uma vida inteira para elaborar as fantasias mais estrambólicas, é normal que com o tempo comece a perder a inspiração. A veia criativa tem um pico durante a existência de cada um, e depois, a certa altura, começa a descida inexorável, até que no fim dos nossos dias nem sequer somos capazes de imaginar uma cena de sexo. Quando se é jovem, pelo contrário, parte-se precisamente dali, das fantasias sobre incríveis noites de paixão com uma *showgirl*, com a colega de carteira ou mesmo com a professora que, sabe-se lá porquê, deveria acalentar o desejo de se refugiar nos braços de um lactente borbulhento com uma penugem em vez de bigode. É claro que a fantasia começa antes, em pequenos, mas creio que a masturbação juvenil tem uma influência ainda maior na formação da criatividade.

Eu era muito criativo.

Decido abrir os olhos. De qualquer maneira, nestas condições, nem pensar em dormir. Na cama o cérebro realiza viagens alucinantes. Por exemplo, hoje deu-me para recordar a casa dos meus avós. Ainda posso vê-la, visitá-la, passar de um aposento ao outro, sentir os cheiros que provêm da cozinha, a chiadeira da porta do móvel na sala de jantar, os passarinhos que chilreiam na varanda. Detenho-me na decoração, recordo todos os mínimos pormenores, até os objetos em cima dos móveis. Depois, se cerrar bem as pálpebras, consigo mesmo observar-me no espelho da avó e rever-me em criança. Eu sei, tinha dito que já não sonho; mas referia-me ao sono. Durante a vigília, pelo contrário, ainda sou capaz de conseguir alguma coisa.

Espreito o relógio e deixo escapar uma praga debaixo dos lençóis. Pensava que eram cinco horas, mas afinal ainda só são quatro e um quarto da manhã. Lá fora está escuro; um alarme distante toca a intervalos regulares, a humidade confunde os contornos e os gatos estão aninhados debaixo dos carros.

O bairro dorme, eu cismo.

Viro-me para o outro lado e obrigo-me a baixar as pálpebras de novo. A verdade é que na cama não consigo estar um minuto quieto, liberto a energia acumulada durante o dia, um pouco como o mar de verão que recolhe o calor diurno para o oferecer à noite. A minha avó dizia que quando o corpo não tem vontade de descansar é preciso ficar imóvel; ao fim de algum tempo, percebe que não adianta armar confusão e adormece. Só que para concretizar um tal plano é preciso autocontrolo e paciência, e eu já esgotei ambas as características há muito tempo.

Dou-me conta de que estou a olhar para um livro pousado em cima da mesa de cabeceira ao meu lado. Observei muitas vezes aquela capa, e no entanto reparo agora em pormenores que antes me escaparam. A primeira sensação é de espanto, mas logo percebo do que se trata: consigo ler ao perto, algo que ninguém na minha idade é capaz de fazer. A tecnologia deu passos de gigante no último século, mas a presbiopia continua a ser um dos mistérios inatingíveis da ciência. Levo as mãos à cara e compreendo o porquê desta cura súbita e milagrosa: tinha posto os óculos, um gesto que agora executo por instinto, sem refletir.

Chegou o momento de me levantar. Vou à casa de banho. Não devia contar isto, mas sou velho e, portanto, faço o que me apetece. Aqui vai: eu urino sentado, como as senhoras. E não é por não me aguentar nas pernas, mas porque de outra forma ia acabar por regar os azulejos. Não há nada a fazer: a partir de uma certa idade *aquilo* começa a ter vida própria. Tal como eu (e um pouco como todos os idosos), marimba-se em quem lhe quer explicar a existência e vai pela própria cabeça.

Quem se lamenta da velhice é demente. Aliás, não: «cego» parece-me mais acertado. Alguém que não vê a um palmo do nariz, uma vez que a alternativa é só uma e não me parece muito desejável. Por isso, ter chegado até aqui já foi um grande golpe de sorte. Mas o mais interessante é, segundo me parece, podermos dar ao luxo de fazer aquilo que quisermos. A nós, idosos, tudo é permitido, e até um velhinho que rouba num supermercado é visto com candura e compaixão. Se quem rouba, pelo contrário, for um rapaz, é tratado, no melhor dos casos, por «patife».

Enfim, a certa altura da vida abre-se um mundo até então inacessível, um lugar mágico povoado por gente simpática, solícita e afável. Porém, aquilo que de mais precioso se conquista graças à velhice é o respeito. A integridade moral, a solidariedade, a cultura e o talento não são nada perante a pele encarquilhada, as manchas na cabeça e as mãos trémulas. Em todo o caso, hoje sou um homem respeitado e, se pensarmos bem, não é coisa pouca. O respeito é uma arma que permite ao homem atingir uma meta inalcançável para muitos: fazer aquilo que se quer da própria vida.

Chamo-me Cesare Annunziata, tenho setenta e sete anos, e durante setenta e dois anos e cento e onze dias atirei a minha vida à retrete. Depois percebi que chegara o momento de usar a consideração conquistada no terreno para começar a gozá-la a sério.

Só uma coisa nos distingue

Hoje de manhã ligou-me a minha filha Sveva, a primogénita.

- Pai?

- Olá.

- Olha, precisava de um favor...

Não devia ter atendido. A experiência serve precisamente para não cometer as mesmas idiotices durante uma vida inteira. Eu não aprendi nada com o passado e continuo, imperturbável, a agir por instinto.

- És capaz de ir buscar o Federico à escola? Tenho um julgamento que vai acabar tarde.

- O Diego não pode tratar disso?

- Não, tem que fazer.

- Estou a perceber...

- Já sabes que não te pedia se tivesse uma alternativa.

Eduquei bem os meus filhos, agora não me posso queixar. Não sou o tipo de avô que vai buscar os netos. A visão daqueles pobres velhotes que estão à porta das escolas a ajudar os miúdos a atravessar a rua e a atrapalhar o trânsito dá-me calafrios. Sim, eu sei, estão a ser úteis em vez de ficarem a apodrecer num sofá, mas não posso fazer nada em relação a isto; para mim, um voluntário sénior é como um rolo fotográfico, uma cabina telefónica, uma cassete vídeo - objetos de um tempo passado que já não têm uma verdadeira função.

- E depois, para onde o levo?

- Para tua casa, ou então podem vir até ao escritório. Sim, se calhar é melhor; trá-lo para cá, por favor.

Agora estou em frente à escola, à espera do meu neto. Levanto a gola do sobretudo e enfio as mãos nos bolsos. Cheguei mais cedo, uma das coisas que aprendi com o avançar da idade. Como programar os dias. Meu Deus, não é que exista muito o que planear, mas prefiro que as poucas tarefas que ainda cumpro estejam em ordem.

O telefonema da Sveva desorientou-me os planos. Precisava de ir ao barbeiro, logo à noite tenho um encontro com a Rossana. É uma prostituta. Sim, frequento rameiras, e depois? Ainda tenho as minhas necessidades para satisfazer e ninguém ao meu lado a quem dar explicações. Em todo o caso, exagerei; não é que eu vá *literalmente* às putas, até porque tenho algumas restrições logísticas. A Rossana é uma velha amiga que conheci há algum tempo, quando ela andava a dar injeções ao domicílio. Aparecia todas as manhãs bem cedo, picava-me as nádegas e ia-se embora sem dizer uma palavra. Depois começou a ficar mais algum tempo para tomar um café, e por fim lá consegui convencê-la a enfiar-se debaixo dos meus cobertores. Pensando nisso hoje, acabou por não ser difícil. Só ao fim de algum tempo percebi que a pseudo-enfermeira não tinha ficado extasiada com o meu sorriso, quando, com uma expressão séria, exclamou:

- Tu és simpático e até és um bonito homem, mas eu tenho um filho para sustentar!

Sempre gostei de pessoas diretas, e desde então tornámo-nos amigos. A Rossana já está quase nos sessenta, mas continua a ter mamas enormes e um belo traseiro. E na minha idade não é preciso mais, somos atraídos sobretudo pelos defeitos, que tornam a situação mais credível.

Vem aí o Federico. Se as pessoas que aqui estão soubessem que este velho que espera o neto até há um minuto estava a pensar nos seios de uma prostituta, iam ficar escandalizadas e avisariam os pais da criança. Sabe-se lá porquê, um velho não pode ter vontade de dar uma queca.

Metemo-nos num táxi. É apenas a terceira vez que venho buscar o meu neto à escola e, no entanto, o Federico revelou à mãe que fica feliz quando o faço. Diz que o outro avô o obriga a andar a pé e que chega a casa todo suado. Comigo, pelo contrário, vem de táxi. Era só o que faltava! Tenho uma reforma digna, nenhum aniversário de casamento para celebrar e dois filhos adultos. Posso gastar o meu dinheiro em táxis e em várias Rossanas. Mas o condutor é um malcriado. Acontece, infelizmente. Pragueja, toca a buzina sem razão nenhuma, acelera e trava no último instante, implica com os peões, não para no semáforo. Conforme já referi, uma das coisas mais bonitas da terceira idade é podermos fazer aquilo que quisermos, até porque não haverá uma quarta idade para arrependimentos. Por isso decido castigar o homem que me quer estragar o dia.

- Devia andar mais devagar! - exclamo.

Ele nem sequer responde.

- Está a ouvir-me?

Silêncio.

- Muito bem, encoste e dê-me a sua carta de condução.

O taxista volta-se e olha para mim com um ar perplexo.

- Sou um comandante da polícia reformado. O senhor conduz de uma forma inapropriada e perigosa para a segurança dos passageiros.

- O senhor comandante desculpe, é que hoje é mesmo um dia terrível. Problemas em casa. Eu vou abrandar, fique descansado.

O Federico levanta a cabeça e está prestes a abrir a boca. Eu aperto-lhe o braço e pisco-lhe o olho.

- Que problemas? - pergunto.

O meu interlocutor inclina a cabeça apenas um instante e depois solta a sua própria fantasia:

- A minha filha estava para casar em breve, mas o noivo perdeu o emprego.

- Percebo.

Como desculpa é boa, não há dúvida, sem usar doenças ou morte de parentes torna-se mais credível. Quando chegamos à porta do escritório da Sveva, o homem não aceita o dinheiro. Mais uma viagem oferecida por um napolitano mal-educado. O Federico olha para mim e ri-se, eu retribuo com nova piscadela de olho. Já está habituado às minhas saídas, da última vez disfarcei-me de banqueiro. Não faço isto para poupar e por ter alguma coisa contra a classe dos taxistas, mas porque me diverte.

A Sveva ainda não chegou. Ficamos no gabinete dela, o Federico estendido num sofá, eu sentado atrás da secretária sobre a qual se destaca, bem visível, a fotografia dela com o marido e o filho. Não simpatizo muito com o Diego; na realidade, é bom homem, mas os bonzinhos aborrecem-me, não há nada a fazer. E, de facto, acho que até a Sveva já se fartou; sempre taciturna, sempre a correr de um lado para o outro e com a cabeça no trabalho. O contrário de mim hoje, mas talvez muito semelhante ao «eu» de outros tempos. Acho que é infeliz; só não tenho a certeza porque ela não fala comigo. Talvez desabafasse com a mãe. Eu não sou muito indicado para ouvir os outros.

Diz-se que para ser um bom companheiro não é preciso dar grandes conselhos; basta estar atento e ser compreensivo, as mulheres só desejam isso. Eu não sou capaz: ao fim de algum tempo entusiasmo-me, exponho o que penso e fico uma fera se o meu interlocutor não me está a ouvir e faz uso da própria cabeça. Esse foi um dos motivos de constante litígio com a minha mulher, a Caterina. Ela só queria alguém com quem desabafar, eu ao fim de dois minutos já tinha arranjado uma solução para lhe oferecer. Felizmente, a velhice veio em meu auxílio: percebi que, para bem da minha saúde, era melhor não ouvir os problemas da família. Assim, depois não me pedem para os resolver.

O aposento tem uma janela ampla e bonita que dá para uma rua a abarrotar de transeuntes, e se em frente houvesse um arranha-céus em vez de um prédio sem reboco, de tijolo burro, quase podia pensar que me encontrava em Nova Iorque. Só que na metrópole americana não existem os Bairros Espanhóis com as suas vielas que escorregam do topo da colina, os edifícios a esboroar-se, onde se trocam segredos por cima das cordas com roupa estendida a secar, as ruas peçadas de buracos e os automóveis empoleirados em passeios miseráveis, entre um poste e a porta de uma igreja. Em Nova Iorque as ruas laterais não escondem um mundo que se perde nas suas próprias sombras, lá o bolor não se instala no rosto das pessoas.

Enquanto reflito sobre a diferença entre a Grande Maçã e Nápoles, avisto a Sveva a sair de um SUV preto e a dirigir-se para o portão. Em frente à entrada detém-se, tira as chaves da carteira, depois volta para trás e entra outra vez no carro. Daqui de cima vislumbro-lhe apenas as pernas, tapadas por *collants* escuros. Estica-se em direção ao condutor, talvez para se despedir, e ele pousa-lhe a mão na coxa. Aproximo a cadeira da janela e dou uma cabeçada contra o vidro. O Federico para de brincar com o seu amigo *robot* e olha para mim. Sorrio-lhe e regresso à cena que está a consumir-se lá em baixo. A Sveva sai do carro e entra no prédio. O SUV arranca.

Fico a contemplar a sala sem a estar realmente a ver. Talvez tivesse tido uma alucinação e aquele fosse o Diego. Que, no entanto, não tem um SUV - um pormenor. Ou se calhar um colega da Sveva deu-lhe boleia. Mas um colega pousa-lhe assim a mão na coxa?

- Olá, pai.

- Olá.

- Aqui está o meu amor! - grita ela, e agarra no Federico pelas axilas para depois o cobrir de beijos.

A cena põe-me novamente a mãe dela diante dos olhos. Também ela se comportava da mesma forma com os filhos. Era demasiado afetuosa, demasiado presente, cuidadosa, invasiva. Talvez seja por isso que o Dante é homossexual. Será que a irmã sabe?

- O Dante é *gay*? - pergunto-lhe.

A Sveva vira-se de repente, com o Federico ainda ao colo. Depois pousa-o no sofá e, num tom glacial, responde:

- Desculpa lá, porque é que não lhe perguntas a ele?

Portanto, o meu filho é homossexual. E a irmã sabe.

- E por que raio é que te foste lembrar disso agora?

- Ocorreu-me. Como foi o julgamento?

A Sveva coloca-se ainda mais na defensiva.

- Porquê?

- Não te posso perguntar nada?

- Bom, nunca quiseste saber do meu trabalho. Não eras tu que dizias que o Direito me ia arruinar a vida?

- Sim, era o que eu pensava, e ainda penso. Já olhaste para ti?

- Escuta, pai, hoje não é mesmo dia para os teus sermões inúteis. Tenho mais que fazer!

A verdade é que a minha filha errou em demasiadas escolhas: nos estudos, no trabalho e, por último, no marido. Com todos estes erros em cima dos ombros não se pode sorrir e fazer de conta que não se passa nada. Mas eu também não sou propriamente alguém que tenha acertado em tudo; fiz bastantes disparates, tais como casar com a Caterina e fazer-lhe dois filhos. Não pelo Dante e pela Sveva, por amor de Deus - é que não se devia trazer ao mundo crianças com uma mulher que não se ama.

- Como estão as coisas com o Diego? - pergunto.

- Tudo em ordem - responde-me a Sveva com displicência, ao mesmo tempo que tira o processo da pasta e o coloca em cima da secretária. Na capa está escrito: *Sarnataro vs. Condomínio da Via Roma*.

Não percebo como é que se pode decidir por iniciativa própria passar os dias no meio de questões inúteis, como se a vida não fosse já cheia de litígios, sem ser preciso acrescentar-lhe os dos outros. Mas a Sveva gosta daquilo. Ou talvez faça por gostar, como a mãe. A Caterina sabia encontrar o lado positivo de qualquer experiência; eu, pelo contrário, nunca tive a sorte de descortinar sequer um resquício de beleza naquilo que é feio.

- Porquê todas estas perguntas hoje?

- Sei lá, nunca conversamos...

Mas ela já está no corredor, os tacões a ressoar velozmente de umas salas para as outras e a voz mergulhada numa conversa apressada com uma colaboradora. Discutem sobre um litígio por causa de um acidente. Mais outro, que tédio!

Observo o meu neto, que se diverte com uma espécie de dragão, e sorrio. No fundo somos iguais, nós os dois, sem qualquer responsabilidade nem nada de importante para fazer senão brincar. O Federico brinca com dragões, eu com a Rossana. Só uma coisa nos distingue: ele ainda tem uma vida pela frente e mil e um projetos, eu poucos anos e muitos lamentos.

A velha dos gatos

Assim que saio do elevador, encontro a Eleonora, que traz ao colo um gato que eu nunca vi. A porta de casa dela está escancarada e o fedor proveniente da habitação já invadiu o patamar. Não sei como é que é possível não dar conta e, sobretudo, como é que ela consegue passar a vida mergulhada naquele pivete nojento. A Eleonora é uma daquelas velhotas que encontramos na rua com uma latinha de comida para gato, e a casa dela, um hospício para felinos em dificuldade. Na realidade, os poucos que conheci pareceram-me sempre em grande forma, mas como ela afirma que é obrigada a trazê-los para casa porque estão doentes ou feridos, prefiro não me meter. A verdade é que frequentemente um dos seus gatos, à vez, tenta a fuga para regressar à liberdade, longe do amor egoísta da sua carcereira.

Há dias em que me basta pôr um pé no átrio do prédio para perceber que, alguns andares mais acima, a Eleonora tem a porta de casa aberta. Obviamente, com tantos patamares disponíveis para acolher uma velha viúva senil e necessitada de amor, foi o meu que aguentou com o encargo.

Tenho ainda uma expressão de nojo estampada no rosto no momento em que ela me cumprimenta com afeto.

- Olá, Eleonora - retribuo, enquanto procuro as chaves nos bolsos do sobretudo. Estou a tentar não respirar e a minha vida depende de quanto tempo vou demorar a extrair as chaves e a enfiar-me em casa. Na minha idade, tenho poucos segundos de autonomia em apneia. Infelizmente, porém, acontece aquilo que eu tentara evitar: a Eleonora fala comigo e sou obrigado a inalar algum ar para lhe responder.

- Este é o *Gigio* - indica com um sorriso, mostrando-me o felino, que parece tão incomodado quanto eu.

Franzo a testa na tentativa vã de repelir o eflúvio fétido das minhas narinas e questiono:

- Um novo hóspede?

- Sim - responde ela logo -, acabou de chegar. Coitadinho, foi agredido por um cão que quase o matava! Salvei-o de morte certa.

Observo por um instante o gato que fita placidamente o horizonte e pergunto a mim mesmo se ele estará já a elaborar um plano para a fuga. No instante seguinte, um casal dos seus cinquenta anos, ela com os cabelos pintados e os lábios retocados, ele calvo e com uns óculos espessos que lhe escorregam do nariz, surge vindo da casa de Eleonora e cumprimenta-me antes de se despedir da minha vizinha com um passou-bem cordial. Esta última, porém, não retribui a delicadeza.

Vê-se que os dois se esforçam por sorrir e ser simpáticos mas, na realidade, estão horrorizados com o espetáculo que acaba de passar pelas suas pupilas. Enfiam-se no elevador ao mesmo tempo que dedicam um último olhar receoso ao patamar e a mim, talvez a questionarem como é que eu consigo ser amigo da velha dos gatos e, sobretudo, seu vizinho. Mas o mais espantado sou eu; em tantos anos, nunca vi ninguém sair da casa da Eleonora Vitagliano, para além do marido, já lá vai uma vida e, sobretudo, indivíduos jovens ou, pelo menos, novos. Nunca ninguém que não fizesse uma careta para se defender do fedor. Bem, nesse aspeto, o casal de há pouco também não desiludiu.

- Quem eram? - pergunto, curioso, assim que eles desapareceram.

Que eu saiba, a Eleonora não tem ninguém que trate dela. Com toda a certeza não tem filhos, o marido morreu há muito tempo e parentes, nunca lhos vi.

- O quê? - grita ela.

A Eleonora Vitagliano tem mais ou menos a minha idade e é surda como uma porta, razão pela qual, das poucas vezes que temos de conversar, sou obrigado a reformular as frases e a aumentar progressivamente o tom de voz.

- Queria saber quem eram aqueles dois - repito.

- Ah! - surpreende-se ela, e larga o gato, que se enfia em casa e desaparece no corredor. - São dois senhores que vieram ver a casa.

- Vais vendê-la?

A Eleonora olha para mim com uma expressão indecisa. Tem os cabelos despenteados, um buço branco e as mãos, cerúleas, sulcadas de veias e corroídas pelo reumatismo, parecem garras.

- Resolveste ir embora daqui? - sou obrigado a repetir, levantando ainda mais a voz.

- Não, não; para onde é que eu havia de ir? Esta é a minha casa, é aqui que eu quero morrer.

Olho para ela com curiosidade.

- É que a minha sobrinha, a filha do meu irmão... Conheces?

Faço que não com a cabeça.

- Bom, é a única parente que me resta e está a pressionar-me para vender: diz que está com

dificuldades, que de qualquer maneira o apartamento um dia mais tarde fica para ela e que eu podia continuar cá, porque venda só seria considerada efetiva após a minha morte. Eu não percebi nada, mas respondi que sim, não tenho tempo a perder em discussões com a família; seja como for, nunca vou assinar nada e, ainda por cima, quando vem alguém ver a casa, arranjo maneira de a encontrarem sempre desarrumada.

Não tenho a mínima dificuldade em acreditar nas palavras dela. A Eleonora, apesar de ser muito velha e de ter alguns parafusos a menos, ainda sabe fazer-se respeitar.

- A tua sobrinha queria vender a tua propriedade - declaro, na tentativa de lhe explicar melhor de que é que estamos a falar. - Os novos proprietários compravam a casa agora, mas só lá poderiam viver depois da tua morte.

- Pois, sim, foi isso que eu percebi. Mas imagina se eu conseguia viver sabendo que há alguém lá fora à espera que eu bata a porta, isto é, além da minha sobrinha.

Sorrio, divertido, apesar de o comportamento da fantasmática sobrinha não ser assim tão engraçado. Se ela aqui estivesse, eu dizia-lhe das boas.

- E preferes receber estranhos em casa a seres franca com a tua sobrinha? - pergunto, arrependendo-me no instante seguinte. Não tanto pela pergunta algo invasiva, mas porque estou a contribuir para alargar, e muito, a conversa e, portanto, o tempo durante o qual a porta da Eleonora continua aberta. Vão ser precisos vários dias para arejar o prédio inteiro. Felizmente ainda não abri a minha porta.

- Ora, Cesare, o que queres que te diga? Tens razão, mas sabes como é: não quero que ela se zangue comigo. Vivo sozinha há muito tempo e não preciso de grandes ajudas, mas nunca se sabe o dia de amanhã, como é que as coisas vão correr, se ainda vou precisar dela de vez em quando. Tu também estás só, podes entender-me... - responde.

- Pois é - limito-me a replicar, ainda que uma parte de mim quisesse proferir uma frase com mais efeito, mostrar mais solidariedade.

- Nesta vida é preciso saber sujeitarmo-nos a certos compromissos - prossegue a Eleonora, já entusiasmada com a discussão -, e a velhice, meu caro Cesare, é um compromisso contínuo.

- Pois é - remato, como se não soubesse outras palavras.

Durante mais de setenta anos fui o rei dos compromissos, minha cara vizinha; depois perdi tudo e dei por mim, paradoxalmente, livre. A verdade é que não tinha mais nada a trocar com ninguém, e isso foi a minha sorte. Era assim que eu lhe devia responder, mas a discussão ia levar-me sei lá aonde e o oxigénio à minha disposição está a esgotar-se. Por isso, despeço-me da Eleonora e enfio a chave na fechadura no preciso instante em que a terceira porta do patamar se abre. Há já alguns meses que um casal alugou a casa; ela parece-me ter à volta de uns trinta, ele é um pouco mais velho. Ambos jovens, em todo o caso, e sem filhos, o que os torna completamente deslocados, tanto neste prédio, composto na sua maioria por velhos e famílias, como no mundo. Aposto que os desgraçados são continuamente obrigados a dar explicações sobre a falta de uma criança na sua vida, pergunta que, de resto, a julgar pelo olhar curioso, a velha dos gatos gostaria também de lhes poder colocar.

- Bom dia - cumprimenta a rapariga, e logo a seguir franze as sobrancelhas para se defender do cheirete.

Deixo escapar uma risadinha e a jovem mulher dirige-me um olhar aborrecido.

- Bom dia! - apresso-me então a responder, mas ela já me virou as costas.

- Bom dia - exclama também a Eleonora, que logo a seguir acrescenta: - Minha senhora, aproveito para lhe comunicar que, se por acaso vir aí em casa um gato preto, é meu. Sabe como é: com os outros inquilinos estava habituado a ir pelo parapeito e a entrar pela janela, e eu não queria que ele fizesse o mesmo com os senhores.

- Não, não vi gato nenhum, não se preocupe - responde a rapariga, antes de entrar no elevador.

- Sujeitos estranhos - comenta a Eleonora.

- Porquê?

- Sei lá. Estão aqui já há algum tempo, mas nunca há um sorriso; é só «bom dia» e «boa noite». Não houve uma única vez em que parassem a conversar.

- Então, são novos, devem ter as amizades deles, o importante é que não incomodem. Naquilo que me diz respeito, até podem não me cumprimentar e nem lhes conhecer o nome... - rebato, e dedico-me de novo à minha fechadura.

- Ele, não sei, mas a rapariga chama-se Emma.

- Emma... - repito, virando-me de repente.

- Sim, Emma. Porquê?

- Por nada. É um nome bonito.

- Como?

- Disse que Emma é um nome bonito.

- Ah, pois, não está mal.

- Muito bem, Eleonora, vou-me despedir agora - Abro a porta. - Se precisares de alguma coisa, já sabes onde me encontras.

- Cesare?

- Sim.

- Posso chamar-te se mais alguém quiser ver a casa? O agente imobiliário telefona-me de dois em dois minutos para me dar conselhos de que não preciso.

Pois é, armas-te em simpático e logo a seguir estás entalado em coisas que não te dizem respeito.

- E o que é que ele quer?

- Bom, no outro dia transmitiu-me, sem grandes rodeios, que devia apresentar o apartamento mais arrumado, porque de outro modo os potenciais compradores perdem a vontade. É claro que eu não podia argumentar que é esse o meu objetivo.

Eu sorri.

- Porque é que ele não veio cá hoje?

- Veio, mas foi-se embora mais cedo; vais ver que daqui por uns dias volta a aparecer. Se tu aqui estivesses, seria diferente... Com um homem presente não ia ter a coragem de abrir a boca sobre as condições da casa. Porque se ele volta a fazer isso, vou ser obrigada a pô-lo na rua, e depois não sei quem vai aturar a minha sobrinha!

- Está bem, chama-me.

- Obrigada.

Fecho a porta atrás de mim e respiro o ar da entrada para ter a certeza de que o fedor não invadiu a minha casa. Só depois tiro o sobretudo e vou à cozinha, enquanto abano a cabeça em sinal de reprovação. O facto é que estou realmente a ficar demasiado velho se permito que um simples nome me estrague o dia.

Apesar de Emma não ser um nome qualquer.

Duas figuras de circo

A Rossana devia ter direito uma vida diferente, no sentido em que devia ser mais feliz, mas parece-me que vai perdendo oportunidades. Talvez por passar os dias a oferecer alegria aos clientes, sobra pouca para ela. As pessoas que fazem os outros felizes deviam merecer gratidão e respeito. Até uma prostituta; até a Rossana. Se ela não existisse, eu seria uma pessoa pior: mais nervoso, talvez um pouco mais só, e de certeza muito mais reprimido.

Numa relação normal de casal, cada um cumpre o seu papel, oferece ao parceiro o que é capaz, aquele pouco ou muito que tem. Mas à Rossana ninguém oferece nada, a não ser dinheiro. Só que com o dinheiro não se compram cuidados e atenções.

- Olha, e se uma noite destas fôssemos comer fora?

Ando com a Rossana há dois anos e o sítio mais distante da cama em que trocámos umas palavras foi na cozinha. Conheço-lhe muito melhor as estrias do que os gostos à mesa; era capaz de lhe unir os sinais como os pontinhos do enigma da semana e nem sequer sei se tem irmãos. Do filho falou-me uma noite em que me apresentei com um espumante de cinco euros adquirido numa chafarica atrás da casa dela. Ela falava e eu bebia, ela bebia e eu olhava para o teto. Nunca fui muito bom a conversar.

- Comer fora?

- Sim, num restaurante.

- O que se passa, caríssimo Annunziata? Precisas de me pedir alguma coisa?

Ninguém confia em mim, essa é a verdade; nem os meus filhos e muito menos uma prostituta. No entanto, não me parece que tenha ar de embusteiro. Sim, é possível que seja um tanto ou quanto egocêntrico, como achava a Caterina, mas isso não significa que goste de enganar o próximo.

- Não te posso convidar para jantar sem ter um objetivo oculto?

- Hum, conheço-te há demasiado tempo, e quem não te conhecer, que te compre!

Nada a fazer. Nos últimos anos empenhei-me tanto em apresentar aos outros uma fachada tão negativa que agora já não posso voltar atrás. Vou morrer como cínico e desagradável.

- Podíamos ir a um sítio qualquer comer um peixe e beber vinho, e falar um pouco de nós. No fundo, conhecemo-nos há muito tempo, mas eu não sei nada de ti.

A Rossana está em pé, de costas para mim; ainda estou estendido na cama, com um copo de vinho na mão e o olhar no traseiro dela. Ela continua com as calcinhas na mão; a proposta deve ter sido tão chocante que conseguiu até inibir uma ação tão simples como enfiar um par de cuecas.

- Então, o que achas? Agrada-te o programinha?

Como única resposta, ela senta-se na beira da cama e baixa a cabeça. Continuo a ver-lhe os ombros, o problema é que já não vejo o traseiro. Eu é que tenho razão: é preciso ter cuidado com o que se diz. É como nas palavras cruzadas - uma errada pode criar o caos.

- Tudo bem. Se não te apetecer não há problema, não fico ofendido.

A Rossana não se vira e o silêncio desce sobre o quarto, permitindo que o meu cólon raivoso interfira na cena com os seus mil e um resmungos. Provoco um falso ataque de tosse para se sobrepor àquele ruído, mas, na realidade, um grande traque punha logo as coisas em ordem. Pousei o copo vazio na mesinha de cabeceira e sento-me na cama. Parece-me evidente que disse algo de errado, o problema é perceber o quê. O facto é que perdi alguma polidez no trato com as mulheres. A Caterina morreu há cinco anos, a minha última amante ainda se deve lembrar de mim com os pelos púbicos negros, e a Rossana, bem, não precisei de fazer um grande esforço para a conquistar. É a parte negativa de se andar durante demasiado tempo com uma prostituta: esquecemos os preâmbulos, os preliminares, as boas maneiras, as atenções, todas aquelas coisas necessárias para levar para a cama uma mulher «normal».

Acendo um cigarro e reparo de soslaio que uma lágrima lhe desce pela cara, antes que ela consiga esmagá-la com um gesto de irritação. Caramba, a última mulher que vi chorar foi aquela minha colega - como é que ela se chamava? - que me confessou que queria construir algo sério comigo. Limpei-lhe os olhos e fugi. Não, na realidade não foi essa; a Caterina foi a última. Só que não chorava por minha causa, e sim pelo seu corpo doente, e mesmo nessa altura não consegui intervir senão com gestos falsos e inúteis. Às vezes, de noite, acordo em sobressalto e parece-me que ainda a tenho ao meu lado, e então sussurro para a parede fria aquilo que lhe devia ter confessado: «Não estás sozinha, eu estou aqui.»

Sei que não a amava, mas não há dia em que não peça perdão por aquilo que lhe fiz.

- Desculpa... - murmura a Rossana.

Aproximo-me e pousei-lhe uma mão no ombro. A pele está fria e cheia de borbulhas, e, no entanto, há

poucos minutos parecia-me aveludada e perfumada como a de uma virgem. Nos momentos do prazer sou ainda capaz de só ver aquilo que quero.

- É que há muitos anos que ninguém me convida para jantar fora.
- Bom, se te provoca este efeito, retiro já a proposta!

Ela sorri e limpa os olhos com as costas da mão.

- Palermo, é que não estava à espera. E, de resto, não estou a passar por um momento fácil.

Pronto, chegámos ao cerne da questão. Agora devia levantar-me, enfiar as calças, deixar-lhe o dinheiro e desaparecer. Ela é uma prostituta, eu, um cliente. A nossa relação devia terminar aqui, com recíproca satisfação. O problema é que as coisas se complicam como o raio se ficamos demasiado tempo na cama de uma mulher, mesmo quando é a pagar. Assim, sou obrigado a formular a pergunta que ela espera em silêncio:

- Aconteceu alguma coisa? Queres falar sobre isso?

- Não, imagina, não te quero aborrecer com os meus problemas, já deves ter os teus. E depois tu vens aqui para relaxar, não para ouvir mais complicações.

Pois, venho para relaxar; pago e não quero ouvir problemas. Tudo certo. Mas, sabe-se lá porquê, esta noite as dificuldades da Rossana deixam-me curioso. Há muito tempo que não escuto os problemas alheios.

- Vamos fazer assim: levantamo-nos, vamos à cozinha, preparas-me uma omeleta e conversamos sobre isso - sugiro.

Ela vira-se e mostra-me o rosto besuntado graças à maquilhagem borrada. Parece uma máscara de Carnaval, só que não dá vontade de rir. Sou obrigado a desviar o olhar para as suas mamas pendentes a fim de recordar o motivo pelo qual me encontro nesta casa. Depois ergo de novo os olhos e dou com o meu reflexo no espelho. Sentado na cama, com a barriga pousada na púbis, os braços flácidos, os peitorais que mais parecem as orelhas de um *cocker* e os pelos brancos no tórax, meto nojo. Sim, nojo. Então viro-me e encontro os olhos da Rossana plantados nos meus; apercebeu-se do meu rápido movimento ocular e sorri.

- Se calhar mais vale tirar dali o espelho - comenta.
- Sim - respondo -, parece-me que sim.

Quando nos levantamos, o espelho volta a refletir a cama desfeita. As duas figuras de circo, pelo menos por hoje, terminaram o seu triste espetáculo.

Sem maquilhagem e de roupão, a Rossana não trazia para casa nem dez euros, mas no fundo basta uma boa *lingerie* para pôr as coisas no lugar.

- Na tua idade devias comer um bocado melhor - comenta.
- Sim, é verdade, mas cozinhar é das poucas coisas que devemos fazer só para os outros.

Ela sorri. Parece que cada uma das minhas afirmações a põe de bom humor. Não me acho particularmente divertido, mas ela até me faz sentir sociável. É uma prerrogativa sua, o seu ponto forte (tirando as mamas, como é óbvio). A Rossana faz-me acreditar que eu sou um homem melhor. Quero lá saber se está a fingir (porém, se estiver, caramba, é uma grande atriz)!

- Mas tu tens família, filhos? Nunca me falaste disso! Só sei que foste casado.

É a mesa à qual estamos sentados que lhe dá a coragem de me fazer a pergunta. E, de facto, é muito mais íntimo partilhar uma cozinha do que uma cama.

- Sim, tenho dois filhos - resmungo, enquanto mastigo o pão com que acompanho a omeleta.

A minha resposta é glacial, mas ela não me larga.

- Dois machos?
- Não devíamos falar do teu problema?
- Está bem, se não queres responder...
- Um macho e uma fêmea. Apesar de eu dever antes dizer «duas fêmeas».
- Em que sentido?
- O macho é homossexual - respondo com displicência, e levo o copo à boca.

A Rossana desta vez não se limita a sorrir, ri a sério.

- O que foi?
- Falas como se ele não fosse teu filho!
- E o que é que eu devia fazer, desculpa lá?
- Tem um companheiro?
- Na verdade, em relação a mim ele ainda está no armário.

A Rossana levanta-se e pega no maço de cigarros que está na prateleira por cima da bancada. Aproveito e aceito o que ela me oferece, apesar de não poder fumar: tive um enfarte há três anos. Vida demasiado frenética, segundo os médicos. Tabaco, álcool, dieta inapropriada. Durante alguns meses fiquei em casa da Sveva, em regime rigoroso – ai de mim se ela me via fazer alguma asneira! Depois, fartei-me de ser filho da minha filha e voltei para casa, onde retomei a vida de sempre. Em todo o caso, na minha idade, um ataque de coração nem é o pior dos fins.

- O meu filho perdeu o emprego – afirma a Rossana ao fim de algum tempo.

Dou uma passa e observo o fumo que se dissipa sob a luz amarelada do pequeno candeeiro. O aposento está escuro, os móveis obsoletos e os azulejos lascados. Em suma, um ambiente deprimente. Mas, pelo menos, parece limpo.

- Tem três filhos e uma mulher para sustentar, e não sabe o que há de fazer. E não quer o meu dinheiro, não quer nada de mim!

A Rossana é uma mulher dócil, apesar do rosto agressivo, de traços duros, olhos negros como os dos tubarões, nariz aquilino e boca carnuda. É precisamente essa contradição que a torna atraente.

- Na verdade, não fala comigo. Quando vou visitar os meus netos, ele pega e vai-se embora. Não me perdoa aquilo que eu faço.

- E porque lhe contaste?

- Descobriu sozinho, há já algum tempo. Desde então nunca mais quis falar comigo.

- Mas porquê? Há quanto tempo é que fazes isto?

- Há trinta anos, uma vida!

Caramba, se Rossana tivesse pago as respetivas contribuições, daqui a nada até se podia reformar! Tento não pensar em quantos homens passaram por esta cozinha no último tricénio e concentro-me nas palavras dela. Até porque, enquanto ela fala, eu já pus o cérebro em movimento à procura de uma solução.

- O patrão dele mandou-o embora de um dia para o outro, sem sequer lhe dar uma indemnização.

- Como é possível?

- Trabalhava sem contrato; já sabes como funcionam as coisas.

Pois sei, só que não me consigo habituar. Ela continua a articular palavras, eu a deitar vinho no copo. Já não a ouço – acabei de ter uma ideia.

- Talvez se possa fazer alguma coisa – interrompo-a.

Fita-me com um meio sorriso para perceber se estou a falar a sério ou a brincar.

- Tens de perguntar ao teu filho se tem provas de que trabalhou lá, se há alguém disposto a testemunhar. Talvez se pudesse meter esse tal homem em tribunal.

- A sério? – questiona ela, e as pupilas iluminam-se-lhe.

- Eu disse «talvez»...

- E como?

- Bom, diz-me como se chama o patrão e trata de arranjar algumas provas de que o teu filho lá trabalhou.

Ela estica a mão em direção à minha e retraio-me por instinto, antes que uma espécie de arrependimento me acometa. Só que, nesse entremeio, já a Rossana voltou atrás na conversa.

- Qual era a tua profissão? Eras advogado?

Agora sou eu que me rio.

- Por amor de Deus! A minha filha é advogada – eu sou um transformista.

- E o que é isso?

- É uma pessoa com habilidade para os disfarces. Um camaleão.

Ela olha para mim com um ar confuso antes de rebater:

- De qualquer maneira, resolvias-me um problema muito grande. Não faço mais nada senão pensar nisso todo o dia!

- Bem, eu não garanto que a situação se vá mesmo resolver, mas vou falar com a minha filha Sveva. Caramba, não tem outra ocupação na vida que não seja litigar com o próximo! Vais ver, o teu filho vai recuperar o emprego. Ou, pelo menos, aquilo a que tem direito.

Uma mão dela pousa-me no braço. Desta vez não posso recuar, seria demasiado.

- E porque é que fazes isso por mim? Porque ajudas o meu filho? Porque me convidas para jantar?

Demasiadas perguntas põem-me nervoso, sobretudo quando não sei as respostas. Não sei por que razão me apetece ajudá-la, mas de repente parece-me a atitude mais correta. Levanto-me sem fazer mais comentários e dirijo-me ao quarto para ir buscar a roupa. Ela aparece à entrada e observa-me, silenciosa,

durante algum tempo; depois, sai-se com outra pergunta:

- A proposta ainda é válida?

- Qual? - respondo, ao mesmo tempo que, com o olhar, percorro as peças de roupa espalhadas pelo aposento.

- O convite para jantar.

Para ser franco, agora já não tenho assim tanta vontade. Ou porque acabei de engolir uma omeleta de três ovos ou porque a esta hora da noite a maior parte dos idosos está a rressonar pacificamente na cama, a verdade é que jantar com a Rossana e falar sobre o Dante e a Sveva já não me parece assim tão fascinante. Só que é tarde para recuar.

- Claro - respondo e, a custo, inclino-me para apanhar as meias do chão.

A Rossana chega e abraça-me por detrás. O enorme peso dos seus seios faz-me oscilar e por um instante receio ir parar ao chão, com os ossos escacados, mas depois consigo recuperar o equilíbrio.

É a primeira vez que me abraça mas, de resto, também é a primeira vez que como em casa dela e que lhe falo dos meus filhos. A situação está a escapar ao meu controlo. Volto-me, na esperança de que perceba e se afaste, mas ela não se mexe nem um milímetro. Continuamos abraçados, os rostos a poucos centímetros de distância, como dois adolescentes num banco à porta da escola. Ela fixa os meus olhos, eu, o seu peito. Se eu erguesse o olhar, o passo mais natural seria beijá-la. Só que um velho como eu não pode beijar uma mulher. Para tudo há um limite.

Felizmente, a Rossana é vivida e sabe quando é o momento de quebrar o encanto. Apercebeu-se de que continuo a olhar-lhe para os seios, e sai-se com a melhor pergunta da noite:

- Que achas de darmos outra?

Penso um instante e concordo. Na realidade, não acho que o meu companheiro lá de baixo esteja pelos ajustes: lá ir treinando pode ser, mas forçar demasiado o motor é má ideia. Só que nunca o admitiria, nem mesmo à Rossana. Então respondo:

- Está bem, mas antes pegas num cobertor e tapas o espelho!

Hambúrguer de soja

- Pai, abre, sou eu!

Carrego no botão do intercomunicador e fico a olhar para a parede branca na tentativa de dar uma resposta à pergunta que anda às voltas no meu cérebro: o que é que o meu filho está aqui a fazer? E a esta hora insólita? Felizmente, não preciso de esperar muito; quando abro a porta ele já está no patamar com dois sacos de compras na mão.

- Olá - começo -, com que então por estes lados?

O Dante não responde; fecha a porta do elevador com um pé, sorri e ultrapassa-me para se ir enfiar na cozinha. Vou atrás dele, à espera de uma explicação. Pousa os sacos em cima da mesa e sorri para mim mais uma vez. Só nesse momento me apercebo como está vestido. Traz umas calças beges afuniladas, uma espécie de botins pretos com pregos nos pés e uma camisa cor de salmão ou coral, aquele tom que só vi em tias velhas ou naqueles *bibelots* inúteis com os quais essas mesmas tias enchiam as suas casas.

- Tive que fazer um recado para estes lados e lembrei-me de te trazer qualquer coisa do supermercado aqui em baixo. Assim não és obrigado a transportar os sacos.

- Existe a entrega ao domicílio - é a única frase que me sai da boca, e no preciso momento em que a pronuncio sinto-me um idiota.

Felizmente, o Dante não parece fazer caso das minhas respostas pouco simpáticas; arregaça as mangas da camisa e começa a tirar os produtos dos sacos.

- Então, como é que vai isso? Novidades?

- Nada de novo - resmungo, enquanto o observo a encher a mesa de produtos que é raro consumir.

- Não sabia bem de que é que precisavas, por isso trouxe um pouco de tudo - continua, como se nada fosse.

Se há uma coisa positiva nas minhas relações com o meu filho é que com ele não sou obrigado a fingir; posso ser eu próprio, o mesmo antipático de sempre. De facto, e apesar da minha evidente sociopatia, o Dante continua o seu caminho e não se preocupa com aquilo que eu faço ou digo na sua presença. É como se tivesse desenvolvido uma couraça contra a qual cada frase minha, ou gesto, faz ricochete.

- A tua irmã como está? Tens falado com ela?

Desta vez responde-me com um «não» seco que não admite mais questões. Eu já devia saber que a única coisa que o Dante não suporta mesmo é que lhe façam perguntas sobre a irmã. «Porque é que estás sempre a perguntar por ela? Pega no telefone e liga-lhe!» Esta é, habitualmente, a réplica que ele dá. Ou, pelo menos, foi-o durante anos. Nos últimos tempos, porém, parece ter-se resignado e murmura um simples monossílabo. Percebi que mudar os hábitos de um velho é uma coisa árdua: pergunto-lhe pela Sveva desde sempre e creio não ser capaz de deixar de o fazer. Na verdade, nem sequer me interessa saber da minha filha, que me liga com assiduidade; é que não sei sobre o que falar com o Dante, pelo que me parece mais natural aludir à Sveva. Ela sempre esteve no meio de nós; a presença dela, e até a sua ausência, são marcantes.

- Trouxe-te alguns produtos dietéticos: sal sem sódio, maionese de arroz... - continua ele, enquanto empilha latas de tomate pelado, umas em cima das outras.

- Tenho comida para um ano - comento, e fico a vê-lo terminar aquela operação em silêncio.

Por fim ele volta-se e exclama:

- Acho que estás em grande forma!

- Tu também - esforço-me por responder, e tento desviar o olhar da camisa.

Felizmente, o tempo de que o Dante dispunha para tratar do pobre pai que vive sozinho já terminou.

- Muito bem, vou-me embora. Falamos logo, ou amanhã! - exclama, e pousa-me uma mão no ombro.

Neste momento, um pai exemplar puxaria o filho para si e abraçá-lo-ia com vigor, para depois lhe dizer que ele é o seu orgulho. Mas, tirando o facto de que cenas assim só em filmes americanos, eu estou o mais distante possível de um pai exemplar; por isso, fico imóvel até que, ao virar-se, o Dante repara no maço de cigarros em cima do balcão. A sua expressão muda de repente.

- Para que é que tens ali aquilo? - pergunta.

- O quê? - Finjo que não percebi, para ganhar tempo e procurar uma justificação plausível.

Na verdade, depois do enfarte não voltei a fumar diante dos meus filhos, precisamente para evitar o sermão que daqui a pouco vai com certeza chegar, a não ser que entretanto eu arranje uma boa desculpa.

- São do Marino - respondo. - Para quando cá vem ter comigo.

- Mas tu não disseste que ele já não saía de casa?

O Dante tem um grave defeito: lembra-se de tudo o que lhe contam.

- Bem, sim; isto é, já não vai à rua, mas ainda é capaz de subir um andar.

O Dante parece acreditar naquela mentira despudorada, mas esclarece, ainda assim:

- Não faças disparates, pai, por favor; olha que já não és nenhuma criança.

- Se tu achas - rebato, enquanto o acompanho à porta.

- Olha, no sábado... - começa o Dante; todavia, do elevador que acaba de chegar ao patamar sai a Emma, que não parece ficar muito feliz com o encontro; cumprimenta-nos à pressa e fecha a porta de casa atrás de si.

- É gira, a tua vizinha! - exclama o meu filho logo a seguir, e o gracejo deixa-me perplexo. É a primeira vez, de facto, que o Dante deixa escapar um comentário daquele género sobre uma mulher na minha presença. Por um pequeníssimo instante quase duvido da sua homossexualidade; depois, o meu olhar cai de novo na camisa coralina e percebo que não pode haver incertezas. E, de facto, até um *gay* pode achar uma mulher atraente. E esta Emma é-o.

- Apesar de não parecer muito simpática.

Faço uma careta para lhe dar a entender que me estou nas tintas para a simpatia da minha vizinha; ele despede-se e entra no elevador.

- Só mais uma coisa... - exclamo.

O Dante espreita e fica a olhar para mim.

- Da próxima vez não me trates como um velho senil de que é preciso tratar, porque eu não te abro a porta!

Ele desata a rir e carrega no botão.

É mesmo bonito, o Dante, quando se ri. Felizmente, isso acontece com frequência.

Sempre preferi a Sveva; só que, neste instante, já não seria capaz de explicar porquê.

Toco à campainha e ouço os tacões da Emma a aproximarem-se da porta. Depois o óculo fica escuro e percebo que a rapariga está a fitar o meu rosto. Por isso sorrio e exclamo:

- Olá, sou o Annunziata, o seu vizinho...

Ela abre e sorri-me com simpatia. No entanto, apesar dos bons modos, vê-se que não ficou satisfeita com o meu gesto. Talvez pense que eu sou um daqueles velhos chatos que estão sempre a tentar chamar a atenção dos outros, ou que estou a tentar uma aproximação para depois me aproveitar da disponibilidade dela. Sossega, querida, não tenho a mínima intenção de travar amizade contigo e com o teu marido, não suportaria os vossos convites para jantar, os cuidados e os olhares piedosos. Só preciso de me libertar destas coisas, mais nada; depois, e pela parte que me toca, podemos continuar a cumprimentarmo-nos só com bons-dias e boas-noites.

Era este o meu objetivo. No entanto, exclamo:

- O meu filho trouxe-me alguns produtos dietéticos e biológicos que eu não uso. Sabe, no meu tempo não existiam todas estas coisas esquisitas - exclamo, extraíndo do saco uma embalagem de hambúrgueres de soja. - Sempre comi hambúrgueres de vitela e ainda cá estou - prossigo com um sorriso -, por isso não me apetece começar agora a preocupar-me com a minha saúde. Pensei que lhe pudessem dar jeito...

Desta vez, quando agarra no saco que lhe estendo, o sorriso da Emma é genuíno.

- É muito simpático - comenta.

- Podia ter batido à porta da Eleonora - acrescento, indicando com a cabeça a porta fechada ao nosso lado -, mas acho que ela também não ia saber cozinhar estes bruxedos.

Sorri-me de novo. Devo dizer que o meu filho, apesar de tudo, tem olho: a rapariga é realmente especial, com uns cabelos escuros e lisos que lhe caem macios sobre os ombros, um corpo pequeno mas proporcionado, olhos rasgados e boca carnuda. E depois tem um defeito que contribui para tornar a sua beleza original: um incisivo partido que lhe dá um toque agressivo e sensual. Se eu tivesse metade da idade, talvez perdesse algum do meu tempo a fazer-lhe a corte.

- Aquele era o seu filho? - pergunta.

- Era, sim - respondo de repente, e depois fico a avaliar-lhe a expressão para perceber se lhe bastou um olhar para se dar conta de que o Dante é *gay*.

- Tenho uma panela ao lume - afirma ela então, o que me afasta dos meus absurdos pensamentos.

- Vá lá, vá lá - rebato, e acompanho as minhas palavras com um gesto no ar.

No instante seguinte reparo num movimento atrás do óculo da porta da Eleonora. A Sra. Vitagliano estava concentrada numa das suas atividades preferidas: a coscuvilhice.

- Velhos danados - murmuro para os meus botões enquanto regresso a casa -, ficam colados a olhar

para o mundo atrás do óculo da porta!

Gosto de me pôr à parte. Faz-me sentir diferente.

E decididamente melhor.

Nasci doce e vou morrer intratável

Tenho um pressentimento: a minha vizinha Emma é maltratada pelo companheiro. Ou pelo marido. Em suma, por aquele imbecil com quem coabita.

Eu sou velho, e os velhos são de hábitos, não gostam de novidades. É porque pensamos sempre que as coisas vão piorar em vez de melhorar, um ensinamento que o corpo nos dá ao longo dos anos. Por isso, quando o jovem casal chegou aqui, eu torci o nariz – julgava que iam estragar-me o sossego organizando banquetes, jantares, aniversários e sei lá o que mais. Na idade deles qualquer desculpa é boa para festejar, e o aniversário ainda é visto como uma meta que logo se deita para trás das costas para perseguir a seguinte. Na idade deles ainda não se percebeu que sim, é importante atingir o objetivo, mas que não há pressa, não é preciso bater nenhum recorde. Mais vale chegar ao fim em passo lento, apreciar a paisagem, manter um ritmo cadenciado e uma respiração regular durante todo o percurso, para depois encerrar a corrida o mais tarde possível. Porque eu não sei se os jovens sabem, mas uma vez cortada a meta, não há ninguém que nos venha enfeitar o peito com uma medalha.

Só que afinal estava enganado: nem uma festa ou um convite para jantar, nem sequer um aniversário. O casal do lado tem estado mudo como um peixe; nunca há uma voz fora do sítio, o volume da televisão demasiado alto, o saco do lixo pestilento deixado fora da porta. Um casal invisível, em suma.

Até hoje.

Antes deles morava ali uma família composta por mulher, marido e três filhos pequenos. Um inferno: aquelas pestes choraram ininterruptamente durante quatro anos, os piores da minha vida. Ser vizinho de uma família que desenfora um recém-nascido por ano foi uma aventura: como ser pai pela segunda vez, aliás, contando com a Sveva e com o Dante, pela terceira, pela quarta e pela quinta vez. A verdadeira catástrofe foi que o quarto deles confinava com o meu. Moro no Vomero, um bairro numa colina de Nápoles, onde o ar é bastante limpo e de verão se sente alguma frescura. Só que há um problema, um grande problema. O meu prédio foi construído nos anos sessenta, durante o *boom* económico, com pouco cuidado e muita superficialidade. Em suma, as paredes só servem para separar, não para isolar. A vida é uma partilha contínua com os vizinhos: o choro das crianças do lado, o chichi e o autoclismo da senhora de cima, um ataque de tosse do Marino, o velho (é mesmo caso para lhe chamar isso) amigo que vive por baixo dos meus pés. Aqui, para quem tem o sono leve, até um traque dois andares acima é suficiente para acordar.

Ao fim das primeiras três noites em branco agarrei na almofada e transferi-me para o sofá. Depois um dia os simpáticos vizinhos convidaram-me para jantar, talvez por pensarem que eu era um velho solitário e necessitado. O facto de eu estar sozinho era, e é, verdade, mas não preciso de ajuda nenhuma. Em todo o caso, fui obrigado a responder que sim e a passar um serão na companhia daqueles chatos que me roubaram horas de sono. Eles achavam que eu me ia enternecer perante aquelas pequenas criaturas, que era um daqueles velhos senis que se agarram a quem ainda tem uma vida pela frente para não pensarem na morte. Em suma, esperavam que o meu coração fosse menos áspero. Estavam enganados. Por norma diz-se que o tempo amacia o carácter, sobretudo no que respeita aos homens. Muitos pais severos transmutam-se em avós afetuosos. A mim aconteceu-me o contrário: nasci doce e vou morrer intratável.

Mas estou a aperceber-me de que fugi ao tema. Estava a falar do novo casal de vizinhos e do facto de ele, em minha opinião, lhe bater. Como já expliquei, durmo pouco e mal. Anteontem à noite ainda estava às voltas no meio dos lençóis quando os dois começaram a discutir. De início só se ouvia a voz alterada dela e depois, a certa altura, também ele começou a lançoar. Ao fim de algum tempo ouvi um baque, como se um objeto pesado tivesse caído ao chão, e depois o silêncio. Fiquei curioso e aproximei o ouvido da parede. Não creio que me engane se vos disser que ela estava a chorar e que ele a consolava. Na manhã seguinte, quando tentava a abrir a caixa do correio, chegou a Emma. Trazia uns óculos escuros e vinha a fixar o chão. Assim que me viu, virou costas e quase voou pelas escadas.

– Bom dia – cumprimentei, mas ela já estava longe.

Tenho a certeza de que lhe vi um dos olhos pisado e inchado; por isso, quando cheguei ao patamar tive vontade de lhe bater à porta para saber se estava tudo bem. Cheguei a estender a mão para a campainha, mas mudei de ideias no último momento. Sempre tratei só dos meus assuntos e dou-me bem com isso – porque havia agora de me aventurar em coisas que não me dizem respeito? Até porque ela, a minha vizinha, é maior e vacinada: se o marido lhe bate, é livre de se ir embora. Durante o resto do dia esqueci-me da história, até que hoje de manhã voltei a encontrar-me no patamar com a rapariga, que estava à procura das chaves na carteira, de costas voltadas para mim. Ao meu cumprimento respondeu com um

sorriso apressado que não lhe permitiu esconder o lábio inchado e com mau aspeto.

É verdade, sou antipático; se um dos meus filhos alguma vez tiver a coragem de subir àquela coisa onde se fazem as homilias para se aventurar numa listagem das minhas qualidades, não creio que me possa definir como um homem sociável. Não odeio as pessoas, é só que vivo demasiado ocupado comigo para me poder dedicar aos outros. A Caterina confirmava-o com esta afirmação: «Não és mau, és apenas egoísta.» Nunca concordei com ela. Um egoísta é alguém que persegue o seu próprio bem-estar a qualquer custo, e eu nunca atingi esse bem-estar. Até nisso falhei.

Mas falávamos da minha vizinha. A violência sobre as mulheres é um daqueles temas de que se ouve falar no telejornal, algo distante da vida de «gente comum» como nós. Um pouco como o homicídio: é difícil que alguém das minhas relações morra assassinado, é mais fácil ser apanhado por um raio enquanto ajusta a parabólica.

Enfim, agora esta bendita mulher incomoda-me bastante, porque não posso fazer de conta que não se passa nada, sobretudo quando ela insiste em circular pelo prédio com o rosto tumefacto. Por isso decidi intervir, apesar de não saber ainda como.

Acho que vou falar sobre isto com o Marino, pode ser que ele tenha alguma ideia.

Apesar de ser mais fácil o sol não nascer amanhã.

O não feito

O Marino é um daqueles velhos chatos que os netos gozam: está sempre a repetir as mesmas histórias do antigamente, é mouco, não percebe a linguagem dos jovens e não sabe usar um computador. No entanto, ao contrário de muita gente da idade dele, tem um computador, bem à vista em cima da secretária do escritório. Sempre perguntei a mim mesmo para que lhe serviria, uma vez que para ele a máquina de escrever já fora um salto no escuro, mas depois soube que pertence ao neto, ao Orazio, que de tarde vai muitas vezes para ali estudar.

O Marino já passou os oitenta, tem um hálito podre, sem dentadura não consegue alinhar uma sílaba, e às vezes faz chichi pelas pernas abaixo. Em suma, um desastre. Mas é também uma excelente pessoa e muito boa companhia. É certo que com ele não se dão grandes gargalhadas, mas é alguém com quem se pode falar, que, apesar de não ouvir, escuta, e que por vezes dá bons conselhos. Abreviando, na minha vida o Marino é uma figura que se situa entre um terapeuta com o qual disseco as minhas ânsias e um padre a quem confio os meus pecados. O mais engraçado é que, em relação a ambos – psicólogos e sacerdotes –, sempre tive grande embirração.

– E se ele percebe que fomos nós que lhe mandámos a carta? Se consegue lá chegar pela letra? – pergunta o meu amigo num tom inquieto.

Eu bufo. Esqueci-me de acrescentar que o Marino é um sujeito muito ansioso, e a mim os sujeitos ansiosos causam-me, enfim, alguma ansiedade. Portanto, às vezes a nossa amizade entra num círculo vicioso que gera perturbação sem que exista um motivo real para tal e, sobretudo, sem que se consiga perceber aquilo que a desencadeou.

– Mesmo que eu não acredite que eles fossem incomodar os Serviços Secretos por causa de uma mensagem nossa, também considerarei essa hipótese. Foi até por isso que cá vim.

Ele olha para mim com um ar interrogativo, apesar de já estar habituado às minhas afirmações excêntricas.

– Vamos usar o teu computador! – acrescento pouco depois, com um sorrisinho malicioso.

Ele não responde, abana a cabeça de um lado para o outro e bate com as mãos nos braços desgastados da poltrona. Conheço o Marino há cerca de quarenta anos, metade da sua vida. Pois bem, durante todo este tempo nunca lhe vi trocar nem sequer o forro da sua adorada poltrona.

Por fim resmunga:

– Tu és louco! Não sabes que com um computador é facilímo chegar ao responsável? Apanhavam-nos no dia seguinte!

Reflico. Não tenho a certeza se será assim tão fácil como ele sugere, mas parece tão seguro de si que quase me convence.

– E como é que tu sabes, se nem sequer consegues ligar um computador?

– Foi o Orazio que me explicou.

Então deve ser verdade. Vai ter que se voltar ao plano inicial: escrever uma carta à mão e enfiá-la na caixa do correio. A ideia surgiu-me ontem à noite na cama, enquanto, como sempre, esperava pelo sono. Pensei que aquele desgraçado que bate na mulher precisa de saber que há alguém que está a par disso; assim, da próxima vez talvez pense duas vezes antes de levantar a mão.

À rapariga, voltei a vê-la no supermercado por baixo do prédio. Eu deambulava pelo meio das prateleiras, ela estava no balcão da charcutaria. Quando reparou em mim, voltou-se de repente e virou-me as costas, mais uma vez. Acho que tem vergonha, talvez tenha percebido que eu entendi o que se passa.

De qualquer maneira, não podia perder aquela oportunidade. Agarrei no atum em promoção e dirigi-me a ela, passei-lhe por detrás e sussurrei:

– Eu sei.

Depois continuei como se nada fosse, sem sequer me virar para confirmar se ela tinha ouvido.

Gosto de me armar em misterioso.

– E de qualquer maneira eu nem sequer ia saber como imprimir uma carta. Mas tu tens assim tanta certeza disso? Não se pode acusar um homem de maus-tratos sem provas. Podemos arruinar-lhe a vida!

Há um outro aspeto do carácter do Marino de que eu não falei: é bom, demasiado bom. Às vezes parece-me que estou a conversar com o Federico, o meu neto. Se calhar é verdade que a vida dá uma volta completa e que no fim se regressa ao ponto de partida; se olharmos com atenção, conseguimos

descobrir os mesmos medos num velho de oitenta anos e num recém-nascido.

- Nós não temos de o denunciar. Só fazemos um bocado de pressão. Se não é verdade que bate na mulher, e eu apenas fui sugestionado, vai dar uma gargalhada e pronto. Mas se, como eu penso, é culpado, vai começar a estar mais atento.

- Cesare, tu gostas de te armar em detetive e há certas situações que te divertem. A mim não; eu quero é que me deixem sossegado, os entusiasmos não são para mim.

É verdade, gosto de brincar às investigações. E não só. Adoro transformar-me noutras pessoas, assumir identidades diferentes, viver de uma forma fantasiosa. Talvez porque até uma certa idade passei uma vida relativamente «normal», sem emoções particulares. O problema é que quando a gente chega ao fim vêm visitar-nos de noite muitas vozinhas irritantes que sussurram de uma forma insistente: *Mexe-te, não apodreças em casa, faz qualquer coisa tola, tenta remediar todo o «não feito» da tua mísera vida.*

Pois, precisamente, o «não feito». Demorei mais de setenta anos para perceber que é ali que eu estou, no não feito. A minha verdadeira essência, os desejos, a energia e o instinto estão conservados em tudo aquilo que deveria ter feito. Não é bom ouvir repetir que errámos muito, que jogámos mal todas as cartas e que nos levantámos sempre da mesa quando deveríamos ter ido a jogo, ainda que nos arriscássemos a perder todas as fichas que tínhamos à frente. Porque depois não é nada simples recuperar o tempo perdido, em poucos anos ter de endireitar toda uma vida. Praticamente impossível. É curioso, quando se começa a perceber como correm as coisas é que toca o gongo, como se num concurso de televisão começássemos a jogar nos últimos trinta segundos, tendo passado os três minutos anteriores a olhar para ontem.

- Marino, tu já tens oitenta anos e, que eu saiba, entusiasmo sempre te faltou. Há uma década que estás sentado nessa poltrona, de tal maneira que, quando te levantas, o teu corpo fica encastado lá. Não achas que antes de morreres devias fazer qualquer coisa de insensato?

Ele observa-me e tamborila com os dedos no braço da poltrona. Eu aguento aquele olhar; de qualquer maneira sei que vai ser ele o primeiro a capitular. E, de facto, pouco depois inclina a cabeça e sussurra:

- Está bem. Mas aviso-te já: se me vierem cá buscar, conto-lhes que a ideia foi tua!

Um clássico do Marino: fazer as coisas pela metade. Quem sabe se também no sexo deixava o discurso em aberto. Na minha opinião, na escola devia ser um daqueles rapazes que se contentavam com um suficiente. Faltava-lhe a coragem para não estudar, mas, ao mesmo tempo, não lhe interessava saber - desejava apenas atingir o mais depressa possível o objetivo, para assim o deixarem em paz. Se fosse uma composição, o Marino seria um trabalho de duas paginazinhas, o mínimo exigido. Eu, pelo contrário, poderia assumir, também neste caso, dois aspetos diferentes: composição de oito páginas ou folha em branco. Ambas as possibilidades seriam do meu agrado.

- Nós não vamos ter de entrar num banco com um passa-montanhas, só precisamos de escrever uma carta de advertência. Ademais, vamos fazê-lo por uma causa justa. Não queres ajudar uma pobre rapariga?

Ele assente, mas vê-se que não está muito convencido.

- Mas a sério que não percebeste de quem estamos a falar? Nunca a encontraste nas escadas? - pergunto com surpresa.

Ele limita-se a abanar a cabeça, negando.

- Pois é, como é que a podias ter visto? Há quanto tempo é que não pões o nariz fora desta espelunca?

- Não é uma espelunca! - responde, esticando o busto na minha direção.

Tem razão, não é nenhum pardieiro; mas o meu amigo anda a precisar de uma estalada em cheio na cara.

- Sim, Marino, esta casa é uma espelunca, a tua vida é uma espelunca. Ainda não morreste, não percebes? O mundo continua a existir lá fora, não caiu nenhum asteroide nos últimos dez anos. Ainda existem as ruas, as árvores, as montras e as mulheres bonitas.

Devia ter ficado furioso. Eu, no lugar dele, ficaria: ter-me-ia levantado e agarrado o meu interlocutor por um braço, dirigindo-lhe uma série de impropérios - talvez até o esbofeteasse - e pondo-o fora de casa. Mas depois vestia o sobretudo e descia as escadas. O Marino não faz nenhuma dessas coisas: não se zanga, não me dá uma bofetada e nem sequer se mexe da poltrona. Olha para mim e sorri. Gosta muito de mim, o velhote, como eu dele, mas não vou morrer aqui dentro para lhe fazer companhia. Levanto-me e dirijo-me à porta. Ele detém-me.

- Estava a pensar... Talvez pudesse ligar ao Orazio, ver o que ele pensa, se realmente podem chegar a nós através do computador. Até nos podia ajudar a escrever a carta.

- Sim, ótimo - respondo -, acho boa ideia.

- Então logo à noite telefono-lhe e depois digo-te qualquer coisa.

Fecho a porta e dirijo-me ao andar de cima. Não uso o elevador; tenho de me manter em forma se quiser continuar a armar-me em imbecil. No primeiro degrau toca o telemóvel.

- Pai?

- Olá, Dante - respondo, com a respiração alterada. Ou falo, ou ataco as escadas. Decido parar a poucos degraus da meta.

- Como estás?

- Bem.

- Olha, no outro dia esqueci-me de te dizer que no sábado à noite há uma inauguração de uma exposição importante. Queres vir?

- Há comida?

- Sim, claro; de contrário não te ligava - responde, com um suspiro.

- Está bem. Quem é o artista?

- O Leo Perotti, um pintor emergente que já expôs em Berlim. Gostava de to apresentar.

Nunca ouvi falar, mas admito que não sou um grande especialista em Arte. Se em vez do Perotti fosse o Picasso a expor, eu receberia a notícia com o mesmo estado de espírito. O Dante, pelo contrário, parece eufórico; o tom de voz é demasiado alto, quase estridente, como uma mulher em fase pré-menstrual.

- Está bem, lá estarei - respondo.

Gostava de parecer mais entusiasmado, mas não consigo. Estou sempre a lembrar-me de que tenho de me comportar de maneira diferente com o Dante, mas depois, quando o vejo ou falamos ao telefone, não mudo um milímetro. Continuar a armar-me em intratável com os meus filhos é o único expediente que me resta; mudar de abordagem comportaria um dispêndio de energia notável. E eu preciso dessa energia para outras atividades.

- A Sveva também vai? - acrescento depois.

- Não sei - bufa. - Disse que, se conseguir, passa por lá.

Fico em silêncio, sem mais argumentos. Felizmente é ele que dá o passo seguinte.

- Nunca mais é sábado, estou demasiado excitado!

Excitado com quê, não consigo entender, nem mesmo se ele mo explicasse. O meu filho tem uma galeria de arte em pleno centro histórico, um sítio simpático e na moda, frequentado por gente razoavelmente estranha, para ser franco. Em todo o caso, aprecio o seu trabalho, só que nunca lho confessaria. Eu sei, está errado, mas eu sou assim, não consigo dizer aquilo que deveria ser dito. Algumas vezes tentei, mas as palavras ficaram-me na ponta da língua antes de saltarem de novo pelo esófago abaixo.

- Fico contente por ti - respondo, sem grande convicção.

Ele parece aperceber-se disso, porque fica um instante em silêncio; depois, despede-se e desliga. Tenho orgulho no Dante, na sua personalidade, no seu trabalho e na maneira de agir. Em alguns aspetos considero-o, agora, melhor do que a irmã, e no entanto continuo a ter mais confiança com ela, é mais simples interagir com uma mulher, apesar de a minha filha ter o seu feitiozinho. Quando eram pequenos, a Caterina censurava-me por causa da minha descarada preferência pela Sveva, e por isso ela, para contrabalançar os efeitos, ligou-se ao segundo. Na realidade eu não escolhi: o Dante chegou no momento em que a Sveva desabrochava como menina e começava a relacionar-se comigo, a falar, a brincar, a abraçar-me. O Dante, ao pé dela, fazia-me lembrar um daqueles bonecos que olham para nós, indefesos, nas montras das lojas. Em suma, sem querer, a Caterina e eu dividimos os filhos e as tarefas. Ela tratava do Dante, eu da Sveva. Ele virou homossexual, ela, egocêntrica e neurótica.

- Se tu ainda cá estivesses, devíamos inverter os papéis. Talvez assim conseguíssemos remediar um pouco os danos causados! - exclamo quando chego a casa.

As minhas palavras ecoam no corredor vazio.

- Apesar de eu achar que é demasiado tarde. Devíamos ter pensado nisso mais cedo. Culpa tua, que não querias mudar, nunca tinhas dúvidas e pensavas que na vida só há um carril a seguir. Eu, deves admiti-lo, já nessa altura escoiceava. Se me tivesses dado ouvidos, talvez as coisas tivessem corrido de outra forma.

As paredes não me respondem. É melhor assim; pelo menos, não podem argumentar que não tenho razão. O relógio da cozinha, entretanto, continua a marcar os segundos. Nunca me tinha apercebido, mas nesta casa o silêncio é dono e senhor.

Ninguém pode ser salvo se não quiser

Um dos gatos da Sra. Vitagliano de vez em quando vem-me visitar. O bendito felino sai para o parapeito, circum-navega o prédio e enfia-se em minha casa. Acho que a culpa também é da Emma, que faz com que ele encontre sempre a janela fechada, de forma que o bichano é obrigado a percorrer mais uns metros para encontrar uma alma que acolha o seu desejo de fugir do afeto obsessivo da Eleonora. E se, como agora, as portadas estão fechadas, fica lá fora a esgadanhando até que eu sou forçado a abrir.

Um rico problema, em suma, mas também uma companhia. Levanto-me e agarro-o pela coleira, para depois o instalar na cama. São três e meia da manhã e nem pensar em pregar olho. O gato chama-se *Fuffy*, mas eu apelidei-o de *Belzebu*. *Fuffy* como nome é um nojo, só uma mulher o podia escolher.

No prédio ninguém suporta a Eleonora Vitagliano por causa dos gatos vadios. A verdade é que aqueles felinos eram capazes de se atirar do quinto andar por ela. E até gostava de ver. Enche-os de comida de manhã à noite! Não me admirava nada se um daqueles desgraçados sofresse de colesterol ou diabetes.

Mas mesmo assim, eu gosto da velha dos gatos; quando era nova, até era simpática. Hoje em dia é mais desagradável e está menos disponível em relação ao próximo, mas não incomoda muito e é boa para com os animais. E se eu tivesse chegado à minha idade sem me aperceber do quanto os bichos merecem o nosso respeito, isso significaria que não percebi nada sobre a forma como funcionam as coisas.

De qualquer maneira chamei *Belzebu* ao bicho porque é todo preto e tem uns olhos que refletem cintilações vermelhas. Resumindo, é um diabo que vagueia pelo prédio à procura de qualquer humano estúpido que lhe ofereça uma bela caixa de biscoitos. Eu, croquetes, não tenho, mas aquele seu miar incessante no silêncio da noite enerva-me. Vou à cozinha e fico paralisado perante o espetáculo desolador do frigorífico que alberga apenas três ovos, um bocado de fiambre, uma embalagem de queijo fatiado, uma garrafa de vinho e leite. A escolha recai sobre o fiambre e sobre o leite. Sento-me à mesa da cozinha e atiro o fiambre ao meu amigo, que o devora num instante e depois fica ali, parado, a olhar para mim com uns olhos suplicantes.

- Lamento muito, meu lindo, não tenho mais nada para te oferecer, deves dar-te por satisfeito.

Sirvo-lhe um pouco de leite e, a mim, de vinho; entretanto, detenho-me a refletir sobre aquela cena mais ou menos ridícula: estou sentado a meio da noite na companhia de um animal, cada um de nós com o focinho enfiado numa bebida. Felizmente, a minha é muito melhor.

Não me importava nada, ainda assim, de ser um gato, uma criatura que nunca se liga verdadeiramente a ninguém, que «decide» amar porque, no fundo, não tem necessidade disso e sabe arranjar-se sozinho. Gosto dos tipos que se amam sem chatear os outros. Pois é, se eu tivesse que renascer animal (o que, atendendo aos meus numerosos pecados, é uma eventualidade a não descartar), gostava de ser um gato. Arranjava eu também uma mulher para sugar e andava o dia inteiro à procura de alguma gatinha para cortejar. Seria um daqueles felinos sujos, com a cabeça grande e os olhos escuros, que vagueiam pelo meio dos contentores do lixo como os leopardos entre as árvores da savana. O Marino, pelo contrário, seria um persa ou um siamês; em suma, uma daquelas raças que se adaptou à vida doméstica, tornando-se incapaz de viver na rua. Um persa levou gerações para se transmutar num degenerado que precisa dos outros; ao Marino, pelo contrário, bastou-lhe uma única vida.

Um golpe surdo ressoa no patamar. O *Belzebu* vira-se só um instante e regressa logo ao leite. Eu levanto-me e avanço pelo corredor.

- Estúpida, abre!

Espreito pelo óculo e vejo-o a ele, ao agressor, a dar murros na porta da casa ao lado e a praguejar.

- Maldita, abre imediatamente, senão ainda te vais arrepender!

Parece bêbedo. Tenho de fazer alguma coisa, mas, se refletir demasiado sobre o assunto, não faço nada.

Abro a porta.

Ele vira-se e olha para mim como se tivesse acabado de ver um marciano a descer de um ovni.

- Então? Que maneiras são essas de se dirigir a uma senhora?

Não sei no que é que me estou a meter, atuo por instinto. Em alguns casos, ou a gente se deixa guiar por ele, ou não faz nada.

- Que raio é o teu problema?

Tresanda a álcool e parece-me também bastante irritado. Se calhar devia fechar a porta e voltar ao meu vinho, mas sou demasiado orgulhoso. E depois, caramba, quem é que ia ter coragem para bater num pobre velho?

- Acordou-me e também está a incomodar a sua mulher; aí está o meu problema!

Ele aproxima-se e fixa os olhos nos meus. Depois, com um hálito fétido, exprime o seu pensamento:

- Vai-te foder!

O Marino, no meu lugar, baixava os olhos, pedia desculpa e recuava até entrar em casa. Mas sou eu que estou aqui, e Cesare Annunziata é muito diferente dos outros velhos. Se alguém me calca o pé, reajo, mesmo correndo o risco de ficar sem a perna. Então enceno uma das minhas clássicas atuações, uma das que me saem melhor.

- Seu imbecil, está a falar com um general reformado! Veja lá se modera o tom, porque eu ainda lhe tiro essa expressão idiota da cara!

Ele recua e eu produzo um esgar de satisfação. O general do exército funciona sempre. O cretino prepara-se para contestar, mas nesse preciso momento, a porta abre-se e ela aparece. O homem concentra toda a raiva acumulada no olhar que dirige à mulher, depois atira-se para dentro de casa e desaparece. A Emma, pelo contrário, continua à entrada e vira-se para mim. Sorrio-lhe, orgulhoso de mim mesmo, só que ela não parece assim tão contente.

- Mas o que é que o senhor quer de mim? Meta-se na sua vida, ninguém lhe pediu nada!

E fecha a porta. Continuo no patamar, ainda com aquele meio sorriso estampado no rosto, depois bufo contrariado e volto para dentro, dirigindo-me à casa de banho. Preciso de urinar, como sempre acontece quando me zango ou fico abalado. Sento-me na sanita e chega o *Belzebu* a esfregar-se contra as minhas pernas enrugadas. Volto-me para ele, o meu único interlocutor:

- E eu que quase me deixava matar para a defender! Sou um velho estúpido e romântico. Ninguém pode ser salvo se não quiser. Em quase oitenta anos ainda não o entendi!

O *Belzebu* fita-me, perplexo, depois decide não perder tempo com um velho senil que fala sozinho e começa a lambar uma pata. Sempre achei aquilo uma maneira genial de alguém se lavar: económico, não suja o ambiente e não faz perder tempo. Deviam ter-nos feito desdobráveis e com a língua preênsil. Pergunto-me muitas vezes por que razão nos construíram tão complexos; que necessidade havia de todos estes órgãos, capilares, sangue, vísceras, unhas, pelos? Será possível que não houvesse uma alternativa mais simples? E, depois, porque é que precisamos de energia do exterior, de comida e de água? Ou de oxigénio? Porque não fazer-nos autossuficientes? É uma discussão complexa, e se eu continuar mais tempo sentado vou acabar por não sentir as pernas, vou ter que chamar o 112 para voltar para a cama.

Toca a campainha. O *Belzebu* vai a correr refugiar-se debaixo do sofá. Vejo as horas: são quatro e um quarto. Esta noite está a ser mais movimentada do que é costume. Pode ser a Emma que se quer desculpar, ou, talvez, o marido que pensou melhor e me quer bater. Paro a meio do corredor e estico o ouvido. Tocam outra vez, um toque breve. O meu carrasco quer matar-me mas, ao mesmo tempo, está preocupado em não acordar o prédio inteiro. Por uma fração de segundo, sinto-me tentado a voltar para a cama e usar os tampões que ainda conservo na gaveta da mesinha de cabeceira, depois penso no ar aparvalhado do Marino e abro a porta.

À minha frente perfila-se o vulto indefeso da Eleonora Vitagliano, de pantufas e roupão.

- Olá - começo.

- Olá. Desculpa a hora, mas preciso de falar contigo.

Não estou habituado a mandar entrar senhoras no meu apartamento, sobretudo se estou em pijama, embora o termo «senhora» seja inapropriado para a minha vizinha. Assim que fecho a porta, aparece o *Belzebu*.

- Ó meu amor, então era aqui que te tinhas metido! - nota, e pega ao colo o gato bajulador que já se esqueceu de mim e do fiambre devorado.

» Cesare, eu assisti à cena de há pouco... - Pensa que sussurra, mas, como é surda, o tom de voz é desproporcionado em relação aos movimentos do rosto.

- Ah - comento eu, sem saber o que mais acrescentar.

- Fizeste muito bem em intervir - prossegue -, aquele indivíduo merecia alguém que lhe fizesse frente.

Aquiesço e continuo à porta, esperando que dessa forma a velhota perceba e deixe de me incomodar. Mas continua ali, com o *Fuffy* ao colo, a olhar fixamente para a minha cara.

- Eleonora, são quatro horas da manhã... - tento lembrá-la, mas ela nem sequer me ouve.

- Eu acho que aquele homem bate na mulher!

Arregalo os olhos. Então a avozinha sempre está menos gagá do que eu supunha.

- E o que é que tu sabes?

- Como?

Aumento um pouco o volume da voz.

- Como... Tens a certeza?

- Sim, sim, tenho. Sabes, eu não ouço assim muito bem, mas aqueles dois ultimamente fazem um pandemónio tal...

- Pois...

- Imagina que uma noite destas os vi chegar a casa e ela tinha um lenço na boca.

- De qualquer maneira, a rapariga pediu-me para não me meter. E é isso que eu vou fazer - replico, seco.

- E se acontecer alguma coisa?

- Com certeza não vai ser por minha culpa.

- Podíamos chamar a polícia.

- Chama-a tu; eu estive quase a ser agredido e ainda levei uma desanda. Pronto, Eleonora, eu percebo a tua inquietação, a sério, mas sabes como é, já é tarde...

- Sim, desculpa, tens razão. O problema é que eu de noite já não consigo dormir.

- Pois, entendo-te.

É estranha, a vida. Enquanto somos jovens e fortes, somos capazes de dormir um sono só; depois, quando definhamos e o sono podia ser uma boa maneira de passar o tempo, já não queremos ouvir falar em fechar os olhos.

- Mas se aqueles dois voltarem a discutir eu venho-te chamar - esclarece, fazendo menção de sair.

- Está bem - respondo.

Era capaz de lhe prometer qualquer coisa neste momento.

Despeço-me dela e do felino impostor e fecho a porta atrás de mim. Olho mais uma vez para o relógio; são quatro e meia da manhã. A partir de agora já nem vale a pena tentar dormir, mais vale pôr a cafeteira ao lume. Que rica noite! Uma bebida na companhia de um gato adulator, uma discussão durante a qual quase me matavam, uma descompostura de uma vizinha antipática que eu tentava defender e uma conversa com a Eleonora Vitagliano. O que vale é que daqui a pouco nasce o sol. Entretanto é melhor ir tomar um duche. Têm razão os condóminos: a velha dos gatos até pode ser simpática, mas, meu Deus, que mal que cheira!

A primeira de três mulheres inacessíveis

Quando se chega à minha idade, é inevitável que se faça um balanço da nossa própria vida, daquilo que se fez e se perdeu, dos erros cometidos, das oportunidades desvanecidas. No entanto, como eu nunca gostei de balanços, tenho evitado e evito ainda fazê-lo. De tal maneira que, ocorre-me pensar, se me atirassem para a Terra mais dez vezes, cumpriria sempre o mesmo percurso e colidiria constantemente com as mesmas pedras. A maior parte de nós é como as formigas, segue um caminho já traçado. Por isso fiquem sossegados: não vos vou maçar com a lista dos meus queixumes. Vou antes falar de mulheres, que continuam a ser, na minha opinião, um dos principais motivos pelos quais vale a pena viver.

Tive muitas: bonitas e feias, simpáticas e desagradáveis, boas e infames. Todavia, nunca amei nenhuma como as únicas três que não consegui conquistar. Já se sabe: uma coisa de que se usufrui, quer seja um carro, uma casa, um emprego ou até uma mulher, consome-se como cera ao lume. Mas nunca nos habituamos ao que não temos. Por isso, ainda hoje, quando mais não sou do que um velho trôpego que apenas pode contar com o altruísmo (chamemos-lhe assim) da Rossana, as únicas fêmeas que vêm ter comigo no silêncio da noite, para além da minha mulher, são elas, as três harpias que nunca dormiram comigo.

A Anna foi uma colega de escola: cabelos loiros, olhos verdes, mamas grandes. Apaixonei-me por ela assim que a vi. De facto, já nessa altura tinha uma paixão desmedida por formas arredondadas. O problema era ela ser mais velha do que eu, apesar de só por um ano. Porém, na adolescência aqueles trezentos e sessenta e cinco dias faziam toda a diferença: no arco de tempo que a Terra demora para rodar em volta do Sol, uma mulher já percebeu que tu, pequeno e insignificante ser da classe inferior, vales tanto como a pastilha elástica colada por baixo da carteira dela.

Na vida de cada um chega o momento em que se percebe que as histórias românticas de amores impossíveis que contavam as avós e as tias velhas são palermices. O amor é muito mais cruel do que uma velha parente ao atirar-nos a verdade à cara; portanto, bem podemos ter um belo sorriso, escrever odes de amor à nossa princesa ou cantar-lhe uma serenata debaixo da varanda, que se tivermos a cara cheia de borbulhas e um hálito fétido ela sai com outro. Por isso, tive de esperar pelo seu último ano de escola para tentar o assalto. Pensando bem, foi melhor assim. O tempo passado a andar atrás dela às escondidas (ou a dedicar-lhe tão breves quanto fugazes minutos de paixão na casa de banho) ensinou-me que, quando se deseja alguma coisa, a espera se transforma em esperança e torna o tempo digno de ser vivido.

Eu estava apaixonado pela Anna tanto quanto um principiante que não conhece nada dos alçapões da vida pode estar. E, com efeito, aquela é a idade certa para perder a cabeça por uma rapariga: se não se aprende a amar aos quinze anos, nunca mais se aprende. Quando naquele dia me aproximei dela, já a desejava há três anos; sabia onde morava, quem eram as suas melhores amigas, até os seus ex. Ela, pelo contrário, não sabia nada de mim. E, no entanto, ao fim de alguns dias acabámos por nos beijar.

Não acho que me engane se considerar que aquilo em que me tornei depois foi devido àquele fatídico momento. Um simples ato mudou o resto da minha vida. Porque eu, quando cheguei a casa, estava convencido de que começara a namorar. Até o comuniquéi à minha mãe, que sorriu e regressou ao fogão. Naquele momento não dei importância ao seu encolher de ombros, mas tinha feito bem se lhe pedisse esclarecimentos sobre tanto ceticismo. No dia seguinte fui ter com a Anna e abracei-a; ela olhou para mim, perplexa, soltou-se e perguntou-me o que é que eu estava a fazer. Um beijo era apenas um beijo, com certeza não íamos ter de nos casar por isso. O problema é que para mim fora a primeira vez. As primeiras vezes deviam ser um exclusivo dos neófitos, porque, de outra forma, quem já viveu a experiência apaga, mesmo sem querer, o encantamento do outro. A Anna arruinou o meu primeiro beijo. Então pensei que, para a conquistar, deveria tentar algo bem mais difícil: partilhar com ela uma «primeira vez». Em suma, devia levá-la para a cama.

Demorei onze meses para levar o meu plano a bom porto, meses durante os quais desempenhei o papel de melhor amigo, aquele com se quem desabafa, que a acompanha a todo o lado, lhe dá conselhos e que está sempre presente quando é preciso, um pouco como um cachorrinho. Em suma, fui perfeito. Só que não se namora com um amigo; obviamente, ela andava com outros. Mas depois morreu-lhe o pai (admito, para mim foi uma grande sorte) e a Anna precisou ainda mais de mim. Até que um dia nos demorámos mais do que o costume em cima da minha cama a falar do progenitor dela. Se fosse por mim, tinha continuado a ouvir aquelas mil e uma histórias sobre alguém que não me interessava nada durante o resto do serão, mas, a certa altura, a Anna virou-se para o meu lado. Continuava a falar, só que a sua boca estava a poucos centímetros da minha; mesmo que eu quisesse, era impossível continuar a conversa como

se nada fosse. Então beijámo-nos mais uma vez, e em poucos instantes estávamos seminus debaixo do cobertor.

Ainda recordo a sensação; a minha pele é capaz de reviver aquele momento até ao infinito. É mesmo verdade que as coisas que guardamos com paixão nunca morrem, um pouco como a casa dos meus avós, que ainda consigo visitar se fechar os olhos. Portanto, o meu primeiro contacto com a Anna continua ramificado em algum capilar periférico do corpo e quando reemerge, ainda que apenas por um instante, provoca-me a mesma pele de galinha daquela noite de há sessenta anos.

O facto é que eu estava ali, uns poucos instantes e ter-lhe-ia doado também uma «primeira vez», entraria para sempre entre as suas memórias a guardar ciosamente. Mas, já se sabe, o amor não engana, quando muito prefere dar-nos uma bofetada bem assente. Precisamente na melhor parte, ela deteve-me, segurou-me o rosto entre as mãos e disse:

– Cesare, sinto muito; gosto muito de ti, mas só vou fazer *aquilo* com o homem da minha vida!

Continuo a sentir curiosidade em saber se ela se manteve fiel àquela promessa. Gostava de a encontrar e de lhe perguntar: «Viste? Aquele teu nobre propósito era um grande disparate. E quem te disse que não podia ter sido eu o homem da tua vida?»

Porém, naquele momento não abri a boca. Voltei a vestir-me, dei-lhe um cândido beijo na face e fui levá-la a casa. Não voltámos a ver-nos: ela ficou noiva ao fim de algum tempo, eu fui para a tropa. Alguns anos depois soube que se mudara para o Norte com o marido. Nunca mais a encontrei; tanto quanto sei até pode já ter morrido.

A Anna foi a minha primeira experiência com o *amor não correspondido*, uma invenção inútil, pensando bem. Há tantas pessoas sozinhas no mundo que se podiam encontrar, amar, ser felizes, fazer filhos, traírem-se e depois deixarem-se, e afinal muitos perdem tempo a perseguir quem mal se apercebe da sua existência.

Em todo o caso, esta história ensinou-me uma lição: as pessoas carrancudas, conflituosas e desconfiadas não são realmente más; é só que, ao contrário dos outros, não foram capazes de aguentar a verdade, isto é, que o mundo não é lugar para os bons.

Eu era bom. Depois chegou a Anna com o seu pontapé no traseiro.

Devia contar esta história aos meus filhos: explicar à Sveva que também eu fui um homem melhor antes de a vida me ensinar a olhar em volta com circunspeção, como uma lebre que sai da toca para procurar comida. O animal tem gravado o sentido do perigo no seu ADN, nasce já preparado para se defender dos predadores; eu, pelo contrário, perdi os primeiros vinte anos de vida a aprender a proteger-me do meu semelhante.

A vida terrena devia ser como uma viagem ao Oriente, uma experiência que nos abre a mente e nos torna seres especiais. Mas acontece precisamente o oposto: quando nos tiram para fora do buraco negro somos inocentes, e depois de termos pintado a manta enfiam-nos numa caixa. Parece-me que alguma coisa, no lapso de tempo em que permanecemos cá em baixo, não funciona como devia.

Emma

Como todos os velhos, tenho as minhas pequenas obsessões; nada de particularmente tolo, por amor de Deus, só algumas regras a seguir para me sentir mais à vontade. Por exemplo, antes de me sentar forro a tampa da sanita com papel higiénico. Não teria nada de mal, caso se tratasse de uma casa de banho pública; o problema é que também adoto a mesma técnica em minha casa. Protejo-me dos meus próprios germes. Na realidade, é um hábito que remonta à minha juventude, quando trabalhava na Partenope Service, uma agência de serviços na Via dei Tribunali, em pleno centro histórico. Um emprego miserável, admito, mas nessa altura eu era um rapaz cheio de grandes esperanças, que acreditava na lenda segundo a qual a vida é uma escada que se deve enfrentar degrau a degrau para atingir, por fim, o éden. Que tudo era para conquistar aos poucos e com grandes sacrifícios. Os anos, porém, ensinaram-me que a subida não é assim tão simples: acontece amiúde a escadaria estar encharcada ou os degraus cederem com o peso.

Por fim, percebi que aquela história da imolação inicial em virtude da qual mais tarde, num dia distante, talvez, se receberá a paga é uma idiotice inventada pelos adultos para se aproveitarem do entusiasmo dos mais jovens. Não há ninguém lá em cima a medir o nosso empenho e a recompensar-nos pelas energias despendidas. Na realidade, os anos em que toda a gente nos convida a aguentar com força para construirmos um futuro são os melhores e não devem ser atirados o vento para pensar nos seguintes que, em todo o caso, não valem um décimo dos que já passaram.

Além de mim, a Partenope Service tinha três empregados: dois homens perto dos sessenta anos e uma secretária da minha idade. Não é difícil imaginar de quem era a culpa de a tampa da sanita estar sempre borrifada. Nos primeiros tempos ainda aguentei, mas depois a secretária revelou-me o truque e a partir de então nunca mais consegui pousar as nádegas no plástico frio. Ao fim de alguns meses, despedi-me. Daquela experiência trouxe comigo três coisas: a obsessão de cobrir a tampa da sanita, a consciência de que não podia deitar fora o melhor período da minha vida para tutelar o pior, e a Luisa, a secretária que me deu aquele fatídico conselho. Das três, só as duas primeiras me acompanharam até agora. Quanto à Luisa, perdi-a na primeira esquina.

Em todo o caso, são poucas as fixações de velho trôpego que me enchem os dias. Para além do papel higiénico há, por exemplo, a absoluta incapacidade de aceitar os nós. Dito assim, parece mais tolo do que na realidade é. A verdade é que antipatizo com eles, aliás, detesto ter que os desatar. E não me refiro aos nós da vida; falo de coisas mais materiais. O fio do telefone que ensarilha até ficar um novelo, de tal forma que levantar o auscultador se torna impossível, mas também os nós dos sacos de plástico, os fios atrás do televisor que com o tempo se emaranham sozinhos ou os cordões dos sapatos quando se recusam a desatar. Por isso, com os anos, fui-me organizando e já só uso mocassins e telefones sem fio. Às outras pessoas explico que é por causa dos dedos, que já não têm força para executar gestos pequenos e repetitivos, mas, na realidade, não tenho paciência nem tempo para perder a desembaraçar fios que, em todo o caso, voltariam a enlear-se.

E depois há Nápoles, o nó mais consistente de todos. Escolhi a pior cidade para viver. Aqui é impossível não estabelecer relações com o próximo, porque o próximo nos persegue até casa. Por isso desenvolvi técnicas de sobrevivência para proteger a minha sociopatia. Se vislumbro um vizinho à espera do elevador, paro a abrir a caixa do correio e demoro-me até que o invasor da minha privacidade decida subir sem esperar por mim. Ou então evito estar em filas. O napolitano não consegue ficar sossegado e calado enquanto espera –tem forçosamente de se meter com o vizinho, conversar sobre tudo e sobre nada enquanto espera a sua vez. Seja no correio ou no banco, no supermercado ou no cinema, as filas em Nápoles são um veículo de conversas e informações gratuitas sobre a vida dos outros. Até o barbeiro por baixo da minha casa é um ponto de encontro natural para os cidadãos necessitados de mexericos. Por isso, quando chega o momento de cortar o cabelo, chamo um táxi e vou até outro bairro.

No entanto, em relação às compras é tudo muito mais complexo. Em frente à entrada do meu prédio há uma charcutaria, um talho e uma frutaria, ou melhor, um pelotão de fuzilamento que nos observa para perceber, ainda que seja só pelos movimentos, qualquer nova indiscrição que possa trazer algum interesse àquelas vidas vazias. Há anos que não entro em nenhum dos estabelecimentos; aliás, evito até passar em frente – atravesso, percorro alguns metros no passeio oposto, e só depois de os passar é que volto a atravessar. Os três comerciantes já devem ter notado, mas não me interessa, o importante é escapar-lhes. Apeldei-os de *o bom*, *o mau* e *o vilão*. *O mau* é o da frutaria: um velho sujo e mal-arranjado, com apenas três dentes e as unhas sempre negras, que fala exclusivamente em napolitano, pelo que não

se percebe rigorosamente nada do que diz. Muitas vezes no passado dei por mim a fitar o vazio depois de uma sua afirmação sobre os alperces ou os pêssegos. *O bom* é o da charcutaria: uma excelente pessoa, sempre sorridente, que se desembaraça por entre os laticínios, os enchidos e as conversas das numerosas clientes. Finalmente, *o vilão* é o talhante. Na realidade, é um sujeito razoável, simpático até; o problema é a mulher. É ela quem tece as tramas da bisbilhotice, é ela que, enquanto a gente está à espera do lombo, nos atira uma pergunta à queima-roupa. É ela a vilã, uma patroa da fofoca.

Outro problema é que no supermercado as coisas não correm muito melhor. Enquanto se trata de vaguear pelo meio das prateleiras ainda posso esperar safar-me – basta ignorar o reformado que tenta meter conversa com a desculpa da má educação de um funcionário ou da rapariga que o abalroou com o carrinho das compras. Mas o dilema surge logo no balcão da charcutaria. Está lá sempre uma senhora que, enquanto espera, conversa com o empregado e, as mais das vezes, também com a vizinha do lado. Um grupo de três que, dependendo da lentidão do funcionário, se pode estender até incluir diversos grupos. Felizmente, após estudos atentos, consegui perceber qual é o funcionário mais despachado; se ele não está lá, vou-me logo embora. Chegando às caixas, dirijo-me à rápida, um maná para fóbicos como eu, e esgueiro-me furtivamente para o exterior. Perto de casa atravesso e volto a atravessar em poucos metros, e por fim enfio as chaves na fechadura do portão. Só então posso afirmar que estou quase a salvo. Aconteça o que acontecer, nunca me viro para trás; já sei que *o bom*, *o mau* e *o vilão* têm os olhos apontados às minhas omoplatas enfraquecidas pelo peso das obsessões.

Quando fecho a porta do prédio, tenho uma miadela à minha espera. Empoleirado nas escadas está o *Belzebu*, a olhar para mim, seráfico, enquanto tenta decifrar o conteúdo do saco que transporto. Este gato tem uma inteligência superior: sempre que eu vou ao supermercado ele está à minha espera no átrio para se lançar em sedutoras miadelas e esfregadelas manhosas assim que vislumbra o saco das compras.

Na caixa do correio estão dois envelopes; deixo-os lá e dirijo-me ao elevador. Há trinta anos que deixei de acreditar que possa sair alguma coisa de jeito da caixa do correio. Já se sabe, as boas notícias não vêm ter connosco. Não percebo como é que os meus companheiros de velhice ainda estão confiantes num golpe de sorte. Gastam a reforma com as raspadinhas e o Totoloto na esperança de enriquecer. Mas já deviam ter percebido que se a Fortuna não os favoreceu quando eram ainda apeteceíveis e estavam em boa forma, com certeza não vai fazê-lo agora que têm pelos a sair do nariz, nenhum dente na boca e cataratas. Para além do mais, o que é que se faz com um ganho milionário depois de uma certa idade? Corre-se o risco de os filhos se engalfinharem por causa da herança.

Abro a porta do elevador.

– Anda, lindo! – exclamo, voltado para o animal, que me observa um instante e se enfia o mais depressa possível pelo meio das minhas pernas. Carrego no botão e dedico um olhar admirado ao bichano, uma alma rebelde que não se contenta em viver sossegado em casa da Sra. Vitagliano, mas que quer sondar, apanhar algumas migalhas e explorar o próximo. É um gato mau, o *Belzebu*, tal como eu gosto. Para além do mais, neste prédio encontrou o seu harém: está cheio de apartamentos onde se pode enfiar, alguns atulhados de comida, outros só de recordações. Pois, porque as casas não são todas iguais: algumas abrem-se e fecham-se várias vezes ao dia, outras ficam sempre fechadas. Algumas cheiram a roupa lavada e molho de tomate, outras a cartão e humidade. E, no entanto, em geral estas últimas são as mais fiáveis, as que, apesar de tudo, permanecem de pé, à espera de alguém que volte a tomar conta delas.

Chegado ao meu andar, pouse o saco das compras e tiro as chaves do bolso do sobretudo. Naquele momento a porta dos vizinhos abre-se e à entrada surge mais uma vez a Emma, a mulher pela qual me bati em vão. Olhamo-nos um instante, depois viro-me e enfio a chave na fechadura, manobra nada simples quando as mãos me tremem como um trampolim depois de um salto.

– Deixe-me tentar.

Acedo, apesar de a minha autoestima sofrer um abalo tão inesperado quanto inoportuno. Mas eu não quero ter mais nada a ver com esta mulher; quanto mais depressa me livrar dela, melhor. A Emma termina a operação e sorri-me. Acho que está a tentar que a perdoe.

– Obrigado! – exclamo, recuperando as chaves. O *Belzebu* corre para dentro de casa, eu espero à entrada que a minha vizinha decida a jogada seguinte. Ela fita-me e sustenta o olhar; por isso, apercebo-me de que tem um malar inchado. Há qualquer coisa nela que me atrai, para além da beleza. Talvez porque me faz lembrar um pouco a Sveva em adolescente, apesar já não ser criança nenhuma.

Não sei o que fazer: a Emma não se mexe. Talvez queira entrar, quiçá falar, mas não faz nenhuma das duas coisas – está só ali especada a olhar para mim. Então tomo as rédeas da situação. Até posso ser um pobre velho que não consegue enfiar as chaves na fechadura da porta de casa, mas fazer figura de

imbecil com uma mulher ainda não é para mim.

- Quer entrar? - pergunto.

Ela assente.

- Faça o favor - indico, acompanhando estas palavras com um movimento do braço.

A Emma imerge devagar no meu mundo, um pouco como fez o *Belzebu* da primeira vez. Quer perceber se se trata de território amigo ou se há algum perigo escondido atrás da esquina da cozinha.

- Toma alguma coisa? - pergunto.

Ela assente com a cabeça mais uma vez, parece que perdeu a língua. Tiro o sobretudo e dirijo-me ao fogão; a rapariga segue-me e senta-se à mesa da cozinha, sobre a qual estão amontoadas cuecas e peúgas. Quando se vive sozinho durante demasiado tempo começa-se a pensar que a nossa intimidade é inviolável. Peço-lhe desculpa e agarro na roupa para a levar para o quarto, mas uma peúga rebelde escapa do grupo e cai no chão, de forma que quando regresso ainda ali está, aos pés da minha convidada imprevista.

- Queria desculpar-me pelo meu comportamento da outra noite - começa ela.

- Não se preocupe - rebato de imediato. - São águas passadas.

Na realidade, não me esqueci da grosseria, mas um dos maiores defeitos dos velhos é o rancor e eu não quero parecer um velho.

Abro o frigorífico. Não tenho nada para lhe oferecer, além da habitual garrafa de vinho tinto que me faz companhia à noite. Pego-lhe pelo gargalo e pouso-a na mesa, juntamente com dois copos. Depois sento-me frente à Emma. Não percebo o que possa querer de mim esta rapariga esplêndida, e não estou habituado a receber visitas. Com exceção do *Belzebu*, como é óbvio.

- Mais cedo ou mais tarde, o meu marido vai acabar por me matar - começa a Emma, olhando-me diretamente nos olhos, de tal forma que se torna difícil, para mim, sustentar o olhar. A sua voz áfona e desprovida de vida destoa do aspeto juvenil que, apesar de tudo, ainda apresenta.

Volto a encher os copos sem sequer lhe pedir autorização e ela não me detém. O *Belzebu* entra na cozinha, com o estômago a reclamar.

- Contou isso a alguém? Aos seus pais, a uma amiga?

- Não. Aqui na cidade não tenho ninguém e, em todo o caso, nunca o confessaria, as pessoas fazem juízos.

Beberico o líquido vermelho e observo aquela jovem mulher. Se tivesse metade da idade que tenho, resolvia a situação à minha maneira, mas assim só me resta engolir a raiva. Por alguma razão que desconheço ela pensa que eu, ao contrário dos outros, não a julgo. Provavelmente está-se nas tintas para a minha opinião, a de um velho vizinho que, no máximo, apenas poderá partilhar a notícia com o gato do prédio.

- Há quanto tempo é que essa história dura?

A Emma inclina a cabeça e começa a tamborilar com os dedos no vidro do copo. Depois sussurra:

- Três anos.

Olho para ela, estarecido.

- A primeira vez foi porque me caiu um quadro das mãos. Bateu-me com uma colher de pau no pescoço. Ainda sinto aquele som surdo nos ouvidos. Durante um mês andei com uma echarpe.

Pouso o copo na bancada e pego nos cigarros que estão por cima do armário, a primeira coisa que me ocorre fazer quando começo a ficar ansioso.

- Não, por favor... - impede-me.

Detenho-me a meio do caminho e dedico-lhe um olhar entre o curioso e o contrariado.

- ... estou grávida.

Fecho os olhos e deixo-me cair na cadeira. Mas porque é que eu não me meto na minha vida?

É uma história impossível, até para um matusalém como eu.

- De quanto tempo?

- Dois meses.

- Ele sabe?

- Não.

- Quer abortar?

- Não.

Fico em silêncio. Talvez tenha vindo pedir-me uma ajuda económica ou, quem sabe, apenas um pouco de compreensão e afeto. Talvez precise de um pai. Sinto muito, minha querida, mas se dificilmente consigo sê-lo dos meus filhos...

- Devia contar-lhe.
- Queria ir-me embora, mas não sei como. Ele ia à minha procura.
- Porque é que está a falar sobre isto comigo?
- Porque o senhor quis ver. A maior parte das pessoas, mesmo que desconfie, dirige-nos um olhar de compaixão e vira-se para o outro lado. As pessoas ainda pensam que se trata de questões privadas que devem ser resolvidas em família.

- Tentou dirigir-se a alguma associação?
- Não, tenho vergonha.

Surpreendentemente, comigo não tem! E, no entanto, não sou uma pessoa com a qual os outros gostem de se abrir. A Sveva, por exemplo, nunca o fez, e o próprio Dante esconde-me os seus gostos sexuais. Esta desconhecida contou-me mais coisas pessoais em dez minutos do que os meus filhos uma vida inteira.

- Onde é que ele está agora?
- Está fora da cidade. Regressa amanhã.

O silêncio desce de novo entre nós e o tiquetaque do relógio de parede ocupa o espaço durante alguns segundos, antes que uma miadela do *Belzebu* me recorde que o desgraçado ainda está à espera de comer. Então decido oferecer à minha vizinha a única coisa que possuo, algum bom humor.

- Olhe, o gato quer comer e até eu já começo a sentir uma certa fraqueza. Porque não fica aqui? Proponho-lhe um esparguete com tomate fresco.

Ela parece não estar à espera de outra coisa.

- Com muito prazer - articula.

Levanto-me, agarro na panela, encho-a de água e ponho-a ao lume. Depois vou buscar os tomates ao saco das compras que ainda está em cima da mesa e começo a cortá-los. Ela levanta-se e vem para o meu lado.

- Deixe-me fazer isso. Entretanto, vá pondo a mesa.

Olho para ela, confuso, antes de lhe ceder a faca. Há cinco anos que nenhuma mulher utiliza a minha cozinha; há cinco anos que janto sem pôr a mesa. Começo a mexer nas gavetas à procura das toalhas velhas enquanto a Emma recomeça a falar, como se não pudesse evitá-lo. Quando nos livramos de um peso, temos de o fazer até ao fundo. Um pouco como quando se vai fazer chichi: não se pode parar a meio e voltar para onde se estava.

- Eu subvalorizei os sinais, não dei atenção às campainhas de alarme. Nos primeiros tempos não me batia, mas protestava por tudo e por nada. Pensei que andava muito stressado, que aquilo ia passar, que, no fundo, não se passava nada de mais. Por isso resolvi ficar sossegada; quis convencer-me de que, com o meu apoio, ele ia acalmar.

Não encontro toalhas de mesa. E, no entanto, tenho a certeza de que havia aqui pelo menos uma. Nunca como agora senti tanto a falta da Caterina.

- Uma noite consegui fugir e refugiei-me num bar. Mas quando o estabelecimento fechou ele veio e levou-me outra vez para casa. Foi então que me encheu de pontapés e me partiu uma costela. Quase acreditei de que a culpa era minha, que lhe tornava a vida impossível.

Sinto dificuldade em respirar, e não é por estar dobrado à procura de uma fantasmática toalha na parte de baixo dos móveis da cozinha, mas porque já não consigo ouvir aquela narrativa terrível. É como se alguém me tivesse trepado para as costas e pretendesse que eu o levasse a passear às cavalitas. Nunca fiz isso, nem mesmo com a Sveva. Uma vez tentei com o Federico, mas assim que mo puseram em cima dos ombros ouvi um *crac* ao longo da espinha dorsal e tive de desistir. Desde então prometi a mim mesmo nunca mais brincar com o meu neto. Tenho pena, mas a brincadeira faz-me lembrar que sou velho e, como já disse, não gosto que façam pouco de mim.

- Devia denunciá-lo - é a única coisa que consigo dizer.
- Não, matava-me antes do início do processo. E mesmo que eu me fosse embora, ele ia buscar-me. Desisto: não há uma única toalha. Devo tê-las dado à Sveva, como recordação da mãe.
- E então, o que tenciona fazer?

Ela vira-se e olha para mim. Entretanto, com a mão faz girar a colher de pau afogada no molho de tomate.

- Não sei. Só queria um pouco de paz.

A paz é muito sobrevalorizada. Pensa-se que seja um estado natural do qual de vez em quando nos afastamos, mas é exatamente o contrário - na vida a paz vem visitar-nos só em alguns raros momentos e, muitas vezes, nem sequer damos conta disso.

- Olhe... não tenho uma toalha... - admito por fim.

Ela olha para mim e sorri. Logo a seguir leva a mão à face e fica outra vez séria.

- Não faz mal, comemos sem ela - resolve.

Aquele sorriso esboçado deixa-me furioso, e por um instante penso mesmo em abrir a porta, ir a casa do meu vizinho e enchê-lo de pancada, aconteça o que acontecer. Depois lembro-me de que ele não está.

- Já foi vista por algum médico? - pergunto.

- Não, mas acho que o malar está partido. Tenho posto gelo de vez em quando.

Aproximo-me e, sem dizer nada, pouso-lhe o dedo sobre o osso magoado. A pele está roxa e inchada de líquido. A Emma não se esquivava.

- Se não o denuncia, faço-o eu! - exclamo por fim.

- Não, por favor, tenho medo. E depois não tenho casa, nem sequer um emprego. Ele não quer.

Suspiro. Mais uma mulher que vem ter comigo com um problema e não aceita uma solução. Só que desta vez não me posso virar para o outro lado e fazer de conta que não se passa nada.

- Está pronto - afirma ela, por fim.

Passo-lhe os pratos, a Emma enche-os com movimentos rápidos e seguros. Sentamo-nos à mesa. O esparguete está mesmo bom, muito melhor do que eu imaginava.

- Não sei porque é que a mim nunca me sai assim - admito.

Ela sorri, e desta vez não se importa com a dor. Muito bem, Emma, sorris na mesma, mesmo que doa.

O gato começa a queixar-se. Esqueci-me dele. Levanto-me e tiro uma fatia de queijo e um bocadinho de fiambre do frigorífico. O *Belzebu* é monotemático; se dependesse dele, alimentava-se só de carne. Até tenho curiosidade em saber os valores dos seus triglicerídeos, apesar de não poderem, com toda a certeza, ser mais elevados do que os meus. Deixei de fazer análises ao sangue quando percebi que, mantendo os meus valores sob controlo, tinha a ilusão de poder controlar a vida. Mas teria dado o tempo por mal-empregado se na minha idade não me tivesse apercebido de que nada pode ser controlado, e que a única coisa que nos é permitido fazer é viver.

- É seu, o gato?

- Não, que ideia. É da senhora Vitagliano, a nossa vizinha. O pobre do bicho de vez em quando consegue escapar às garras dela.

A Emma sorri mais uma vez; depois, o ruído dos garfos nos pratos apodera-se da cena durante alguns minutos.

- Vive sozinho? - pergunta-me a certa altura.

Durante uma vida inteira trataram-me por você, agora estou farto.

- Vamos tratar-nos por tu.

A Emma assente enquanto mastiga.

- Sim, vivo sozinho, a minha mulher morreu há cinco anos.

- Sinto muito - sussurra, e dirige de novo a atenção para o prato.

Com a cabeça baixa e os cabelos longos e castanhos que lhe caem sobre os joelhos parece-se mais do que nunca com a Sveva. É incrível, mas acabo de perceber que a minha filha nunca veio almoçar a minha casa. Aliás, as suas visitas aqui são sempre difíceis, trazem-lhe demasiadas recordações da mãe. Acho que o facto de eu ainda estar vivo é apenas um pormenor.

- Tenho uma filha mais velha do que tu e que é muito parecida contigo - afirmo então.

- É casada?

- Sim - respondo, e por um instante sinto-me tentado a falar-lhe da mediocridade da vida dela.

» E depois tenho o Dante, que tu já conheceste.

- Ele também é casado?

- Não, é *gay* - rebato, antes de levar o copo à boca. Um esclarecimento inútil, mas é mais forte do que eu; sempre que falo do Dante sai-me espontaneamente.

- Percebo - limita-se ela a comentar.

- Porque é que não vais para casa dos teus pais? - pergunto, uma vez terminada a refeição.

- Fugi de casa aos catorze anos; o meu pai bebia e virava-se a mim e à minha mãe. Por isso, fui-me embora logo que pude. Imagina tu que jurei a mim mesma nunca me ligar a um homem assim...

Certas existências seguem linhas pré-estabelecidas, nunca chega a haver um golpe de cena que mude a direção das coisas. Até a vida, às vezes, consegue ser banal.

- De qualquer maneira, agora não me apetece continuar a falar sobre isso - acrescenta, decidida.

Concordo. Gosto desta rapariga; é como a Rossana, não anda às voltas com as palavras.

- O que achas da ideia de vermos um bocadinho de televisão?

- Televisão?
- Sim. Tens televisão, não tens?
- Claro - replico, e levanto-me.

Comporta-se como se fosse minha neta e esta casa o seu refúgio. As casas dos avós são-no muitas vezes.

Na televisão só vejo documentários, de tal maneira que, fora isso, tenho de fazer um esforço para me lembrar de ligar o aparelho. Se por um lado não quero acabar como o Marino, por outro já vi demasiada televisão durante a vida.

Sentamo-nos no sofá, um ao lado do outro, e apetece-me sorrir. A vida é mesmo estranha; de repente damos por nós a partilhar a mesa e a sala de estar com alguém que até à véspera nem sequer nos cumprimentava. Acho que é uma prerrogativa das pessoas sós, saberem encontrar-se. Poucos instantes e o *Belzebu* atira-se para o sofá e aninha-se entre os nossos corpos.

- Quando ele não está, eu sinto-me feliz - afirma, enquanto vai mudando de canal -, apesar de a casa estar demasiado silenciosa - acrescenta pouco depois.

Pois é. Mas a gente também se habitua aos silêncios, cara Emma, e acabamos por apreciar a sua companhia.

- Quando quiseres, eu estou aqui - manifesto.
- Muito obrigada - responde, sem sequer se virar.

Ao fim de mais uns instantes volto a atacar.

- Queres saber uma coisa? - pergunto, e ela, desta vez, olha para mim.
- Uma mulher que amei muito tinha o teu nome. Emma.

Ela aperta as pernas contra o corpo e replica:

- A tua mulher?
- Não.

Então quem era?, parece perguntar-me com o olhar.

- É uma longa história - acrescento, e regresso à televisão.

Ficamos em silêncio a olhar para o ecrã até que dou conta de que se me fecham os olhos. Devem ser horas de ir para a cama, ao fim e ao cabo sempre sou velho. Viro-me e descubro a Emma a dormir enroscada sobre si mesma. Assim parece ainda mais indefesa. Porque será que algumas pessoas não têm anjos a protegê-las? Eu sou a coisa mais distante possível de um anjo, mas, muito naturalmente, levanto-me para ir buscar um cobertor. Envolver a Emma na manta, desligo o televisor, depois a luz, e vou para a cama. No silêncio da casa só se ouvem os suspiros do *Belzebu*, que ressona aninhado aos pés desta criatura indefesa que decidiu vir despertar-me do torpor. Gostava muito de te socorrer, de te ajudar a salvas-te, Emma, a sério, só que receio não ser capaz. Não me chegou uma vida para aprender a estender a mão sem tremer.

Super-Homem de saias

No meu tempo, os convidados para uma festa eram tratados com respeito, servidos e reverenciados. Agora existe o *buffet*, uma maneira como outra qualquer de complicar a vida às pobres pessoas que já foram obrigadas a enfiar uma roupa boa e a apanhar um táxi para se apresentarem no serão com o habitual sorriso de circunstância. No que me diz respeito, as coisas não se passaram bem assim; não vesti nenhum fato especial, mas a roupa que uso todos os dias. Com a terceira idade deixei de dificultar; de qualquer maneira, nunca ninguém vai confrontar um velho com o facto de se ter vestido de forma inapropriada. As pessoas à minha volta, pelo contrário, estão bastante elegantes e caminham pela sala a fingir que admiram os quadros do Perotti, embora, na realidade, estejam muito mais interessadas nos tabuleiros da comida. O problema é que se tornou impossível alguém aproximar-se da mesa, alguns convidados conseguiram chegar à primeira fila e não a abandonam. Felizmente, eu sou velho, e os velhos esperam sentados que algum familiar lhes leve um prato já preparado.

- Toma - indica a Sveva, estendendo-me a comida.

É para isto que serve uma filha. O Dante, pelo contrário, não pensa de todo em comer: vagueia de um quadro para outro, sorri, fornece explicações, aperta mãos, faz alguns cumprimentos obsequiosos.

- Porque é que o teu irmão é tão reverente com aquela gente? - pergunto, numa atitude crítica.

- Reverente? Não me parece, está só a ser simpático.

- A diferença é subtil.

- Pois, e tu não a conheces.

A minha filha não me suporta; eu devia enfrentá-lo, e a ela, mas só pensar em abordar o problema me aborrece.

- O teu marido? - pergunto, para mudar de assunto.

- Trabalha até tarde.

Como sempre acontece, assim que um casamento se desmorona começa-se a trabalhar até tarde, a ter reuniões em cima de reuniões, viagens imprevistas.

Ficamos em silêncio, um ao lado do outro; ela olha para as pessoas, eu para ela. Vá-se lá saber porque é que a Sveva me detesta. E, no entanto, quando era pequena passámos muito tempo juntos. Se a tivesse deixado aos cuidados da mãe, talvez agora fosse diferente. Quando se tenta educar um filho, só se pode errar; mas, se ficarmos quietos, talvez venhamos a encontrar um adulto que não nos responsabilize pelas suas debilidades.

- O que é que se passa, têm algum problema?

A Sveva vira-se, os olhos esbugalhados de espanto. De facto, acho que nunca lhe fiz uma pergunta remotamente semelhante. Para isso estava lá a Caterina.

- Porquê? O que é que te leva a pensar tal coisa?

- Bem, o Diego nunca aparece, e sempre que te pergunto seja o que for a respeito, respondes com irritação.

- Mas desde quando é que tu me fazes perguntas? Quando é que alguma vez me perguntaste alguma coisa? Que novidade é esta agora?

- Vês como é? Ficaste agressiva. As mulheres ficam assim quando se sentem encostadas à parede - rebato num tom desenvolto, antes de agarrar num copo de espumante oferecido por um empregado simpático.

- Tu a falares de mulheres, que anedota! - lança ela, e tira-me o copo da mão. - Importaste-te de deixar de beber? Ou queres assim tanto matar-te?

Bufo.

- Sveva, és uma chata.

Ela sorri e pega-me na mão. Queria esquivar-me, para não fazer a figura do velho caquético consolado pela filha paciente, mas o aperto é demasiado forte.

- Em todo o caso, comigo está tudo bem. E tu, como é que te arranjas?

- Muito bem, como sempre.

- Pois - responde ela, com voz amarga -, é verdade.

- O quê?

- És muito bom a viver sozinho. Com companhia é que tens alguns problemas.

A minha filha conhece-me bem. O que é uma grande comodidade; com ela não são precisas explicações. Gosto das mulheres que não as pedem.

- As pessoas não me atraem, admito.

Voltamos a observar os demais convivas que se entretêm entre um quadro e outro enquanto mastigam salgadinhos até que, a certa altura, a Sveva sugere:

- Porque não vais ter com o Dante? Estás aqui sentado desde que chegaste.

- Sinto-me confortável aqui. E se me levanto, tiram-me o lugar.

- Faz como quiseres. Mas acho que ele ia apreciar um comentário teu, nem que fosse só um sorriso.

Depois desaparece no meio da multidão. Já não tenho idade para fazer de pai, são responsabilidades a mais. Tive azar: se cá estivesse a Caterina era ela que ia cumprimentar o Dante e ouvir a história da vida artística do Perotti, enquanto eu ficava sossegado no meu lugar a beber espumante e a olhar para as pessoas. Se a minha mulher ainda cá estivesse, no outro dia teria sido ela a ir buscar o Federico à escola e eu não teria visto a mão do condutor do SUV na coxa da minha filha. Mas a minha mulher morreu e lavou daí as suas mãos. E o egoísta sou eu!

Levanto-me, agarro noutro copo de *prosecco* e aproximo-me de um quadro, uma espécie de fotografia retocada em computador: como fundo, a bandeira americana, e, em primeiro plano, o Super-Homem com o S estampado no peito e... uma minissaia justa!

- O que acha? Gosta?

Viro-me. Ao meu lado está um homem dos seus quarenta anos com um casaco de veludo bege e um copo de vinho tinto na mão. Na cabeça tem uma cartola.

- Bem, digamos que é divertido.

Ele sorri.

- Sim, eu também acho.

Viro-me de novo para o quadro, na tentativa de me livrar dele, mas, ao fim de pouco tempo, o homem volta a atacar:

- O senhor é o pai do Dante, não é verdade?

Ufa, não há nada pior do que um indivíduo sociável. O que é que haverá de tão fenomenal em conhecer pessoas novas? Até porque somos todos mais ou menos iguais: um monte de defeitos que passeia pelas ruas e aí encontra os seus semelhantes.

- Pois sou.

- O Dante fala muitas vezes em si.

- Ai sim?

- Sim - responde o homem.

Está satisfeito por ter atraído a minha atenção, sem contudo imaginar que essa, pelo contrário, está totalmente concentrada numa mulher atrás dele, uma fêmea com seios enormes, semelhantes aos da Rossana. Se eu fosse mais novo, devia tentar perceber a razão desta fixação e até talvez ler o Freud, mas sou velho, posso marimbar-me para o assunto e olhar para as mamas sem que isso me coloque muitos problemas. Em todo o caso, preciso de me libertar deste pseudoartista. Bebo o último trago e estendo o copo ao meu interlocutor, que olha para mim com curiosidade.

- Segura-me nele? Preciso de ir à casa de banho.

Ele acede, com um sorriso embaraçado. Entro na casa de banho, assoo o nariz, olho-me ao espelho, solto uns gases, puxo o autoclismo, abro a porta. À espera para entrar está a mulher bem-parecida de seios grandes, que me perscruta com ar severo. Talvez tenha ouvido o ruído. Pede licença, mas eu tento impedi-la de entrar, pelo menos até que o ar fétido do meu cólon se dissipe. O mulherão olha para mim, impaciente, enquanto eu continuo a sorrir-lhe como um idiota.

- Então, deixa-me passar?

- Claro, com certeza - respondo, e afasto-me.

Ainda assim, aquela fraca figura serviu para atingir o objetivo: no meu regresso à sala o homem da cartola foi engolido pela multidão. Aproveito e vou ter com o Dante, que está a falar para um grupinho de quatro pessoas que o escuta com atenção. De vez em quando vira-se para o quadro atrás dele e indica um pormenor. É *gay*, não há volta a dar-lhe. Não percebo porque é que precisam de se mexer e de gesticular como atrasados mentais só porque gostam de gaitas. As mulheres não têm comportamentos destes. É impossível que os seus ouvintes não se tenham apercebido. Se calhar já nem ligam. A mim, pelo contrário, parece-me que está cada dia pior.

De qualquer maneira, dizia eu, o papel de pai não me assenta bem. Com os anos tornei-me demasiado sincero, comigo e com os outros. Ainda que pense que o Dante faz muito bem em comportar-se como quer, só queria que tivesse a coragem de me confessar que é maricas. O que é que ele espera que eu lhe responda? O que é que me pode importar se ele vai para a cama com uma pequena estonteante ou com

um homem careca e peludo? Meu Deus, sinto alguns arrepios ao imaginar a cena...

O Dante repara em mim e faz-me sinal para me aproximar, com a intenção de me apresentar aos seus convidados. Dou apertos de mão sem ouvir os nomes que, em qualquer caso, ia esquecer um segundo depois. Quando ficamos sozinhos, o Dante sai-se com a clássica pergunta:

- Então, estás a gostar?

Olho em volta e respondo:

- Sim, muito bonito.

- Pensava que os quadros eram demasiado «surrealistas» para o teu gosto.

- Isso significa que me conheces mal. Gosto de tudo o que é surreal. É a realidade que me aborrece.

O Dante parece satisfeito com a resposta.

- Mas aquilo que eu te queria perguntar é: quem é a senhora vestida de azul?

- Qual?

- Aquela que tem uns seios enormes - responde, indicando o ponto exato.

Ele agarra-me o dedo com um impulso felino.

- Mas o que é que tu estás a fazer? Enlouqueceste? É a mulher de um dos meus melhores colecionadores!

Tento não me deter a refletir sobre a repentina *nuance* rosa que a voz dele assumiu e rebato:

- Bem, eu acho que a melhor peça da galeria dele é de carne e osso.

O Dante deixa escapar uma risadinha contida mas, na realidade, percebo que não está feliz com o meu comportamento. Se a Sveva estivesse no lugar dele, seria mais paternal.

- Fica tranquilo - garanto logo a seguir -, estava a brincar.

O que não é verdade, mas não quero atrapalhá-lo. Aliás, gostava que fosse ele, ainda que uma única vez na vida, a atrapalhar-me a mim. Mas percebo que tal ideia é bastante complicada.

- Vem - pede-me com obstinação e agarrando-me pelo braço. - Quero apresentar-te o artista, que é também um grande amigo meu.

Conduz-me até ao outro lado da sala e coloca-me diante do homem de casaco bege e cartola. Observo este último, e depois o meu filho. Por fim pergunto:

- É ele o artista?

O Dante aquiesce, orgulhoso, e apresenta-me o Leo Perotti, o homem sociável de quem fugi com uma desculpa banal; tem ainda o mesmo olhar pacato e seguro estampado no rosto. Se bastasse pintar para se ficar satisfeito com a própria vida, eu inscrevia-me num curso de pintura, mas temo que para alguns a beleza encontrada em adulto não chegue para apagar os podres que transportam desde a infância.

O Perotti aperta-me a mão e comenta:

- Felizmente não achou que o quadro era um nojo!

- Pois - respondo -, mas fique sossegado: se o tivesse pensado tinha-lho dito.

- Ah, quanto a isso não há dúvidas! O meu pai não tem papas na língua - comenta Dante, divertido.

- Faz bem - rebate Perotti -, a sinceridade ajuda a viver melhor!

Queria muito fugir daquela discussão estéril, só que o Dante continua a segurar-me o braço com um aperto excessivo em relação à situação, como se estivessemos numa carruagem do metro sem nenhum varão a que nos agarrarmos. Está agitado; apercebo-me porque pisca os olhos continuamente, um tique que mantém desde a infância. Uma grande comodidade para um pai. Bastava uma mentira inocente para o apanhar. Lembro-me de que a Caterina o queria levar a um especialista - naquela altura chamavam-lhes assim, o termo «psicólogo» não existia ou era considerado demasiado forte. Se alguém arrastava um filho para um psicólogo, isso significava que era maluco, não havia nada a fazer. Se se levasse a um especialista, a coisa era completamente diferente. O Dante não foi a nenhum dos dois. E este é o resultado.

Não sei como continuar a conversa para a qual, sem querer, fui catapultado. Infelizmente, tenho de aprender e aceitar que, com o Dante, não consigo ser eu próprio, nunca sei o que dizer ou fazer.

Aproxima-se a Sveva, que me agarra o braço livre. Não sei se os meus filhos acham que eu estou assim tão senil que não me aguento em pé ou se, pelo contrário, são eles que precisam de amparo.

- Pai, eu vou-me embora. Queres boleia?

Grande Sveva, chegas no momento certo!

Despeço-me do Dante e do seu excessivamente cordial amigo e enfio-me no carro.

- Obrigado por me teres salvado - começo, enquanto ela liga o motor.

- És mesmo intratável. O Dante foi tão querido, a exposição era lindíssima e o artista é mesmo muito bom. Só tinhas que estar orgulhoso do teu filho!

- E quem te disse que não estou?
- Então, não demonstras.
- De facto, não, não sou capaz.
- Gostas de pensar isso, é mais cómodo.

Encosto a cabeça para trás e fecho os olhos. Fico com dores de cabeça só com a ideia de uma nova discussão com a minha filha. Ela, felizmente, olha para a estrada e não abre a boca, ainda que o rancor que a atravessa se revele nos movimentos repentinos quando põe o pisca ou mete uma mudança. Eu tenho imensos defeitos, mas acho que sou um homem pacífico; dificilmente me irrita ou tenho manifestações de fúria. A Sveva, pelo contrário, é como se estivesse zangada com o mundo inteiro. Acho que foi por causa daquela conversa sobre a sinceridade que esbocei com o artista simpático e *gay*. Sim, ele também é *gay*, assim como uma boa parte das pessoas presentes na exposição. De qualquer modo, dizia eu, a Sveva é pouco sincera com ela mesma e por isso acumula repressão e raiva. E não há nada a fazer - a raiva, para o organismo, é como as fezes: um resíduo que não presta e tem de ser expulso. Eu sou um ótimo laxante para a minha filha.

- Olha lá, mas porque é que não mudas de emprego? - pergunto ao fim de algum tempo.

A Sveva vira-se, com o rosto ainda mais tenso.

- Por que razão havia eu de mudar?
- Para seres mais feliz.

Estava à espera que a fúria desse novo salto em frente. Ao invés, a Sveva sorri. Pelo menos, ainda é capaz de surpreender um velho que já não é capaz de se espantar com nada.

- Pai, para ti é sempre tudo fácil. És infeliz? Muda de trabalho, de marido e de filhos. As coisas não são assim tão simples.

- Porque tu és jovem: quando envelheceres e perceberes que te resta pouco tempo, terás vontade de que mudar seja simples!

A Sveva não me responde; eu viro-me a olhar para a rua, a pensar no Dante e em como me sinto um nojo depois deste nosso último encontro. Para mim o Dante é como o espelho no quarto da Rossana, reflete sem piedade as minhas imperfeições.

- E o teu irmão - continuo - achas que é feliz?
- Mas a que propósito são todas estas perguntas sobre a felicidade?
- Gostava de vos ver felizes.
- Não, não é verdade. Perguntas isso porque te sentes culpado.

Pois, tem razão. A Sveva é um osso duro de roer; não tem medo de mim, ao contrário do irmão. Mais para mais é advogada - desmascarar os mentirosos faz parte do trabalho dela.

- Em qualquer caso, não te preocupes. Apesar das tuas ausências, cá acabámos por nos arranjar - continua, e dá-me uma pancadinha na perna.

- Sempre simpática.

- Se não queres ouvir as respostas, não faças perguntas. Sempre estiveste calado e contente, continua assim...

Já chegámos, tenho de sair.

- Seja como for, acho que o Dante está tranquilo - acrescenta por fim.
- Porque é que ele não me conta que é *gay*?

- Ainda continuas com essa história? Não me arrastes para assuntos que não me dizem respeito!

Depois dá-me um beijo repenicado na face. É a sua maneira de indicar que já chega e que agora tenho mesmo de sair. Já fechei a porta quando bato no vidro. Espero que abra a janela para enfiar a cabeça dentro do carro.

- Diz-me a verdade: aquele artista cordial que pinta o Super-Homem de minissaia é o companheiro dele?

- Adeus, pai - despede-se ela; sobe o vidro e arranca.

Sim, é o companheiro do Dante. Abro a porta e chamo o elevador. Quanto mais não seja, o Leo Perotti é simpático e sorridente. À Caterina teriam bastado estas qualidades para gostar dele. Eu é que imaginava uma nora bastante diferente. Mas não me posso queixar: pelo menos, não é careca nem peludo.

Falhei

Há vidas lineares e outras mais tortuosas. A minha pertence claramente à segunda categoria. Poucas vezes soube com certeza aquilo que desejava e como o atingir; quanto ao resto, naveguei sempre à vista. O facto é que desde muito novo percebi que para perseguir um sonho tinha de se estar pronto para qualquer sacrifício alguma coisa, ainda que fosse o do meu tempo livre, e eu nunca me quis privar de nada, muito menos do tempo livre. Muitos dos meus amigos da escola acabaram a fazer aquilo em que acreditavam (aliás, quando muito, aquilo os seus familiares desejavam). Os meus pais, pelo contrário, não alimentavam grandes sonhos para mim, até porque, acho eu, já não lhes restavam muitos: quase todos tinham sido realizados pelos meus dois irmãos mais velhos. Por isso, se hoje lamento o facto de não ter tido uma vida profissional digna desse nome, pelo menos não preciso de me zangar com os fantasmas de quem já cá não está, ainda que isso fosse mais cómodo. Pelo contrário, o meu falhanço profissional deve ser imputado, única e exclusivamente, à minha pouca tenacidade. O meu pai fora operário uma vida inteira, e no dia em que consegui acabar o curso apresentou-se com um casaco preto de um tamanho acima, que lhe dançava sobre os ombros magros como o xaile de uma velhota. Depois do diploma não me pediu mais nada, satisfeito com aquele pouco que eu lhe oferecera. Então eu contentei-me com o título de contabilista e procurei um emprego, tarefa que não era assim tão complicada em meados dos anos cinquenta. Um tio da minha mãe tinha um gabinete de contabilidade em Mergellina: aí comecei do zero e percebi que o trabalho de contabilista não era para mim; por isso, despedi-me e fui-me embora.

Também nessa altura os meus pais não me disseram nada. Assim como não puseram objeções quando fui contratado por uma empresa de calçado onde, inicialmente, a minha tarefa consistia em transportar sapatos do depósito para o armazém e vice-versa. Depois, a certa altura, o proprietário, que tomou conhecimento, não sei bem como, do meu diploma, pediu-me para pôr as contas da empresa em ordem. Resisti dez meses; uma noite, por alturas do Natal, senti de repente que me faltava o ar e fiquei vermelho como um pimento. Ao meu lado estava a filha do proprietário, que há pouco tempo viera ajudar o pai e acabara por cair na minha fina rede de sedução. Não sei se aquele ataque de pânico (que na altura, como é óbvio, era definido como um simples mal-estar) foi devido ao regresso aos números e às contas ou à opressiva presença da rapariga, que parecia querer engaiolar-me numa vida que pré-definira. Levantei-me e, sem dizer uma palavra, fugi.

Durante um curto período fui também detetive privado. Era divertido: essencialmente, tinha que seguir mulheres infiéis. Só que esse emprego também não durou muito. De tanto espiar mulheres, apaixonei-me por uma delas. A nossa ligação foi tão breve como intensa, assim como o sermão do meu chefe quando me apanhou (no auge da nossa relação amorosa eu confessara à visada a minha verdadeira identidade).

Em suma, durante anos andei a saltar de trabalho em trabalho só para não criar raízes e me deixar subjugar pela ideia de um futuro medíocre, mas seguro. Depois encontrei a Caterina. Trabalhava como secretária no gabinete de contabilidade Volpe, para onde eu tinha sido catapultado por intercessão de um dos meus irmãos. Este último estava tão feliz por me ter ajudado que eu não arranjei coragem para recusar a oferta, apesar de saber desde o primeiro dia que aquele não ia ser o meu futuro. Todavia, acabei por lá ficar o resto da minha vida laboral: o tempo de conquistar a Caterina, casar com ela, fazer dois filhos e voltar depois a minha atenção para outras mulheres.

Apaixonei-me por ela assim que a conheci. Era engraçada; tímida, mas decidida; elegante; sempre disponível; e acolhedora. Aí está, este é o termo exato: a Caterina sabia acolher, pelo menos no início. E eu sempre me senti atraído por quem me permitia sugar amor sem pretender outro tanto.

Naqueles anos voltei a ser contabilista – passava os meus dias a fazer contas, a procurar a casa que havia de nos albergar, os móveis que a iam decorar. Depois, a certa altura, decidi parar. Já não podia mais: odiava aquele emprego, a matemática, os números, e a ideia de apodrecer atrás de uma secretária. Odiava aquela existência que, mais uma vez, não escolhera.

Durante uma vida inteira tentei fugir a um trabalho sedentário e falhei. Durante uma vida inteira estrebuche, acreditando que me podia esquivar a um destino que parecia querer encurralar-me. E falhei. Durante uma vida inteira mudei várias vezes de caminho para não acabar a trabalhar como contabilista. E falhei.

De qualquer modo, naquele período a Caterina esteve muito próxima de mim; entendia o meu estado de espírito e incitava-me a procurar o meu próprio caminho. Convenci-me de que a amava muito, apesar de já não sentir nada por ela, e lancei-me de novo à procura de um emprego mais condizente com a minha

maneira de ser. Depois, a notícia: a Caterina estava grávida. Por isso ela teve de deixar o gabinete e eu, pelo contrário, de regressar. O trabalho de contabilista agarrara-me mais uma vez com os seus longos tentáculos. Não foi por culpa da Caterina, como é óbvio; só que, inconscientemente, acusei-a, a ela e ao que tinha na barriga. Por causa da gravidez era obrigado a pôr para sempre uma pedra sobre o meu movimento de rebelião, por culpa da minha mulher ia viver uma vida que não queria. Foi então que comecei a odiá-la. A Sveva ainda estava na barriga da mãe e eu já era mau marido.

Fui contabilista durante quarenta anos. O trabalho foi para mim uma existência secundária, como uma música de fundo. A minha vida era outra coisa: os filhos, as amantes, os amores impossíveis, os amigos e os sonhos que ficavam sempre no mundo dos sonhos e que se transformavam, com os anos, em mágoas. No entanto, sei-o agora, não se pode tratar o trabalho como algo que se põe de lado, porque ele não se deixa ficar à parte. Não teria cometido muitos dos disparates com os quais tentava dar um sentido à minha existência se tivesse encontrado uma profissão cativante.

Uma ocupação apaixonante não nos faz amar a nossa mulher, não nos ensina a gozar até ao âmago o facto de sermos pais, não nos serve sequer para sacudirmos dos ombros o pó que carregamos desde a infância, é verdade, mas, pelo menos, ajuda-nos a fechar os olhos à noite e a não esbracejar no meio dos tormentos. Só que eu passei a vida a recriminar a Caterina, o meu emprego, a pouca liberdade, as escolhas erradas, os filhos que me roubavam a energia, o tempo que passava, só para não enfrentar a única verdade: não fui capaz de mudar nada.

Talvez não seja assim tão forte como quero dar a crer.

A mente

Sempre que bato à porta do Marino, tenho de esperar dez minutos até que ele abra. Como já lhe custa levantar-se daquela maldita poltrona, desliza como um caracol até à entrada e, finalmente, enfrenta a fechadura cerrada com duas voltas. Porque o Marino, entre outras coisas, tem fobia de ser roubado. O quê, não sei. Só que aquele velho teimoso não quer conversar sobre o assunto, e por isso eu lá tenho também de esperar que a chave dê a volta completa para deixar o trinco saltar. Mais alguns segundos preciosos perdidos por causa das obsessões alheias. Um dia destes devia tentar explicar-lhe que viver no medo constante de um perigo não chega para o esconjurar, serve apenas para deitar fora mais um dia da nossa existência. Mas acho que isso era perder tempo e latim.

- Marino, não podes continuar a trancar-te como se vivesses num *bunker*.

Intuo, pela expressão do seu rosto, que não percebeu o comentário. Todavia, a partir de uma certa idade não podemos ser esquisitos: temos de nos contentar com aquelas poucas pessoas que ainda estão ao nosso lado. Avanço à frente dele até à sala e instalo-me no sofá. O Marino vai ter comigo a arrastar os pés e enterra-se na sua poltrona; a cena faz-me lembrar um caracol assustado a recuar para dentro da casca.

- Então? - pergunta ele. - Como estás? Novidades?

Não consigo apagar da ideia a imagem do grande caracol a falar comigo e a fazer-me perguntas. Sou obrigado a fechar e voltar a abrir os olhos.

- Muitas - respondo depois. - Conheci a Emma.

- Sim, já sei.

- Como?

- A Eleonora tem-me mantido informado.

- A dos gatos?

- Sim, a dos gatos.

- Velha coscuvilha - rebato, aborrecido.

Ele sorri, divertido. Há uma grande distância entre o organismo do Marino e a sua mente. Está um bocado surdo, é verdade, mas é ainda uma pessoa inteligente. Acontece muitas vezes o corpo não seguir o mesmo percurso do cérebro, de tal maneira que um dia nos encontramos em frente ao espelho e não nos reconhecemos.

- O que foi que ela te contou?

- Que é preciso fazer alguma coisa pela rapariga; que tu és um velho irascível e que não queres saber de nada.

- Foi mesmo isso que ela te disse? Que eu sou um velho irascível?

- Tal e qual - insiste o Marino. - Mas o que foi que aconteceu?

Não sei se ele está mais contente por a Eleonora me ter chamado «irascível» ou «velho». Tendo mais para a segunda hipótese: as verdades incómodas apoquentam-nos menos se se referirem aos outros.

- O meu conflito com a Emma já está resolvido. A noite passada dormiu em minha casa.

O Marino arregala os olhos, agarra os braços da poltrona e soergue-se.

- O que é que percebeste?

- Diz-me tu.

Não sei se hei de ficar irritado com o pensamento obsceno que lhe remói o cérebro, ou envaidecer-me por ainda me considerar capaz de seduzir uma trintona.

- Veio bater-me à porta e confessou-me tudo. Contou-me que o imbecil a maltrata há três anos e ela não tem coragem para fugir. Aqui não tem ninguém. O marido não ia voltar ontem; por isso, pediu-me para ficar cá em casa. Aquela mulher precisa de atenção e de algum calor humano.

O Marino larga os braços da poltrona e afunda-se de novo no meio das almofadas.

- E tu, o que lhe aconselhaste?

- E o que havia de ser? Avisei-a de que, se ela não o denuncia, trato eu disso. Mas ela implorou-me que não o fizesse.

- E então? Já não escrevemos a carta a ameaçá-lo?

Fico contente por o Marino se sentir parte integrante da investigação; o problema é que me parece que já não me estou a divertir tanto como no início. Quando a dor alheia se aproxima demasiado, começamos nós também a sentir uma fisgada.

- Escrevemos, claro. Ainda que não sirva para a salvar, pelo menos não assobiámos para o lado. Pode

ser que da próxima vez o filho da mãe pense duas vezes antes de lhe bater.

- Nesse caso, tenho de te mostrar uma coisa - responde o Marino, com uma espécie de risadinha estampada no rosto. Espero que saia da casca e vou atrás dele até à salinha ao lado, onde nos espera o computador.

- Falaste com o Orazio? Vem ajudar-nos?

- Ajudar-nos? Nós não precisamos de ajuda! Está calado e olha, desconfiado!

Dito isto, aproxima-se da máquina e com gestos lentos, mas seguros, liga-a. Depois senta-se diante do ecrã e espera. Quando o computador fica pronto, vejo-o manusear o rato durante alguns segundos e, como que por encanto, surge uma folha branca pronta para ser conspurcada pelas nossas precárias ameaças.

- Fantástico, mas como é que conseguiste?

- Estive a treinar com o meu neto durante uma tarde inteira - responde ele, cheio de orgulho.

- Boa! - comento, e dou-lhe uma pancadinha no ombro.

- Ai, Cesare, tem cuidado!

Às vezes esqueço-me de que vivo rodeado de pessoas mais para lá do que para cá. Mas estou orgulhoso do meu vizinho: dentro das suas limitações, empenhou-se e perdeu horas por causa de uma mulher que nem sequer conhece. Um pequeno gesto que nunca ninguém vai ver e que, por isso mesmo, assume ainda mais valor.

- Então - começa -, dita, estou pronto!

- Vais tu escrever? - pergunto, alarmado.

- Porquê? Preferes ser tu?

- Não, é que, na verdade, ainda não pensei o que dizer.

- Tu és o cérebro - apressa-se o Marino a replicar, descarregando em mim toda a responsabilidade da operação.

- Nesse caso... escreve...

O velho já tem as mãos preparadas para caírem sobre o teclado, como um pianista um instante antes de começar uma peça, quando toca a campainha. Ficamos paralisados e trocamos um olhar preocupado.

- Descobriram-nos! - sussurra ele.

- Mas tu és parvo? Se nem sequer começámos?

- Nesse caso, quem será? - pergunta, com um fio de voz.

- Sei lá eu! Vai abrir, a casa é tua!

O Marino obedece e afasta-se, assustado. Ainda bem que durante a guerra ainda era um rapazola e não teve de ir à tropa; como soldado devia mesmo fazer pena. Via-o perfeitamente como personagem dos *Sturmtruppen*¹.

Assim que o Marino abre a porta, ouço, inequívoca, a voz da Sra. Vitagliano. Poucos segundos e também o fedor chega à sala. De facto, é como se aquela velha andasse sempre com um exército de gatos mortos nos bolsos do casaco. Ouço-a confabular com o Marino enquanto percorrem o corredor.

- A Eleonora veio saber como vão as coisas - afirma o Marino ao entrar no aposento.

Perfeito - agora é que somos mesmo um belo grupo de desesperados. O meu velho vizinho pega numa cadeira para instalar a visitante, e depois regressa ao computador.

- Então... - tento retomar o fio do discurso - escreve: «Pre-ten-de-mos a-vi-sá-lo de que te-mos co-nhe-ci-men-to do fac-to de o se-nhor mal-tra-tar a sua mu-lher. Se as a-gre-ssões con-ti-nu-a-rem, se-re-mos o-bri-ga-dos, a-in-da que con-tra a no-ssa von-ta-de, a pre-ve-nir as au-to-ri-da-des com-pe-ten-tes.»

Um quarto de hora e um litro de suor depois pomos o ponto final. Não tenho mais ideias, mas acho que isto assim pode funcionar.

- Já acabaram? - grita a Eleonora.

- Pois, sim, acho que sim - respondo, incerto.

- Não está bem! - exclama ela, com vigor.

- Como não está bem?

- Demasiado frouxo; é preciso uma coisa completamente diferente! Marino, escreve antes assim: «Imbecil, sabemos que bates na tua mulher. Se isso acontecer nem que seja só mais uma vez, vamos aí e partimos-te as duas pernas. Ficas avisado!»

Olho para a velha dos gatos, incrédulo. O Marino, por seu lado, ri-se por baixo dos bigodes enquanto termina de digitar a nova ameaça.

- Meus senhores, é preciso uma intimação séria. Aquele desgraçado tem que fazer pelas pernas abaixo, e isto não vai lá com ameaças das autoridades competentes!

O Marino olha para mim; com um gesto de cabeça, eu incentivo-o a dizer o que pensa em voz alta.

- Parece-me que a Eleonora tem razão.

Viro-me para observar a velha que, entretanto, apoiou o queixo nas costas das mãos com as quais agarra a sua bengala de confiança. Os anos transformaram-na numa bruxa que, no entanto, ainda é senhora do seu nariz. Gosto disso. Como a Rossana e como todas as mulheres que não se vergaram perante a vida.

- Está bem, estão em maioria. Deixamos o texto assim.

- E agora? - pergunta o Marino. - O que fazemos?

- Imprime, depois meto a carta na caixa do correio e logo vemos o que acontece.

O Marino olha para mim, perplexo.

- O que é que foi?

- Não lhe pedi para me explicar como se faz...

- Como se faz o quê?

- Imprimir.

- Que merda - praguejo, antes de me dar conta da presença de uma senhora. Mas, felizmente, a velha não ouviu patavina e continua a olhar para nós com um sorriso idiota no rosto.

- Tu sabes como se faz? - pergunta-me o Marino.

- Não, a minha relação com a tecnologia parou no comando da televisão.

- Então a única coisa que podemos fazer é esperar pelo meu neto Orazio. Logo à noite telefono-lhe e peço-lhe para cá vir outra vez.

Bufo. Para escrever e enviar uma carta demoramos dias, enquanto lá fora as coisas apodrecem numa questão de horas. Despeço-me da parelha e subo ao andar de cima. Pendurado no puxador da minha porta está um saquinho. Abro-o; tem uma toalha lá dentro. Enfio-me em casa e leio o bilhete que acompanha o presente. É da Emma.

Assim, da próxima vez ouves aquilo que eu tenho para te dizer em vez de andares à procura da toalha!
P. S. Obrigada.

Conservo o bilhete na mão e descubro que estou emocionado. Como sempre, basta uma mulher para me fazer cair.

¹Banda desenhada italiana que apresenta uma visão satírica da Segunda Guerra Mundial através da perspetiva das tropas de assalto alemãs. (N. da T.)

Addò Talebano

Acho que no meu último encontro romântico ainda tinha carta de condução. Há dois dias que tento em vão arranjar uma desculpa válida, mas o facto de me ter tornado tão sincero não ajuda, parece-me que nada aguenta perante a voz desiludida da minha amante. E enganar a Rossana não me parece boa ideia. Se ela decidisse não me tornar a ver eu estava lixado – tinha de arranjar outra mulher que não se comportasse como uma amante e me deixasse adormecer ao seu lado ou me preparasse uma omeleta. E não tenho a certeza de que isso seja assim tão fácil.

Agora encontro-me à porta de casa dela, à espera, como um adolescente na sua primeira saída – isto apesar de achar que um adolescente se ia sentir muito mais à vontade. Tenho um problema: fora os nossos encontros sexuais, nunca sai com a Rossana. Não sei como anda vestida, se usa saltos ou chapéu, casaco de peles, ou se ela costuma maquilhar-se. Tanto me pode aparecer em fato de treino como num vestido de padrão leopardo e meias de rede (embora, se assim for, faço de conta que não a conheço e enfio-me na primeira viela escura que encontrar).

Não a devia ter convidado; a nossa relação funcionou bem durante dois anos e eu agora estou a complicar as coisas. A verdade é que conheço de cor o seu corpo e nada sobre o seu carácter. Ou, pelo menos, só conheço uma versão da sua natureza. E tenho medo de me dar conta de que as outras variantes não me agradam.

Então tento distrair-me: acendo um cigarro e entretenho-me a observar a rua vazia que trepa pela colina. Aqui está mais uma coisa de que não me lembrava quando se anda com uma mulher: a espera. Entre as minhas muitas virtudes, pois bem, não se inclui a paciência. Odeio esperar; fico nervoso, fumo sem parar e começam a doer-me as pernas. Era um dos muitos motivos de discussão com a Caterina. Eu já estava pronto, mas ela ainda tinha de enfiar a saia. Então saía para a rua e acendia um cigarro, que depois passava a dois ou três, dependendo do tempo de espera. Quando, por fim, ela chegava, o meu bom humor já tinha desaparecido, de forma que na primeira ocasião arranjava um expediente para a provocar. Muitas vezes a Caterina nem me respondia, mas quando decidia rebater, de cara zangada, discutíamos e arruinávamos o resto da noite. Portanto, estraguei muitos serões à minha mulher; pensando bem, também estraguei muitos dos meus. Um ano antes de morrer, a Caterina pediu-me para a levar à Starita, uma famosa pizaria em Materdei. O problema é que havia já dezenas de pessoas à conversa enquanto aguardavam a sua vez, e para entrar era preciso esperar pelo menos quarenta e cinco minutos, demasiado para as minhas possibilidades. Por isso declarei, alto e bom som que nunca, mas nunca, ia ficar tanto tempo à espera e afastei-me, irritado. A Caterina veio atrás de mim, sem tugir nem mugir, mas de trombas, e durante o resto do serão (passado numa espelunca decadente próxima dali, onde comemos uma pizza igualmente decadente) não me dirigiu uma palavra.

Olho para o relógio: estou aqui em baixo há quinze minutos e o acesso de cólera começa a não ser controlável.

Não há nada a fazer: poucas vezes saio vencedor da luta interna para me tornar um pouco menos intratável. Tenho quase a certeza de que não vou ser capaz de esconder a fúria quando a Rossana chegar e vou acabar por nos estragar o serão. Mas é então que ela aparece à porta: está lindíssima, num género discreto, com um bonito casaco comprido que lhe cobre as pernas e uns sapatos não demasiado altos. Observo-a, encantado, e parece-me que estou a olhar para ela pela primeira vez. É uma outra Rossana, diferente daquela que aprendi a conhecer. Vou ao seu encontro com um esboço de sorriso e dou-me conta de que não sou o único a sentir-se atrapalhado. E, no entanto, somos ambos maiores e vacinados, devíamos ser mais desenvoltos. O problema é que fizemos o percurso ao contrário: primeiro fomos para a cama e depois jantar fora, e na nossa idade é difícil aceitar que as coisas não tenham um critério. E depois, vá-se lá saber porquê, normalmente não penso no trabalho da Rossana, mas esta noite acho que não o consigo esquecer.

– Como estás? – pergunta-me.

– Bem, obrigado. Vamos apanhar um táxi?

– É longe?

– Vinte minutos a pé.

– Nesse caso, vamos andar, e assim podes contar-me alguma coisa acerca de ti.

Este novo papel não a fez perder a franqueza. Um ponto a favor dela.

– Porquê, não me conheces o suficiente? Olha que sabes mais de mim do que os meus filhos.

Ela olha para mim, satisfeita, e enfia o braço no meu. Agora parecemos mesmo um velho casal que

resolveu sair para dar uma abanadela a um casamento já putrefacto.

- Também és a pessoa que me conhece melhor.
- O teu melhor cliente – comento, com um meio sorriso.

Ela fica séria.

- Não. Nunca fui jantar fora com um cliente – esclarece.

Nesse caso, o que é que eu sou? Gostava de lhe perguntar, mas tenho medo de ouvir a resposta.

- Consegui arranjar o nome do patrão do meu filho e a direção do estabelecimento – diz, ao fim de algum tempo de silêncio.

- Muito bem; depois dá-me isso por escrito, e assim já podemos ir ter uma conversinha com esse senhor.

Fica com um ar feliz. Está contente e não faz nada para o esconder. Era bom que bastasse levar uma mulher a jantar fora para nos sentirmos tão profundamente íntegros. Mas não me engana: até pode sorrir, contar piadas, falar um italiano impecável, concluir o serão de um modo brilhante, mas não consegue apagar dos olhos a sensação de desajustamento. A Rossana é uma das muitas pessoas que pedem desculpa por estarem vivas, como se a sua existência pudesse incomodar alguém.

Abrandamos o passo e de vez em quando ela espreita as montras das lojas fechadas. Eu, pelo contrário, achava melhor que tivéssemos apanhado um táxi, até porque, de repente, ouve-se atrás de nós a buzina de uma motorizada. Viro-me instintivamente e depara-me com dois rapazes de crista na cabeça, cigarro na boca e cheios de tatuagens. Olham para mim com expressões rudes que destoam dos rostos adolescentes. Queriam espaço para andar de mota em cima do passeio. O problema é que não sinto vontade nenhuma de os satisfazer e por isso não me afasto. Então um dos dois declara:

- Avozinho, deixa passar! Mexe-te!

A Rossana aperta-me o braço, na tentativa, inútil, de não me deixar resmungar.

- Para além do facto de não ser teu avô, e para o caso de não teres dado conta, isto é um passeio!

Mas eles nem sequer me respondem e enfiam a frente da motorizada na única frincha possível entre mim e a minha companheira. No instante seguinte já desapareceram no meio do labirinto do Bairro Espanhol. Que pena: estava a saborear por antecipação a sua reação ao meu discurso. Desta vez ia transformar-me em polícia reformado.

- Tens assim tanto interesse em apanhar uma tarefa? – pergunta a Rossana.
- Eles nunca fariam isso. E depois, não consigo ficar calado.
- Ainda não percebeste que não vale a pena armares-te em herói nesta cidade?
- Não, antes pelo contrário. É mesmo aqui que são precisos heróis, não é em Milão ou em Turim.

A Rossana sorri com amargura e responde:

- De qualquer maneira, nem te ligaram nenhuma.
- É verdade, mas se eu só abrisse a boca quando tenho a certeza de que vou ser ouvido, ficava mudo para o resto dos meus dias.

A Rossana solta uma risadinha e enfia de novo o braço no meu.

- Como correu a exposição do teu filho? – pergunta a seguir, desejosa de regressar ao nosso serão.
- Bastante bem. Ele estava contente.
- E tu?
- Os salgadinhos eram bons.
- Tonto; queria saber se passaste algum tempo com os teus filhos.
- Com a Sveva, sim; o Dante estava ocupado a venerar os seus dedicados colecionadores.
- Não fales assim.
- É verdade.
- Como está a tua filha? – pergunta.
- Neurótica.

A Rossana detém-se e olha para mim.

- Cesare, será que consegues dizer alguma coisa simpática sobre a tua família?

Bem, de facto, isso obrigar-me-ia a um grande esforço. Por norma um pai não vê os defeitos de um filho; ao contrário, é só no que eu reparo.

- A verdade é que a minha filha me põe doido. É uma mulher infeliz que não para um segundo para perceber que o é.

- Não é fácil. Se calhar só precisa de uma ajuda.
- Imagina! É como a minha vizinha, que deixa que o marido lhe bata.

A Rossana fixa-me, o olhar mais aberto do que o costume graças ao rímel, e responde:

- E como é que tu sabes isso?
- Ouço-os... e conheci-a. Também me ofereci para a ajudar, mas ela recusou.
- O que é que isso tem a ver com a Sveva, desculpa lá?
- Ninguém pode ser salvo se não quiser. E a Sveva não quer.

A Rossana bufa.

- Tu passas demasiado tempo sozinho - comenta ao fim de uns instantes.
- Porquê? O que é que te leva a pensar isso?
- Tens uma carapaça demasiado dura.

Suspiro; a Caterina dizia mais ou menos a mesma coisa.

- Olha, é aqui que trabalha a minha filha - e indico a porta do escritório da Sveva.

A Rossana examina o edifício e comenta:

- Deve ser uma advogada importante, para ter um escritório em pleno centro. Devias estar orgulhoso dela.

- E estou - respondo, ao mesmo tempo que, pelo canto do olho, reparo num pormenor que me chama a atenção -, mas não tanto pelo trabalho. É mais porque ela se sabe fazer respeitar. Em certos aspetos parece-se comigo.

- Então tem muito mau feitio - brinca a Rossana, mas eu nem sequer a ouço, ainda absorvido pelo pormenor em que acabei de reparar.

Penso se é caso para voltar atrás, mas decido não estragar a noite à minha companheira e mudo de assunto.

- Ouve lá, e tu, porque é que estás aqui comigo? - pergunto.
- Como assim?
- O que é que pensas realmente de mim? Nunca me explicaste - insisto.

A Rossana faz uma pausa antes de responder:

- Acho que tu és uma excelente pessoa que faz os possíveis para parecer mau.

Aqui está a razão pela qual eu saio com a Rossana, a levo a jantar e passo mais tempo com ela do que com o meu neto: atira-me as verdades à cara sem grandes rodeios.

- Bem, digamos que quem gosta de mim prefere ver as coisas dessa maneira.
- E quem foi que te disse que eu gosto de ti? - pergunta ela num tom irónico.

- Bom, se assim não fosse, não tinhas ido para a cama comigo - sussurro. - A aparência não é propriamente o meu forte!

Ela ri-se, e eu penso que, apesar de me estar a esforçar imenso, não consigo mesmo tirar da cabeça o pormenor em que reparei à entrada do escritório da Sveva.

- Olha - digo por fim -, tenho de voltar atrás para verificar uma coisa. Não te importas? São só cinco minutos.

- O que é? - pergunta a Rossana.
- Nada, um disparate. Mas, se não vou ver, fico com a pulga atrás da orelha.

A Rossana deixa-se levar sem opor resistência. Voltamos ao escritório da minha filha e o *pormenor* ainda lá está.

- Estás a ver aquele carro? - indico à Rossana, apontando para um SUV parado ali perto.
- Qual?
- O grande e escuro que está estacionado à porta do escritório.
- Sim... - responde ela, hesitante.

- Não sei se estou enganado, mas parece-me o mesmo em que há dias a apanhei na companhia de um homem.

A Rossana fita-me durante alguns segundos; eu, pelo contrário, dedico-me ao SUV sem desviar o olhar, como se fosse um felino, com o pescoço erguido e as orelhas para cima, quase sem me mexer. Sempre achei curioso o modo como os animais conseguem ficar concentrados durante intermináveis minutos à espera de um único movimento pequeno e insignificante. Para captar a atenção de um ser humano, pelo contrário, às vezes nem uma estalada em cheio na cara é suficiente.

- Agora olha lá para cima; estás a ver a luz acesa? É a do gabinete da Sveva.
- E então? - pergunta a Rossana, ao fim de um instante que me parece interminável.
- Então deve ser o mesmo carro. Ele está lá em cima com a minha filha.

A Rossana ri-se. A mim, pelo contrário, a hipótese não parece nada divertida.

- Aí está um lado teu que eu não conhecia. És paranoico.

Sabes quantos lados meus ainda não conheceste? Debaixo dos lençóis, apenas afloram os defeitos

menores de um homem.

- Prefiro chamar-lhe «ter vistas largas». A minha filha tem uma relação extraconjugal!
- Porque a viste a sair de um carro de alguém que não era o marido?
- Dá-se o caso de esse sujeito ter pousado uma mão na coxa dela para se despedir. Não me parece que alguém que dê uma boleia a uma colega ou a uma amiga lhe toque na perna como recompensa. Se assim fosse, esta cidade estava cheia de fanáticos a oferecer boleias.

Claramente, a Rossana diverte-se; as minhas palavras parecem deixá-la de bom humor. Eu, pelo contrário, continuo seriíssimo; pego no telemóvel e ligo à Sveva.

- Mas o que é que tu estás a fazer? - questiona a Rossana.

Não lhe respondo, até porque já está a chamar.

- Pai.

- Olá, Sveva, como estás?

- Bem, porquê?

Parece-me ofegante. A Rossana aproxima-se do meu ouvido para escutar.

- Por nada. Queria saber se estava tudo bem...

Ela fica um pouco em silêncio e depois responde, com uma voz pouco firme:

- Claro que sim.

- Sinto-te estranha, agitada.

- Que conversa é essa? É que eu não estou habituada aos teus telefonemas nem aos contínuos interrogatórios dos últimos dias.

Efetivamente, estou a comportar-me como um velho caduco que já não tem vida própria e tenta recuperar vivendo a dos filhos.

- Só te queria cumprimentar. Estás em casa?

- O quê? Sim, estou.

A voz traduz insegurança. Eu conheço a minha filha: sei que dificilmente se deixa dominar, mas quando isso acontece já não consegue defender-se e rende-se ao inimigo, como uma cria indefesa contra o líder do bando. Mas eu não me compadeço, quero ir até ao fim.

- Nesse caso, passa-me o Federico. Quero dizer-lhe olá.

Mais silêncio.

- Pai, agora não são horas, ele tem que tomar banho e ir para a cama. Eu ligo-te amanhã, desculpa lá - e desliga antes que eu possa responder.

Volto-me para a Rossana, que olha para mim com curiosidade.

- A minha filha esteve a contar-me um monte de tretas - comento, e enfio o telemóvel no bolso.

- É normal, todos os filhos o fazem - tenta ela, a fim de amortecer o golpe.

- Tenho a certeza de que está lá em cima com o amante.

- E se estiver? O que é que tu podes fazer? A vida é dela.

É a mesma coisa que eu teria dito a um amigo, ao Marino, por exemplo, que tem o péssimo hábito de meter o nariz na vida da filha. Tal como eu estou a fazer agora.

A luz do gabinete apaga-se. Agarro na Rossana, ainda ocupada a dispensar conselhos que eu não ouço, e escondemo-nos atrás de uma furgoneta. Ela olha para mim como se eu fosse louco. Eu não sou louco, querida Rossana; sou, como já te expliquei, um transformista. Agora, por exemplo, estou a desempenhar o papel de detetive.

- Cesare, eu não quero participar nisto; espiar a tua filha parece-me muito incorreto!

Se tu soubesses a quantidade de coisas incorretas que eu faço todos os dias, querida Rossana. Até continuar a deixar-te o dinheiro em cima da mesa de cabeceira me parece um pouco incorreto para ambos e, no entanto, quanto a isso não tens problemas.

- É só um instante e já vamos - respondo, não despregando os olhos da entrada do prédio.

- Estamos a atrasar-nos... - tenta ela lembrar.

O ruído elétrico da porta antecipa a saída da Sveva. Arregalo os olhos; ao lado dela está um homem distinto, dos seus sessenta anos, com os cabelos brancos e uma barriga saliente por baixo da camisa. Olham os dois em volta com um ar circunspecto antes de se entrarem no SUV que se abre com um *bip*. Ouço a Rossana ao meu lado sussurrar:

- Tinhas razão...

O carro faz marcha atrás e arranca. De repente já não quero saber do jantar, nem da Rossana, nem do amor que já não voltarei a fazer para o resto dos meus dias. Agarro na minha companheira pelo braço e corro até ao fim da rua, onde fica uma paragem de táxis.

- Mas o que é que tu estás a fazer? - grita a Rossana, ao mesmo tempo que agarra na carteira com força.

- Temos que os seguir!

- Tu és doido!

Sim, sou doido, mas devias ter dado conta disso mais cedo. Tiveste dois anos para te aperceberes, minha filha; agora é tarde de mais, e se não mexes esse rabo perdemos o SUV e adeus, perseguição.

Mando parar um táxi de repente e ordeno ao condutor que siga o carro. Estou ofegante e falo com dificuldade, mas, apesar disso, arranjo fôlego para me desculpar:

- Sinto muito por te ter estragado a noite, mas preciso de perceber o que é que a minha filha anda a fazer.

A Rossana não responde, e então eu dirijo-me ao taxista para lhe pedir que ande mais depressa. O homem resmunga qualquer coisa e acelera um pouco; a perseguição, claro, não lhe interessa minimamente. Num semáforo vermelho para um instante antes de o SUV acelerar e avançar. Então eu chego-me à frente e exclamo:

- Mas o que é que está a fazer? Continue, siga!

O taxista vira-se e responde com maus modos:

- Ouça, eu não quero saber dos vossos problemas; o que não vou é apanhar uma multa!

Neste momento sinto o dever de efetuar a transformação habitual.

- Provavelmente não me reconheceu: sou o diretor da polícia e estou a perseguir um bandido. Ordeno-lhe que passe com o vermelho, pois de outro modo amanhã a sua carta é lixo!

Ele fica pálido, tira o boné e responde:

- Desculpe, senhor diretor, não o reconheci.

Volta-se, mete a primeira e arranca com uma grande chiadeira. Poucos instantes e estamos de novo atrás da nossa presa. Finalmente, a Rossana volta a sorrir-me, eu retribuo. Não me enganei em escolhê-la: vende o corpo, mas diverte-se com os meus disparates. E na minha idade preciso de uma mulher que me faça acreditar que ainda sou uma pessoa agradável e não um velho que se pode abandonar numa poltrona em frente à televisão.

O carro para a poucos quarteirões da casa da Sveva. Ela e o tal homem falam, beijam-se; por fim, ela sai e ele vai-se embora. Ocorre-me pensar no momento em que, dentro de poucos minutos, a minha filha se vai encontrar com o Diego e o Federico e em como fará para camuflar o engano. Eu achava que era muito bom nisso, mas se calhar enganei-me, se calhar os filhos têm poderes paranormais, aos olhos deles a máscara com que entramos em casa não se materializa. Por isso achamos que estamos protegidos, quando na realidade estamos nus. Na Sveva reencontro-me. Eu enganava a mãe dela, ela, o marido.

O taxista olha para mim; acho que quer saber o que deve fazer, mas eu sou o diretor da polícia e ele tem demasiado respeito pelo meu cargo para colocar questões.

- Siga a viatura - indico por fim, num tom de voz austero, como compete a um representante das instituições.

A Rossana dirige-me mais um olhar, o enésimo da noite, eu aquiesço, como que a assegurar-lhe que tenho a situação sob controlo. O taxista transpira, vê-se que está preocupado, provavelmente acha que está a perseguir um poderoso chefe da camorra e não um velho barrigudo com um carro palerma. No meu tempo havia os *Fiat 500*, e quem fosse demasiado alto tinha de guiar curvado; hoje existem estas espécies de transatlânticos que não se percebem para que servem. O mundo torna-se cada dia mais estreito, e no entanto continuamos, imperturbáveis, a produzir objetos cada vez maiores.

Mas agora são outros os problemas que me afligem. Por exemplo, passei os últimos dez minutos a perguntar a mim mesmo por que razão a Sveva prefere passar o seu precioso tempo nos braços de um velho suíno em vez de estar em casa com o marido e com o Federico. Depois percebi. Fora do casamento, uma mulher procura aquilo que não encontra lá dentro; o Diego é um excelente rapaz, mas é demasiado bom, como o Marino. E eu já partilhei aquilo que penso sobre os bons. Isto significa que a especialidade do indivíduo que estamos a perseguir é a maldade, e eu não posso permitir que a minha filha acabe nas garras de um homem perverso, ainda que simpático, seguro de si, alegre e jovial. Com estas características, ela já me tem a mim na sua vida.

- O que queres fazer? - pergunta a Rossana num fio de voz.

- Não sei.

Na verdade sei, só que de momento não tenho assim tanto a certeza. No fundo, que direito tenho eu de decidir sobre os assuntos da minha filha? Eu não fiz a mesma coisa? E, depois, a pergunta que me ecoa no cérebro é outra: será que eu não tenho dúvidas de que é melhor passar a vida ao lado de um homem bom,

mas aborrecido, em vez de com um simpático, mas egoísta? O mal sabe camuflar-se mesmo por detrás de um rosto afável. Só que agora entrei no jogo e tenho que saber mais alguma coisa sobre o velhote que leva a Sveva para a cama. E eu que andava preocupado com as preferências sexuais do Dante! Em comparação, aquele artista sociável com quem ele anda parece um modelo fotográfico.

O SUV para na marginal. O homem liga os quatro piscas, sai do carro e entra numa tabacaria. Quando regressa, traz na boca um charuto e, na mão, um saquinho colorido. Estico-me para ver melhor e percebo que se trata daqueles animaizinhos de plástico de que as crianças tanto gostam, o meu neto inclusive. Uma vez comprei-lhe uma caixa que continha uma cerca, uns porcos, duas vacas malhadas e umas ovelhas. O Federico brincou com aquilo o tempo suficiente para construir a cerca e meter os animais lá dentro a pastar. Uns dias depois, aquela alegre quinta jazia tristemente num saco na companhia de mais mil e um brinquedos que tinham deixado de cumprir a sua função, um pouco como os carros que apodrecem à beira das autoestradas.

O homem volta a entrar no carro e arranca. Olho em volta; estamos muito longe do nosso restaurante, a perseguir alguém que, para além de ter uma relação com a minha filha, deve também já ter netos. Se calhar não é assim tão má pessoa. Se calhar nem sempre é válida a equação de que fora do casamento se procura algo diferente. Se calhar algumas pessoas sentem apenas a necessidade de se reencontrarem graças a um rosto novo, um perfume diferente, uns olhos que nos perscrutam com curiosidade.

- Está bem, deixe-nos aqui! - exclamo a seguir, em sinal de rendição.

O taxista suspira, satisfeito, como se tivesse escapado de um perigo sério, e oferece-me a viagem, a enésima da minha vida.

- Sabes que és mesmo um tipo fixe, tu? - comenta a Rossana com sarcasmo.

O jantar romântico já era. Destruí-lhe o serão por uma crise de ciúmes adolescentes e agora vai mandar-me àquela parte.

- Mas olha que nunca me diverti tanto numa primeira saída! - prossegue, satisfeita.

Que mulher! Se eu tivesse menos dez anos casava-me com ela. Abraçamo-nos e encontramos-nos de novo um em frente ao outro, as bocas separadas por poucos centímetros. Desperto e afasto-me; não posso beijá-la - não aqui e não agora, no meio de toda a gente. Se alguém chamasse a polícia por atos obscenos num local público, não podia deixar de lhe dar razão.

- Lamento muito. É que ver a minha filha na companhia de semelhante homem fez-me saltar a tampa!

- Não te preocupes, eu entendo-te - responde-me. - De facto, não sei o que é que ela vê naquele velho.

- Obrigado pelo cumprimento!

- Palermo! Eu queria dizer velho para ela.

Olho em volta. À nossa frente está uma *roulotte* onde se vendem sanduíches. Tenho uma ideia.

- Olha lá, e se eu te oferecesse uma refeição requintada naquele Addò Talebano² ali em frente?

Ela vira-se e desata a rir; depois, agarra-me na mão e enlaça-a na sua, e, incrivelmente, um arrepio corre-me célere ao longo do braço e dissolve-se atrás das costas. Creio que a última mulher com quem instaurei uma intimidade semelhante foi mesmo a minha, a Caterina. Estas mãos rugosas e manchadas estão mais habituadas a apalpar uma nádega do que a tocar na palma da mão de outra pessoa. É a idade que avança e devora, inexorável, a pouca poesia que ainda cintila em mim.

Para a Rossana compro um hambúrguer com queijo e eu atiro-me a um cachorro com chucrute, o que não é exatamente o menu ideal para um primeiro encontro. Mas do romantismo sobrou muito pouco esta noite, só o casaco comprido que a Rossana levanta um bocadinho antes de se lançar sobre o murete que delimita a rua. Eu imito-a, depois bebo um longo gole da garrafa de *Peroni* gelada e passo-lha. Atrás de nós, o mar repousa sereno e reflete as luzes dos palacetes de Posillipo, onde a gente da minha idade janta com talheres de prata e criados de servir. Eu, pelo contrário, bebo pela garrafa e se pudesse soltava um sonoro arroto que daria alguma trégua a este pobre estômago aos saltos.

- De qualquer maneira, esta noite percebi que o meu filho está em boas mãos - comenta ela, a certa altura. - Se a Sveva é assim tão parecida contigo, deve ser uma leoa em tribunal!

Ficamos uma hora em cima do murete, a rir de nós e da vida, até que a Rossana me lembra de que é tarde e de que no dia seguinte tem de trabalhar. Em semelhante contexto - com o mar e o Castel dell'Ovo atrás de nós, as famílias a passear e o Vesúvio a espiar-nos - tinha-me esquecido da profissão da Rossana e de que sou apenas um cliente velho e trôpego. Tinha-me esquecido de que a vida é como esta cidade, uma miragem. Todas estas luzes, os sorrisos das pessoas, as barraquinhas, os carrinhos de algodão doce, as campainhas das bicicletas que passam, a lua que se reflete nas águas e ilumina Capri à distância, tudo isto é muito pouco em relação ao silêncio de tantas velas sórdidas e esquecidas, perante o lamento dos becos que transpiram violência, diante dos olhares assustados de quem ainda não percebeu a forma de se

confrontar com o outro rosto da cidade.

Levantamo-nos e dirigimo-nos aos táxis; a comédia terminou, regressa-se à realidade. No entanto, estou contente: no início do serão receava ter de conhecer uma mulher diferente, que não me ia agradar, mas afinal percebi que não existem outras versões da Rossana. Ela é sempre a mesma, em *lingerie* ou de blusa e saia, em cima de um colchão como no topo de um murete. Quem sabe se não seria também capaz de conquistar os meus filhos?

Já estou em casa quando recebo uma mensagem no telemóvel. É da Rossana. Ao fim de inúmeras tentativas consigo finalmente ler o texto. Diz: *Obrigada por esta noite fantástica, nunca a vou esquecer!*

Humedecem-se-me os olhos, por isso atiro o telemóvel para o sofá e vou à casa de banho. Mas vejam lá se é normal na minha idade ainda me emocionar com uma simples frase! Sentado na sanita, os meus lábios decidem romper o silêncio da casa:

- Só te queria contar que esta noite uma mulher me deu a mão e me emocionei como há muito tempo não me acontecia. Eu sei, não é simpático confessar isto, logo a ti. Mas és a única a quem me apetecia dizê-lo. Boa noite.

Depois puxo o autoclismo e vou dormir.

Sobre a Sveva é melhor não lhe contar nada.

² Adaptação do nome de um restaurante napolitano (O'Talebano) de kebabs, a fazer referência ao tipo de refeição rápida que pode ser degustada nesse estabelecimento. (*N. do E.*)

Somos dois

O indicador luminoso avisa-me de que o elevador, como sempre, está parado no sétimo andar. Deve haver um magnetismo cósmico, uma lei da gravidade que funciona ao contrário e atrai os ascensores para o último piso. Carrego no botão e espero que o velho caixote chegue para me levar. Uns metros acima uma porta fecha-se com violência, antes de alguém se lançar a correr pelas escadas. Espreito e vejo-o, o vizinho violento, a galgar os degraus como um possesso. O coração começa a palpar-me no peito, porque o homem não vai com pressa, foge. E se foge é porque fez mal à Emma.

Resolvo enfrentá-lo.

Assim que se apercebe da minha presença, abranda e fecha os olhos. Obviamente, ainda não se esqueceu da lição que eu lhe dei. A um metro de mim detém-se e pede licença, eu não me mexo um centímetro. Sinto taquicardia, vertigens, e uma gota de suor escorre-me da testa. Apesar disso, não recuo; um general nunca o faria.

- Deixa-me passar? - pergunta ele.

Observo-o. Está a transpirar, tem o cabelo despenteado em madeixas enlouquecidas e as pupilas dilatadas.

- O que foi que aconteceu? - consigo perguntar.

- O que é que havia de ter acontecido? - contrapõe.

- Porque é que vai a correr?

- Agora nem sequer se pode correr neste prédio?

Com efeito, torna-se-me bastante difícil encontrar uma réplica sensata.

- A sua mulher onde está? - questiono.

Ele recua apenas um instante, antes de decidir contra-atacar.

- Desculpe lá: e a si, o que é que isso lhe interessa?

Sinto o suor colar-se à camisola interior e tenho os olhos embaciados. Agora já não se trata de uma simples brincadeira inócua, arrisco-me a apanhar uma tarefa. E na minha idade não me parece que me safasse só com algumas contusões.

- Interessa no caso de o senhor ainda se atrever a maltratá-la.

Pronto, já está. Ele olha para mim, enfurecido, antes de perder o controlo.

- Sai-me da frente, velho senil! - e dá-me um empurrão. No momento seguinte já está na rua.

Felizmente, a parede amparou-me, por isso consigo não rebolar no chão, como acontece com o saquinho das compras, cujo conteúdo se espalha pelo átrio. Grande imbecil, juro que hás de pagar por isto! Pois, mas como?

Ajeito a haste dos óculos, que com a pancada subiu até à têmpora; depois, tento recuperar os produtos. Este prédio é um vaivém contínuo, nunca se é livre de chamar o elevador sem que chegue alguém que nos obrigue a encolhermo-nos no habitáculo e a conversar sobre o tempo e, no entanto, quando preciso de ajuda não se avista vivalma.

Por fim, consigo chegar a casa. Vou direto à cozinha, pouso os sacos em cima da mesa, pego nas duas caixas de congelados e meto-as no congelador, e depois, sem sequer tirar o casaco, vou bater à porta da Emma, que abre ao fim de um tempo que me parece desmesurado. Tem o lábio rachado e agarra um dos braços com a mão oposta. Observo-a, estarrecido, e por um momento o instinto diz-me para ir à procura do desgraçado. Depois percebo que é melhor socorrê-la, para o fazer pagar há tempo.

- Posso? - pergunto.

- Se ele volta, mata-te primeiro a ti e depois a mim.

Pela primeira vez, as suas previsões não me parecem assim tão despropositadas; aquele homem é um louco perigoso. Então agarro nela pelo pulso são e empurro-a para minha casa. A Emma deixa-se levar. Acendo a luz da casa de banho e limpo-lhe as feridas com algodão e álcool, depois tento mexer-lhe no braço. A Emma grita de dor.

- Também te bateu na barriga?

Limita-se a negar com a cabeça. Só perante a insistência do meu olhar preocupado acrescenta:

- Não, juro-te. Tive o cuidado de a proteger.

Santo Deus, como é que se pode assistir a tudo isto sem intervir? Não sou capaz.

- Temos de ir ao hospital e contar a verdade à polícia. Denunciar aquele monte de merda!

- Não, por favor - desata a chorar -, não me faças isso!

- Porquê? Porque é que não queres que te ajude? Porque o defendes?

- Juro-te que me vou ver livre dele o mais depressa possível. Mas, por favor, não o denuncies, ainda ia ser pior...

- Não percebo... - sussurro.

Chamo um táxi. Quando chegarmos ao hospital conto a verdade, aconteça o que acontecer. Ainda que a Emma passe a odiar-me, que me atire à cara que a vida é dela, eu farei aquilo que deve ser feito.

Na Urgência mandam-nos esperar numa sala com poucas cadeiras e muitas macas que acolhem doentes silenciosos. Durante todo o tempo estamos calados, entretidos a olhar em volta, e depois, a certa altura, viro-me e pergunto-lhe:

- Como é que foste capaz de te apaixonar por um homem daqueles?

A Emma suspira e continua a segurar o braço.

- Não sei. Já não me lembro.

- E porque é que não me deixas ajudar-te?

- Cesare, tu não percebes. Se agora o denunciássemos, tínhamos que fugir. Tu e eu!

Não, não compreendo. Nem nunca compreenderei.

- Porque foi que te bateu desta vez?

Ela vira-se para o outro lado.

- Não me queres contar?

Responde sem olhar para mim.

- Não queria fazer amor; tive receio por causa do bebé. Ele ficou numa fúria!

Não sei o que lhe responder.

- Sinto muito por te ter envolvido - murmura, ao fim de alguns momentos de silêncio.

- Que conversa é essa?

- Não devia ter ido a tua casa naquele dia.

- Pelo contrário, fizeste muito bem.

- Queres saber a verdade? - Olha-me diretamente nos olhos.

Aquiesço.

- Já tem uma denúncia por maus-tratos, por parte da ex. O processo está a decorrer.

Abano a cabeça e suspiro; então, ela continua:

- Se o denunciasses, ia direto para a prisão!

- E tu não queres isso? - questiono, num tom de voz demasiado elevado.

- Quero apenas o meu bem, não o mal dele.

Mesmo com o rosto tumefacto e o sangue coagulado, acho-a lindíssima. Se tivesse a idade dela, desafiava o mundo para a conquistar e proteger.

- Como é que consegues falar assim? Quase te partiu um braço!

Uma lágrima desliza-lhe pela face, e limpa-a imediatamente com a mão sã. A vida ensinou-lhe a não mostrar a dor.

- Não o quero destruir, só quero deixá-lo.

- E não queres saber das outras que hão de vir depois de ti? De quem poderia ter a vida salva graças ao teu gesto?

Ela vira-se e fita-me, o rosto carregado de frustração.

- Achas que não pensei nisso? Que não peço todas as noites perdão pela minha cobardia?

O sofrimento derrama-se nas lágrimas que lhe deslizam devagar até à boca. Não sei como responder e tento repelir a vontade de a estreitar contra mim.

O pranto extingue-se ao fim de algum tempo e a Emma dobra-se sobre si mesma com um suspiro, como um velho autocarro que chegou ao seu destino. Depois fica ali, com o olhar fixo no vazio e os lábios abertos na tentativa de recuperar o ar. Observo-a e detenho-me naquele defeito que a torna única, o pormenor que me atraiu desde o início.

- O dente... Foi ele que to partiu? - pergunto.

Ela toca no incisivo com a língua.

- Este?

- Sim.

Sorri pela primeira vez hoje, e responde:

- Não, parti-o quando era pequena. Caí da bicicleta.

- Eu gosto.

- Gostas? De um dente partido?

- Sim, do dente partido.

- És mesmo um tipo esquisito - comenta imediatamente antes de a chamarem.

Dentro do gabinete está um médico sentado à secretária, e ao lado deste, um enfermeiro que tem na mão uma pastinha cheia de folhas. A Emma e eu ficamos de pé à espera de um sinal. O médico nem sequer se digna a dar-nos atenção e continua, imparável, a assinar. O enfermeiro, pelo contrário, olha para nós de soslaio. Só depois de terminar a última folha é que o médico se levanta, pega no braço da Emma, tenta rodá-lo e detém-se perante o grito da rapariga. Então inspeciona as equimoses e os arranhões. Depois vira-se para mim. Sustenho o seu olhar indagador até que ele pergunta:

- O senhor quem é? O pai desta senhora?

- Um amigo - respondo, seráfico.

O homem começa a ficar desconfiado e, voltando-se para a Emma, prossegue o interrogatório:

- O que foi que lhe aconteceu, menina?

- Caí da bicicleta.

A bicicleta, de novo. Pergunto a mim mesmo se há pouco me contou a verdade ou se se trata de uma desculpa padrão, válida para todas as ocasiões. Nem mesmo o médico parece acreditar nela, embora não insista; ao invés, dirige-se outra vez a mim:

- Foi isso? Esta senhora caiu?

A Emma fita-me. Pronto, chegou o momento de contar a verdade e condenar o marido dela à prisão. No entanto, dou com o olhar dela, a implorar-me para não falar. Inclino a cabeça: não posso ir contra a sua vontade, não tenho esse direito. Fico em silêncio e o médico insiste.

- Sim, foi isso! - admito por fim.

O homem impacienta-se; sabe-se lá quantas vezes assistiu a cenas semelhantes. Lê-se-lhe na cara que percebeu o que realmente se passou e está só a decidir até que ponto lhe convém imiscuir-se.

- Estou à espera de bebé! - exclama a Emma, de repente.

O médico dirige o olhar para o busto da rapariga e depois, voltando-se para o enfermeiro ao seu lado, pede-lhe com ar despachado:

- Está bem. Nesse caso, vamos só fazer uma ecografia ao abdómen e engessar o braço.

O enfermeiro sai do gabinete com a Emma. Preparo-me para os seguir, rumo à sala de espera, mas o médico detém-me.

- O senhor sabe quantas mulheres eu já vi neste estado, ou ainda pior? E sabe que quase todas caíram da bicicleta, de uma cadeira, de um baloiço ou da motorizada?

Inclino a cabeça; não consigo aguentar-lhe o olhar.

- O que quer de mim? - pergunto por fim.

- Se puder, que convença a senhora a falar!

- Já fiz tudo o que podia. Mas porque é que o senhor doutor não lhe colocou a ela todas estas perguntas?

- Ela jamais me contaria a verdade.

- Não é bem assim; isso é o que o senhor quer pensar - replico, antes de sair.

Pelo canto do olho reparo que o homem me segue com o olhar, abanando a cabeça em sinal de reprovação. Não me consideres um velho bacoco, não somos assim tão diferentes, tu e eu; de uma maneira ou de outra decidimos não intervir e meter-nos na nossa vida. Esperemos que amanhã não tenhamos de partilhar também o remorso.

A Emma aparece ao fim de meia hora, com o braço engessado. Vem ao meu encontro e olha para mim com lágrimas nos olhos. Espera que seja eu a falar.

- Não te preocupes, não lhes contei nada.

Os seus lábios sorriem, antes de me envolver os ombros com o braço são. Eu retribuo o abraço com dificuldade. O sorriso, porém, não consigo que me saia.

Gostava de ser um Gormiti

Há dias em que nos apetece esconder de nós próprios a horrível verdade: que os anos que levamos em cima são evidentes e nos pesam como rochedos. A manhã começou mal. No autocarro, um rapaz com borbulhas na cara e auscultadores nos ouvidos sentiu-se na obrigação de, à minha entrada, se levantar de repente, como se fosse um soldado e eu o seu superior hierárquico. Fitei-o com ódio, mas ele disse: «Faça o favor.» Nesse momento fui obrigado a sentar-me, para evitar subseqüentes olhares inoportunos por parte dos demais. Sim, eu sei, devia ter-lhe agradecido pelo gesto simpático, mas em vez disso limitei-me a voltar o rosto carrancudo para a janela. Na realidade, o erro foi meu: não devia ter apanhado o autocarro, transporte onde se concentra um milhar de casos humanos que procuram sobrepor-se uns aos outros quanto à pena que provocam. Eu, pelo contrário, era capaz de fraturar o fémur só para não suscitar idêntico sentimento. Mas não acaba aqui. Depois, se é possível, o dia ainda correu pior. Estava sentado num banco perto da entrada da escola, à espera do meu neto Federico (mais uma vez, não fui capaz de arranjar uma desculpa plausível para me libertar do encargo), entretido com os meus pensamentos, quando me apercebi de que um grupinho de três miúdos apontava para mim e se ria. Virei-me para o outro lado, ao fim e ao cabo tratava-se apenas de crianças, e dediquei-me às mãos que, como eu, aguardavam, um espetáculo com certeza melhor. Só que aqueles três marotos não paravam mesmo de me gozar. Sim, muito bem, divirtam-se, pensei, de qualquer modo, antes que se apercebam a vida inverte os papéis e serão vocês quem está sentado neste raio deste banco a ser objeto do gozo. Depois baixei a cabeça e apercebi-me de que tinha a braguilha aberta, o máximo do divertimento para um palerma de oito anos. Então remediei a desatenção e dirigi-me aos meus três difamadores com um trejeito acolhedor no rosto, fazendo-lhes sinal para que viessem ter comigo. Os catraios ficaram atemorizados, mas o mais alto avançou na minha direção.

- Olá - comecei eu, cordial.

Ele respondeu sem levantar os olhos.

- Sabes quem eu sou?

O miúdo olhou para mim e abanou a cabeça, negando.

- Sou um polícia - afirmei, sempre com um sorriso no rosto e uma voz convincente.

Ele arregalou os olhos.

- Sabes que não é bonito fazer pouco de um polícia? É uma coisa que não se faz; a tua mãe devia ter-to ensinado!

Baixou a cabeça. Quando quero, sei incutir receio.

- O que é que eu devia fazer agora? Levar-te comigo para a esquadra?

Nesse momento o rapazinho começou a chorar e por pouco uma senhora não se apercebeu do que estava a acontecer. Talvez tivesse exagerado a armar-me em parvo; por isso, levantei-me e tentei remediar o estrago.

- Mas não, não te preocupes - assegurei. - Nós, os polícias, somos bons. Anda comigo que eu compro-te um gelado!

O miúdo, porém, fugiu para junto dos amigos, os quais, após um rápido conciliábulo, também debandaram a correr. Para minha sorte, ninguém se apercebeu do incidente. Mas o pior ainda estava para vir. Peguei no meu neto e dirigimo-nos ao escritório da mãe. Só que, já se sabe, um velho e um miúdo não podem passear tranquilamente durante demasiado tempo sem sentirem a necessidade de esvaziar a bexiga. Por isso entrámos num grande armazém e dirigimo-nos à casa de banho. Sempre que me acontece ir a uma casa de banho pública, agradeço a Deus por ter o meu instrumento entrepernas. Se fosse mulher, fazia pelas pernas abaixo só para não ter de estar na fila. Então lá ajudei o Federico, e depois pedi-lhe para esperar por mim do lado de fora; se me visse urinar sentado, de facto, muitas das suas certezas ter-se-iam desfeito de uma só vez.

O problema é que, quando saí, o meu neto não estava lá. Pensei que se tivesse dirigido à entrada da casa de banho, mas enganei-me. Então fui perguntar às senhoras que estavam na fila, mas nenhuma tinha visto um rapazinho. Comecei a suar frio. A verdade, já o disse, é que não sou capaz de tomar conta de uma criança, na minha idade deviam ser os outros a preocupar-se comigo e não o contrário. Em suma, inspecionei a loja inteira antes de descobrir o pequeno que, tranquilamente, dava festas a uma cria de Labrador. Aproximei-me e, ainda ofegante, berrei:

- Federico, que caraças estás tu aí a fazer? Tinha-te dito para não te mexeres!

Por um instante, o meu neto tentou não chorar, com a boca pequena a tremer pelo esforço de se

conter; por fim, desfez-se em lágrimas, mortificado. A dona do cão, por sua vez, fitou-me com ar ameaçador e criticou:

- Mas que modos são esses?

- A senhora esteja calada - respondi. - Não se apercebeu de que o pequeno estava sozinho? Não lhe ocorreu que se calhar andava alguém à procura dele?

Ela recuou e respondeu:

- Mas como é que o senhor se atreve...

- Atrevo-me, atrevo-me - retorqui -, e dê graças a Deus por eu hoje estar de bom humor!

Agarrei no Federico pelo capuz da *sweat* e arrastei-o para a rua. Durante cerca de dez minutos não abrimos a boca, ele ocupado a refrear o pranto, eu a mastigar remorsos. Sei entreter uma puta, vestir a pele de um general do exército, calar um marido que maltrata uma mulher, sei afastar um velho caquético da sua poltrona e bem receber em minha casa quem precisa de refúgio. Mas não sei ser um avô atento - não sou capaz de dar amor a quem tem direito a ele.

Era isto que eu pensava enquanto caminhava em silêncio e é nisto que continuo a pensar agora, sentado no sofá do gabinete da minha filha, com o Federico ao meu lado a dormir e a Sveva a redigir um recurso. Observo-a e parece-me que não a reconheço. Não percebo de quem herdou a ruindade atrás da qual se refugia. É uma pessoa áspera e de aspeto hostil. Eu nunca dirigiria um olhar a uma mulher daquele género: gosto de curvas largas, que se fazem com o motor em baixa rotação. As curvas apertadas, pelo contrário, aborrecem-me, obrigam a reduzir a mudança. A minha filha é como uma encosta alpina, um conjunto de curvas apertadas.

- Olha, vou-me embora - anuncio, para afastar a sua atenção das ameaças que, imagino, derrama sobre o teclado.

- Espera, estou quase a acabar. Almoçamos juntos?

Isto hoje vai de mal a pior.

- Está bem.

A Sveva recomeça a redação e eu, o meu exame. Pergunto a mim mesmo como é que se pode passar um dia inteiro a fazer pagar ao próximo as culpas de outrem. Mas talvez seja melhor assim; é melhor que ela extravase as suas carências numa sala de tribunal em vez de me vir pedir contas.

Viro-me para o meu neto. Acabei por lhe pedir desculpa, dei-lhe um beijo e comprei-lhe um Gormiti, um ser monstruoso com cerca de dez centímetros de altura, a quem estou grato por me ter roubado o protagonismo. O Federico dedicou-se ao seu novo amigo e bem depressa se esqueceu de que tinha um avô horrível. À Sveva e ao Dante acho que nunca pedi desculpa, se calhar nem sequer à minha mulher. É que eu sempre pensei que as desculpas, a quem as recebe, servem mais para consolidar as suas próprias razões do que para pôr uma pedra em cima do assunto. Só que quando se é velho as coisas passam-nos rapidamente à frente e não nos podemos dar ao luxo de perder tempo precioso em conjeturas esotéricas. Por isso, agora peço desculpa e sigo adiante.

- Bom, já acabei. Podemos ir - declara de repente a Sveva, oferecendo-me o braço.

Sorrio e levanto-me com cuidado para não acordar o Federico. Queria tanto não ceder à adulação e enfiar as mãos nos bolsos, mas ela ia ficar ofendida. Como é que lhe posso explicar que um velho que faz tudo para não se sentir idoso sente ainda mais a velhice quando se apoia na filha? De qualquer modo, o suplício dura pouco, apenas o tempo de percorrer o corredor no fim do qual a Sveva me indica a sala de reuniões. Olho em volta, perplexo, e pergunto:

- Não era suposto irmos almoçar?

- Claro - responde ela, com o mesmo esgar de há dois minutos. -Vamos almoçar aqui.

- Aqui?

- Aqui - reafirma de modo seco.

Naquele momento entram duas funcionárias com umas folhas A4 na mão e pousam-nas sobre o vidro da mesa como se de individuais se tratasse. Assisto à cena horrorizado, até que a Sveva me sugere que me sente. Poucos segundos e chega o tão desejado repasto: salada de atum e milho e fatias de pão integral.

As raparigas despedem-se e saem também para almoçar. No escritório ficamos só a Sveva, eu e o Federico, que dorme tranquilo na outra sala, com o Gormiti a fazer-lhe companhia. Sorte a dele, acrescento com os meus botões, mais vale um monstro repugnante do que a minha Sveva com a carga toda. Acho que o erro consiste em vir ter com a minha filha ao seu local de trabalho, é provável que lá fora seja mais humana e simpática.

- Então - começa a Sveva -, o que é que contas?

Mas eu nem sequer a ouço: em quase oitenta anos de existência só me faltava agora almoçar em cima de uma folha A4.

- Porque é que comes assim? - pergunto.
- Assim como? - admira-se ela.
- Desta forma bárbara!
- O que é que há de bárbaro numa simples salada?
- Não é na salada, é na folha de papel a fazer de individual numa sala de reuniões!
- Estás a ficar um velho jarreta - resmunga, e leva a comida à boca.

Neste momento apetecia-me dar-lhe um estalo, aquele ar de sabichona começa mesmo a mexer-me com os nervos.

- Sveva, precisas de parar de desperdiçar a tua vida! Acaba com isso de só pensares no trabalho! Faz uma viagem, deita ao lixo aqueles *tailleurs* horríveis que tens no armário, veste-te de uma forma mais juvenil e recupera a tua relação com o teu marido!

Pronto, já está. A Sveva fita-me com o garfo suspenso a meio do caminho, o azeite da salada a pingar. Está furiosa, noto-lhe nos olhos. Quando se zanga as pupilas parecem um arranhão na íris, como os gatos. E, tal como os gatos, se for atacada põe as garras de fora.

- Mas como é que te atreves a fazer comentários sobre a minha vida, o meu trabalho e o meu casamento? Quem és tu para dizeres o que devo ou não devo fazer?

O tom de voz estridente faz vibrar o vidro por baixo dos nossos cotovelos. Estraguei o almoço com as minhas próprias mãos; podia sorrir de forma dissimulada, fazer um comentário estúpido e eclipsar-me, regressar à minha vida, ao meu sofá, à casa do Marino, à Rossana e às outras coisas inúteis com as quais tento preencher o vazio. Mas ataquei, e agora só me resta baixar a viseira e descer ao campo de batalha.

- Como, quem sou eu? - replico. - Até prova em contrário, ainda continuo a ser teu pai!
- Não, meu caro! Agora é demasiado cómodo. Devias ter pensado nisso antes, se querias ser um pai modelo que dá conselhos.

Quando sabemos que não temos razão, há dois caminhos à nossa frente: retirarmo-nos rapidamente ou atacar. Sou mais propenso à segunda solução. Pelo menos, desabafo.

- Mas o que é que te faltou? Anda, diz-me! Quando muito, o teu irmão pode vir-me com esse discurso, mas tu não! E, no entanto, ele nunca me afronta; quem se queixa és sempre, e só, tu!

A Sveva esforça-se por recuperar a calma. Põe-se muito direita, agarra no guardanapo e limpa a boca.

- Achas mesmo que foste um bom pai? - questiona.

- Não, não fui. Fiz uma data de disparates, mas não me parece que tu não os estejas a fazer também com o Federico. Estás sempre metida neste maldito escritório. Eu, pelo menos, com todos os meus erros, tentei estar presente!

A fúria de Sveva parece diluir-se um pouco, apesar de eu reparar que as mãos lhe tremem ao deitar água no copo.

- Pai, tu fizeste um monte de disparates, mas eu não quero estar aqui, ao fim de quarenta anos, a desenterrar o passado. Preferia que, pelo menos, continuasses a ser coerente, como sempre foste. Se havia uma qualidade que eu te reconhecia até há uns anos, era precisamente essa. Não nos indicaste o caminho a percorrer, não nos ajudaste a escolher, não nos explicaste como funciona a vida mas também nunca pediste nada em troca. Eras honesto: não davas e também não reclamavas.

Baixo a cabeça. Nisso ela tem razão: nunca achei que os meus filhos me devessem alguma coisa. A Caterina sim. As mães consideram muitas vezes que o amor que deram deve regressar a elas, de alguma forma, quase como uma espécie de chantagem.

- Mas nos últimos tempos mudaste: julgas a nossa vida, sentencias, opinas, aconselhas...

É a velhice que nos leva a pensar que sabemos como funciona o mundo só porque tivemos a sorte de estar na Terra durante mais tempo do que os outros. Era isso que eu devia ter respondido, mas, ao invés, contraponho com algo completamente diferente.

- É que, quando eu era mais novo, não me apercebia da vossa infelicidade. Garanto-te de que, para mim, era muito mais fácil.

- Mas quem foi que te disse que nós somos infelizes? O que vem agora a ser esta fixação?

Estudo-lhe os olhos: as pupilas estão outra vez redondas. É melhor assim; significa que recolheu as garras.

- És feliz, Sveva? - pergunto. - Podes afirmar, com absoluta convicção, que estás plenamente satisfeita com a tua vida?

Ela olha para o prato.

- Porquê? Existe alguém que o possa fazer? Tu, por exemplo, és feliz?

- Sim, sou, pelo menos tanto quanto o pode ser um velho que decidiu atirar-se à vida enquanto lhe é permitido.

- Talvez na tua idade seja mais simples.

Sim, é: só quando sabemos que não temos alternativa é que nos lançamos pista abaixo. Aconteça o que acontecer.

- Vi-te na outra noite - sussurro então.

Sei que estou a cometer o enésimo erro da minha vida, mas é o instinto que me conduz. Sempre assim foi: nas situações difíceis afasta-me com uma cotovelada e senta-se no meu lugar. Eu deixo-o agir, é muito mais cómodo assistir à cena na linha da retaguarda.

- Onde?

- Com aquele homem, quando ias a sair do escritório.

Ela cora; depois, agarra no copo e engole a água à pressa. Está a refletir como me há de responder.

- E então, qual é o problema?

- O problema é que me disseste que estavas em casa.

A Sveva olha para mim e não contesta. No entanto, leio-lhe no rosto que gostaria imenso de me mandar calar, só que é obrigada a conviver com a sensação de falhanço de quem não sabe o que objetar. Foi o trabalho dela que a tornou assim; eu nunca a ensinei a arranjar sempre um argumento, até porque sei que, muitas vezes, não os há e mais vale ficar em silêncio.

- Nem é tanto pela mentira; é que não pensava que fosses capaz de trair o teu marido com um velho. Se tivesses saído por aquela porta com um belo rapaz sorridente, eu fazia de conta que não te tinha visto; talvez até te tivesse encoberto, em caso de necessidade. Mas assim não consigo. Preciso de saber o que é que tu viste naquela peça de antiquário.

Uma lágrima rompe, por fim, a sua couraça. Sinto muito, meu amor, mas para ganhar uma batalha tem que se ser mau. E nisso, já sabes, sou um especialista.

- O que é que tu queres de mim? Porque é que me continuas a estragar a vida? Outra vez, e outra vez, e outra vez! - grita ela. Depois levanta-se, atira o copo contra a parede e foge da sala.

Fico só e olho em volta. Não gosto de salas de reuniões: assépticas, perfeitas, imóveis. Como as próprias reuniões, de resto. Acho que exagerei; se calhar, devia ir pedir-lhe desculpa. Ou até dar-lhe um abraço. Há quanto tempo não faço isso? Gostava de poder remontar ao instante exato em que deixei de a abraçar, à última vez em que isso aconteceu. Poderia avisar aquele adulto imbecil de que depois a Sveva vai crescer e ele vai ficar velho e cheio de remorsos. Felizmente, ao fim de pouco tempo ela regressa à sala e senta-se. Aparenta estar calma, mas a cara esborratada denuncia o pranto despejado em solidão, talvez numa casa de banho também asséptica, tal como o lugar onde, neste instante, um pai e uma filha decidiram conversar abertamente pela primeira vez.

- Queres saber o que é que eu veja naquela *peça de antiquário*, é isso?

Confirmo. Tenho a boca entorpecida.

- Pois bem, meu querido pai: naquele velho *bibelot*, que, só para nos entendermos, tem um nome e se chama Enrico, encontro tudo aquilo que sempre procurei. Aquilo que tu e o Diego nunca foram capazes de me dar!

Aí está! Eu já sabia; pus-me a jeito, forneci-lhe uma deixa demasiado fácil. Decido não responder: o caminho para a santidade está pejado de dificuldades.

- Nele encontrei afeto, paixão, compreensão, refúgio, força, segurança. Desde que ele entrou na minha vida, sinto-me capaz de enfrentar tudo e todos. E sei que, se cair, ele vai lá estar para me amparar.

- Acabaste? - pergunto.

A Sveva não olha para mim, embora eu saiba que lhe apetecia mandar-me àquela parte. Mas cala-se. É a minha vez.

- Bom, tudo bem quanto ao refúgio. Admito que não fui um daqueles pais dispostos a resolver a vida dos filhos, embora, nas poucas vezes em que tentei fazê-lo, tivesse de engolir acusações de todo o tipo. Tudo bem também quanto à paixão: por experiência pessoal, sei que um velho ainda tem muito para dar sob esse ponto de vista. Por fim, tudo bem quanto à força. Sim, é verdade, nunca fui uma pessoa muito forte ou, pelo menos, prefiro pensar assim. Mas afeto, compreensão e segurança, não; não posso aceitá-lo.

- Mas como é que tu consegues armar-te em espirituoso até numa altura destas?

- Sai-me naturalmente - respondo com um sorriso. Ao contrário dos abraços, ainda sou capaz de sorrir sem hesitar. Dedico muitos à Sveva e, no entanto, ela quase nunca retribui. Também me devia queixar,

mas percebo que não é o momento.

- Muito bem! Comporta-te como um idiota. Um velho de quase oitenta anos que ainda se arma em rapazinho. És patético!

- Que palavrão!

- Consideras-te inatacável, não é? - pergunta-me. - Estás-te completamente nas tintas para aquilo que te estou a dizer!

Se, ao levantar-me do sofá, tivesse acordado o Federico, agora não me encontrava nesta situação; o meu neto estaria aqui comigo a impedir-nos de nos acusarmos um ao outro dos nossos insucessos. Como eu gostava de ser a criança que dorme na outra sala. Aliás, se pudesse, escolhia até ser um Gormiti, um monstro que não tem outra tarefa na vida senão brincar, até ao infinito.

- Não. Apenas acho que tu gostas de representar o papel da vítima. Eu cometi os meus erros, o teu marido deve ter cometido os dele, apesar de, conhecendo-o, eu não perceber o que é que ele possa ter feito de tão grave; mas não podes dizer que não recebeste afeto e compreensão. Quanto ao afeto, só tens que ir remexer no ódio para te lembrares. A compreensão... Bem, não ias acreditar se te dissesse que a tens ainda agora.

A Sveva assoa o nariz; a discussão destruiu-a. Os filhos fazem um esforço sobre-humano para revelar a verdade ao pai, sem saberem que este último já a conhece há muito, e sempre fingiu não a ver.

- Pensas que sabes tudo de mim, do Dante, até da mãe! - exclama ela, após uns momentos de silêncio. Na mão aperta ainda o lenço encharcado de raiva e frustração.

A salada nos pratos começa a murchar e dentro de pouco tempo as duas funcionárias vão estar de volta.

- Procuro fazer o melhor possível.

- E afinal de contas não sabes um corno; nunca soubeste, entendes? Nem sobre mim, nem sobre o Dante, que há mais de dez anos me revelou, e à mãe, que era homossexual, e nem sequer sobre a tua mulher!

Sinto os lábios colados e o coração a aumentar os batimentos. A Caterina sabia que o nosso filho era *gay* e nunca mo confessou, nem sequer no leito de morte. Eu tê-lo-ia feito, pelo menos antes de exalar o último suspiro. Observo o meu braço e reparo na pele coberta de muitos relevos pequeninos. Não sei porquê, mas acho que está para acontecer algo de importante.

- O que é que eu devia ter sabido da tua mãe? - pergunto num fio de voz, as mãos cerradas em punho.

- Esquece... - remata, levantando-se para limpar a mesa.

Agarro-lhe o pulso por instinto e força-a a enfrentar-me. Ela volta a sentar-se, o rosto virado para o prato.

- A mãe tinha outro. Andou com ele cinco anos! - declara, por fim, num tom glacial.

Quando apanhamos um murro na cara, a primeira coisa que fazemos é tocar na face. É um gesto instintivo: o corpo preocupa-se em verificar se está tudo bem, se por acaso a mandíbula sofreu algum dano, se falta algum dente. Assim, a minha primeira reação às palavras da Sveva é levar a mão à cara e massajar o maxilar, como se realmente alguém me tivesse esbofeteado. A sensação é a mesma; sinto-me atordoado, e se houvesse aqui vinho teria bebido diretamente da garrafa.

Perante o meu silêncio, a Sveva continua:

- Não dizes nada?

Não tenho saliva para falar.

- Percebeste-me?

- Sempre soubeste? - consigo enfim perguntar, com a voz rouca.

- Sim.

- E nunca me falaste nisso...

- Bem, também não revelei à mãe as tuas escapadelas!

- Boa, é isso mesmo, escapadelas. Aqui estamos a falar de uma relação de cinco anos!

- A mãe não tinha coragem de te deixar. Gostava de ti...

- Vai-te lixar! - berro, e levanto-me de repente.

De repente, e pela primeira vez na vida, sinto um ódio mortal pela minha família. Pela Caterina, que fez pouco de mim, mas sobretudo pela Sveva. E pelo Dante.

- O Dante também sabe?

- A mãe nunca lhe contou, mas acho que ele, a certa altura, percebeu.

- Há quanto tempo é que isso aconteceu?

- Deixou-o pouco antes de adoecer. Uma noite explicou-me que o fez porque decidiu que queria passar

a velhice contigo.

- Boa! Para o amante os anos melhores, para mim, a velhice!

- Não te atrevas a falar mal da mãe; pelo menos, ela tentou amar-te! O que é que ela havia de fazer: passar o tempo com um homem que nem sequer olhava para ela? E depois a mãe, ao contrário de ti, não teve velhice. Se queres pegar com ela, não o faças à minha frente!

Já não sei o que dizer; sinto-me confuso e acho que não consigo respirar. Por isso, dirijo-me à saída. O meu neto, talvez acordado por aquele ataque de fúria, vem ao meu encontro com o famoso Gormiti, o boneco cuja existência tanto invejo, na mão. Olha-me com a cara empastelada de sono e faz sinal de que quer que eu lhe pegue ao colo. Agarro nele e dou-lhe um beijo. Neste momento, acho que é o único elemento da família que não é falso. Quando me viro, a Sveva ainda está sentada.

- Onde é que ele está agora? - pergunto com dureza.

- Morreu no ano passado.

Sinto o sangue pulsar-me nas têmporas e o calor tingir-me as faces. Despeço-me do Federico, abro a porta e chamo o elevador. A Sveva aparece à porta com o filho ao colo e os olhos a brilhar das lágrimas. Enquanto espero que o elevador chegue para me salvar, levo instintivamente a mão à garganta, na tentativa desesperada de deixar passar um pouco de ar. Tenho que ir embora daqui; preciso de respirar, caminhar, refletir, perdoar.

- Como é que eu consegui não me aperceber de nada?

- Pai, tu nem sequer a vias. Para ti éramos invisíveis...

Fitamo-nos durante um longo momento, e depois, um instante antes de as lágrimas dela se tornarem as minhas, enfio-me no elevador e carrego no botão. Uma vez na rua, percebo uma coisa: se nos enganamos na semente, não podemos estar à espera de uma determinada colheita.

A segunda de três mulheres inacessíveis

Achamos que a vida nunca acaba e que ao dobrar da esquina está sempre a novidade que vai mudar tudo. É uma espécie de logro que intentamos contra nós, para não nos afligirmos demasiado por causa de um falhanço, de uma oportunidade desaparecida, de um comboio perdido. Eu, por exemplo, passei quarenta anos à espera de me reaproximar da Daria, grande chama juvenil que fulgurou depois de uma noite passada a falar de política numa velha cave, no seio de um grupo de jovens com a ideia insana de mudar o mundo. O encontro não serviu para mudar o mundo, mas as nossas duas vidas, sim. Naquela altura eu era um rapaz cheio de ideias e com uma grande autoestima (coisa que, em boa verdade, não perdi com o avançar dos anos), graças à qual consegui conquistar a confiança da Daria, uma mulher com a cabeça bem assente sobre os ombros e uma família um pouco snobe a ampará-la. Ela era mais culta e elegante do que eu, mas faltava-lhe um requisito fundamental que eu, pelo contrário, possuía em abundância: a segurança. Escrevia contos e estava quase a terminar um romance que falava de um grupo de jovens que se batia por tornar a Itália um país melhor, uma espécie de autobiografia. Não era propriamente uma ideia original, nem estava escrito de forma soberba, mas eu estimei-a a acreditar nela própria e a acabar o romance quanto antes.

Dizem que só um amor verdadeiro tem potencial para modificar o percurso das pessoas. O meu, depois do encontro com a Daria, sofreu notáveis mudanças. Foi ela que me convenceu a aceitar o emprego no gabinete de contabilidade que me levaria, anos depois, a cruzar-me com a Caterina. Tenho de lhe agradecer por tudo aquilo que aconteceu depois. Ou, se calhar, culpabilizá-la. De qualquer maneira, a Daria emprestou-me algum do seu bom senso, eu retribuí com os meus infatigáveis otimismo e entusiasmo, duas qualidades que, ao contrário da autoestima, fui perdendo. Daqueles meses que passámos juntos ainda trago comigo a sua sonora e contagiante gargalhada, os dedos frios e pequenos que se deixavam agarrar com facilidade, o perfume de tangerina que eu encontrava à noite na minha roupa. Éramos felizes e, no entanto, não sei porquê, nunca nos beijámos, talvez convencidos de que o poderíamos fazer de um momento para o outro, ou talvez desejosos de prolongar aquela agradável espera. No fim de contas, estávamos a saborear a fase melhor de uma relação, quando basta tocar a pele do outro para sentir o coração palpitar.

Em breve a Daria terminou o romance e pôs-se à procura de um editor. Lembro-me de que depois das primeiras recusas me confessou que ia desistir, e eu durante dias tentei convencê-la a não abandonar o seu caminho e a não se deixar abater pelas dificuldades. É engraçado quando penso nisto hoje, mas limitava-me a repetir aquilo que dizia a mim mesmo todas as noites ao deitar: não deixes de desejar uma vida diferente, continua a perseguir os sonhos, não saias na primeira paragem, ainda que te pareça a mais cómoda. A diferença entre mim e ela, infelizmente, é que a Daria foi a única a acreditar nas minhas palavras ao ponto de realmente tentar concretizá-las.

Ao fim de alguns meses encontrou um editor disposto a publicá-la. O mais engraçado foi que, quando o romance saiu, nós já nos tínhamos afastado. Lembro-me de que comprei um exemplar e que o li numa noite. Na manhã seguinte estava convencidíssimo de que o livro não valia nada. Como a nossa história, de resto.

Foi assim. Uma noite a Daria foi beber uma cerveja com o ex. Eu era ainda, e só, um amigo, e no entanto não consegui disfarçar a desilusão, apesar de me encontrar, entre outras coisas, no início de uma época em que mostrar-se ciumento e possessivo era considerado característica de retrógrado fascista. O facto é que me apercebi de que era mesmo retrógrado e afastei-me dela, na esperança de que a Daria viesse atrás de mim. Tal não aconteceu, infelizmente, e quinze dias depois já eu namorava uma fulana, de quem nem sequer recordo o nome, que fumava muito e desenhava histórias aos quadradinhos. A Daria sofreu por causa do meu súbito e incompreensível afastamento e não me perdoou; nem sequer quando, depois de deixar a fumadora inveterada, eu voltei atrás. Naquela altura, outro dos meus sentimentos conservadores, a honra, proibiu-me de insistir. Regressei então à minha vida e ao engate perseverante da Caterina, apesar de à noite não conseguir dormir por causa da Daria. Nos meses seguintes cruzámo-nos várias vezes, mas nenhum dos dois teve a coragem de fazer o movimento decisivo, até que um dia ela começou a namorar com aquele que depois acabaria por se tornar seu marido.

Ora, se eu tivesse suspeitado que o indivíduo com a melena à Elvis Presley ia ser o último homem da vida dela, teria posto de lado os meus sentimentos conservadores de lado e ter-me-ia batido para a manter agarrada a mim; todavia, pensei para o meu coração que mais cedo ou mais tarde íamos ficar juntos. Acreditei nisso durante quarenta anos. Nem sequer o casamento de ambos, nem sequer os meus

filhos e os dela me afastaram daquela ideia básica: nem que fosse só por uma noite, os nossos corpos ainda se iam unir.

Sempre que a encontrava – no parque, no metro, num cinema, num café, na apresentação de um livro dela – cumprimentava-a com afeto e afastava-me a pensar que acabaria por ser minha. É claro que, se afirmasse que me apaixonara por ela, mentia. O amor com o tempo esbate-se, como as cores de uma fotografia, só ficam os contornos para nos lembrarem do instante que passou. Durante quarenta anos não amei a Daria, e sim a ideia de a poder amar de novo. Ela deu-me a oportunidade de pensar que há sempre uma oportunidade, que as coisas que desejamos acontecem mesmo – basta saber esperar.

Depois, um dia, há sete anos, saiu o último livro dela. Eu nem sequer sabia quando a encontrei, por acaso, numa farmácia. A Caterina já estava doente e há séculos que a Daria não ocupava os meus pensamentos. Comunicou-me que naquele romance havia qualquer coisa sobre mim. No dia seguinte, fui à livraria e comprei o livro. Na segunda página encontrei esta dedicatória: «Para o Cesare, meu inacessível amor, pela sua coragem, pela sua paixão pela vida. Com gratidão.»

Tive de me refugiar na casa de banho da livraria para esconder do mundo as minhas lágrimas e passei a noite mergulhado na história de dois apaixonados que se olham de longe durante uma vida inteira. No fim, meti o livro na gaveta da secretária e fiquei durante duas horas a olhar para o ecrã do televisor apagado. Demorei dias a regressar à rotina, feita da doença da Caterina e dos meus últimos dias de trabalho. Naquelas páginas encontrara um Cesare diferente, quase um desconhecido. Graças à Daria, pudera observar-me a mim mesmo de uma perspetiva nova, a dela. Os livros também têm esse poder.

Precisava absolutamente de a encontrar. Prometi a mim mesmo escrever-lhe, depois procurar o número dela e telefonar-lhe, convidá-la para jantar, mandar-lhe um ramo de flores. Mas tornei a cair no mesmo erro, julgando que tinha todo o tempo do mundo pela frente. Nem mesmo aquele seu grande gesto de amor me deu o impulso necessário para fazer aquilo que devia ser feito. Quarenta anos não me bastaram para perceber. Quando o fiz, era demasiado tarde.

Consegui arranjar o número de telefone dela através de um amigo comum e durante um mês andei a rodar entre os dedos o bilhete com os algarismos. Não tinha coragem. Finalmente, uma manhã abri o jornal e descobri que a Daria morrera de acidente vascular cerebral.

Passamos a vida a acreditar que um dia aquilo que esperamos vai acontecer, mas depois apercebemo-nos de que a realidade é muito menos romântica do que pensamos. É verdade, os sonhos às vezes apresentam-se à nossa porta, mas só se nos dermos ao trabalho de os convidar. Se assim não for, podemos ter a certeza de que vamos passar os serões sozinhos.

Uma arrecadação cheia de recordações

O telefone toca sem parar há um minuto. Estou estendido no sofá e não tenho vontade nenhuma de me levantar para atender. Se a Caterina estivesse ao meu lado, fazia-o ela, depois de ter bufado e praguejado perante o meu sorrisinho malandro. Mas ela já cá não está; estou sozinho, realmente sozinho, talvez pela primeira vez na minha vida. Tenho de ser sincero, pensava que sabia aguentar melhor as pancadas da vida. Na velhice percebemos que são poucas as coisas que podem realmente incomodar-nos; entre elas, podem incluir-se com justa causa a traição e o desprezo da nossa família.

Há dois dias que estou barricado em casa, um recorde para mim. Gostava de sair, até porque me começa a faltar o ar. Não sei como é que o Marino consegue ver passar os dias sempre e só da perspetiva da sua sala de estar. E, no entanto, há qualquer coisa que me detém, uma vozinha que me faz companhia desde que terminei aquela sublime conversa com a minha filha e que me repete continuamente a última e delicada frase da Sveva: «Para ti éramos invisíveis.»

Não devia ter fugido; devia ter passado o dia ali com ela, naquela maldita sala de reuniões, e também a noite, se fosse preciso, mesmo deitado na carpete com as folhas A4 como cobertor. Devia ter-lhe pedido para me explicar tudo, todos os pequenos detalhes da história da Caterina e da sua vida escondida de mim. Poderia, de uma vez por todas, ouvir a Sveva até ao fim. Mas setenta e sete anos são demasiados para mudar e, se eu realmente o desejasse, não teria esperado pela parte menos interessante da minha existência para o concretizar.

Quando saí do escritório da minha filha estava furioso, sentia-me humilhado e traído, e sobre aquela ira tentei construir os meus dias. Só que a certa altura também ela, a ira, me virou as costas, cansada de passar o tempo com um velho que oscilava entre o sofá e a cozinha, e voou assim que eu abri a janela. Portanto, fiquei sozinho, sem ter sequer um gato hipócrita a fazer-me companhia.

Pensamos que não precisamos de ninguém até que nos apercebemos de que já não temos ninguém. Quando isso acontece é uma grande chatice. Eu tenho os meus filhos, mas é como se não os tivesse. E a culpa não é deles, como não era da Caterina. Sentir ciúmes de alguém que já cá não está é uma coisa estúpida, mas ainda assim acontece. É curioso, a minha mulher consegue chamar mais a minha atenção morta do que viva. Lembro-me de que uma noite, na cama, me perguntou: «O que é que tu fazias se eu amanhã me fosse embora?» Eu estava demasiado absorvido com o livro que andava a ler para entabular uma discussão séria sobre a nossa crise, que durava há muito. Por isso respondi: «Passava a dormir sem tampões nos ouvidos.» (A Caterina risonhava, e bem alto. Quando somos jovens pensamos que risonhar é uma prerrogativa dos avós, que a nossa mulher vai dormir angelicalmente para sempre, entre pétalas de rosa perfumadas. Depois apercebemo-nos de que chegando a uma certa idade também ela começa a roncar, e é nesse preciso momento que compreendemos que a juventude fugiu de vez.) De qualquer modo, ela virou-se para o outro lado e apagou a luz. Foi a única vez que falámos sobre a nossa crise. Aliás, que a Caterina falou. Aliás, que ela tentou falar.

Levanto-me e vou à arrecadação, um quartinho de um metro por um metro cheio de tralha que já não serve para ninguém. As arrecadações são lugares hostis, onde paira uma estranha melancolia. É que os objetos postos de parte mais não são do que recordações abandonadas, a conservar, é certo, mas sem estarem sempre à frente dos nossos olhos. Por isso, quando, numa tarde como tantas outras, se abre a porta da arrecadação, quase parece que todas aquelas memórias nos estão a cair em cima da cabeça por causa da dor que sentimos.

Abro um caixote e começo a remexer nas fotografias antigas: viagens, casamentos, formaturas, festas de aniversário, jantares, passagens de ano e natais. Se ao menos encontrasse uma imagem de um dia comum... mas não há nada. No entanto, eu apenas tenho memórias de quando me levantava, me barbeava, me vestia, tomava o pequeno-almoço, depois levava a Sveva à escola, e ao fim de um dia de trabalho regressava a casa, dava um beijo à minha mulher, jantava, metia os meus filhos na cama e mergulhava no sofá com a Caterina. Das muitas festas e festividades não me ficou nada, salvo imagens esbatidas. Numa está a Sveva a rir; na boca falta-lhe um dentinho. Eu também sorrio, e no silêncio da casa aquele riso parece ecoar, acompanhado o roçar das fotografias nas minhas mãos.

A Caterina era mesmo bonita e estava sempre alegre. E, no entanto, com o passar dos anos, o sorriso foi desaparecendo das fotografias, substituído primeiro por um olhar severo, depois triste, por fim resignado. Quanto a mim, teria envelhecido mal; se a idade adulta lhe roubou o sorriso, a velhice levar-lhe-ia até a luz dos olhos. Em mim, pelo contrário, parece-me que a passagem inexorável do tempo não conseguiu cavar sulcos. É que eu tenho a casca dura; a minha mulher, pelo contrário, era suave e

acolhedora, um pouco como a poltrona do Marino, que lhe conserva a forma. A Caterina conservava as pancadas da vida e deixava-se moldar.

Levo ao rosto a mão titubeante na tentativa de descortinar numa imagem descolorida de há muitos anos aquilo que não consegui ver então: se ela era feliz com a sua vida secreta, apaixonada e estúpida como só uma rapariguinha consegue ser. Se achava que o tal amante era melhor do que eu. Só que a foto não me pode revelar todas estas coisas, por isso deixo-a cair ao chão e olho em volta. De uma caixa saem uns longos cabelos loiros: agarro-os e tiro uma Barbie, a boneca preferida da Sveva. E no entanto ainda aqui está nos meus arrumos, e não nos dela. Os brinquedos amados pelos filhos, quando envelhecem, tornam-se queridos aos pais. Do Dante, pelo contrário, não encontro nada, talvez porque não sei quais eram os seus brinquedos preferidos. Não sei nada do meu filho, exceto que gosta de homens. E, no entanto, ele nunca me afrontou.

- Que grande atriz me saíste - ouço-me a proferir. - Se não eras feliz comigo, bastava dizeres!

Pois, mas de qualquer maneira eu não a teria ouvido.

- Eu sei, mas devias ter insistido; pegar-me no braço, dar-me uma bofetada, atirar o prato da sopa ao chão! Devias chamar-me a atenção!

Ninguém responde. Também, se os objetos pudessem falar, se calhar ainda me chamavam desonesto.

- Por que raio nunca me deste um estalo? - grito para o quartinho. - Porque não me arranhaste, não me encheste de palavrões? Porquê?

As lágrimas deslizam-me pelas faces e escorregam para a boca entreaberta, mas o sabor do sal na língua não torna o momento menos amargo.

- Não é justo - prossigo. - Nem sequer me deste a satisfação de te atirar a minha raiva à cara! Devias ter-me contado, nem que fosse no fim, mas devias tê-lo feito!

Não, ela não me devia mesmo nada. Afinal, eu também nunca lhe revelei coisa nenhuma.

- Podias ter-me enfrentado, mas aprendeste a evitar-me - sussurro - e ensinaste os nossos filhos a fazer o mesmo...

Toca outra vez o telefone. Limpo o nariz e vou atender. É o Dante. Não me apetece falar, mas tento colocar a voz para esconder o choro.

- Estou?

- Pai, o que é que te aconteceu?

- Como assim?

- Estou a ligar-te há duas horas, pensava que te tinhas sentido mal.

O meu filho tem uma vaga tendência para dramatizar.

- Mas que conversa é essa? Estava a dar um jeito à arrecadação.

- Olha, se queres continuar a viver sozinho, vais ter que andar sempre com o telemóvel, quando não ainda nos dá uma coisa.

- Não te preocupes; não acho que a Sveva tenha esse tipo de problemas.

- Porque é que dizes isso?

A sua voz é penetrante, de tal maneira que sou obrigado a afastar o auscultador. Mesmo ao telefone tenho a sensação de conversar com um daqueles cabeleireiros que gostariam imenso de se sentar no lugar das clientes.

- Nada, tivemos um pequeno desaguisado.

- Outra vez? Mas porque será que vocês não param de andar à bulha de uma vez por todas? Afinal, passam a vida a zangar-se mas depois estão sempre juntos.

- Sim, mas desta vez a discussão deixou mais mazelas do que o costume.

- Por favor! Bem, adiante: liguei-te para te convidar para jantar no sábado. Quero apresentar-te uma pessoa muito especial. Se calhar também convidado a Sveva; assim, fazem as pazes e param de se comportar como crianças.

- Uma pessoa importante?

- Sim, mas não faças perguntas. Depois explico-te.

Pronto, o Dante decidiu declarar-se. Será que me quer apresentar o companheiro? Não sei se desejo que seja aquele pintor ou outro qualquer. Seja como for, sempre esperei que arranjasse forças para me revelar a verdade e, agora que está prestes a fazê-lo, dou-me conta de que não estou preparado.

- Estás constipado? - pergunta-me o Dante.

- Não, porquê?

- Estás com uma voz estranha.

- Deve ser o telefone com alguma interferência...

- Tudo bem. Então até sábado.

Desligo e regresso à arrecadação; apanho as fotografias do chão e enfio-as outra vez na caixa. Depois pego na boneca, no exato momento em que batem à porta. Durante dois dias não vi sequer um moscardo, e de repente parece que toda a gente se lembrou de que eu existo. Vou abrir e encontro a Emma à minha frente, a sorrir e a abanar um saquinho debaixo do meu nariz.

- Olá, Cesare. Acabei de comprar um frango assado com batatas e uma garrafa de vinho - anuncia. - Posso entrar?

Se com ela não viesse também o vinho, se calhar teria inventado uma desculpa; hoje não é mesmo o dia certo para apoiar uma pessoa com mais problemas do que eu. Mas apercebo-me de que tenho fome e que o cheiro do frango me faz tender para receber a minha vizinha. Afasto-me e convido-a a entrar. Ela não espera que eu repita o convite e lança-se pelo corredor, deixando um agradável cheiro a comida atrás de si. Sigo o odor até à cozinha, onde encontro a Emma a retirar o frango da embalagem.

- O que vem a ser este velório? - exclama, sem olhar para mim. - Porque é que não acendes a luz?

Parece-me de bom humor. Da outra vez fui eu que o forneci a ela, desta vez pode ser que aconteça o contrário. Tinha terminado com alguma dificuldade a tarefa de que ela me encarregou quando me faz uma nova pergunta:

- O que andas a fazer com uma Barbie na mão?

Só nesse momento é que me apercebo de que ainda seguro a boneca.

- Era a preferida da minha filha - respondo, pousando o brinquedo no balcão ao meu lado.

- E tu guardaste-a? Que bonito gesto!

Devia contar-lhe a verdade: que a Barbie foi a Caterina que a guardou; eu não sou de todo alguém que se afeiçoa às coisas - se já com os humanos é o que é, imaginem com objetos... Mas continuo calado, um pouco porque, agora que posso, me apetece passar por pai dedicado, e um pouco porque, efetivamente, ao voltar a observar aquela serigaita plástica de cabelos platinados, me parece sentir algum afeto por ela também.

- Estiveste a chorar? - questiona a Emma, interrompendo-me o pensamento.

A esta bendita rapariga não se pode esconder nada, em certos aspetos é pior do que a Sveva. Devia ser advogada; podia até pô-la em contacto com a minha filha.

- Não; qual choro, qual quê, estou só constipado!

Ela observa-me um instante e esboça um sorriso contagiante, de modo que sou obrigado a virar-me e a tirar dois copos do armário para não me deixar apanhar.

- Ainda não te agradeci a toalha - digo. - Foi uma ótima ideia.

- Não, nem pensar - responde. - Eu é que tenho de te agradecer.

Volto-me e encontro os seus olhos profundos.

- Sei que não foi fácil para ti no outro dia, no hospital, mas agradeço-te por teres respeitado a minha decisão.

É estranho ouvir alguém que me exprime gratidão, não estou muito habituado. Se nos dizem repetidamente que somos incompetentes, acabamos por nos convencer de que o somos mesmo.

- O maxilar desinchou! - exclamo, satisfeito.

- Pois, felizmente - concorda.

- E o braço, como está?

- Melhor - responde, e levanta o cotovelo para me mostrar a ligadura. - Até já consigo mexê-lo.

Hoje a Emma parece-me ainda mais bonita, talvez porque pelo seu rosto perpassa uma expressão de alegria que me é pouco familiar. Só em alguns raros semblantes nos é permitido observar a alegria, o desespero, a raiva, o sofrimento, o prazer ou a euforia; em relação aos demais temos de nos contentar com a única máscara visível para nós. Talvez a Emma tenha decidido confiar neste velho solitário e mal-humorado e mostrar-lhe aquela pitada de alegria que ainda lhe brilha de vez em quando nos olhos.

Por isso sorrio, satisfeito, e ponho a mesa enquanto ela corta o frango. A cozinha está impregnada do cheiro das batatas e da carne, e de repente dou-me conta de que nas últimas quarenta e oito horas me alimentei apenas de uma latinha de conserva, uma laranja, um pacote de bolachas e uma garrafa de vinho. Um bocadinho parco para o meu pobre organismo.

- Ele não está? - pergunto de repente.

A Emma fica séria.

- Não, felizmente.

Tento fazer o meu melhor, acabo de pôr a mesa com cuidado e passo-lhe os pratos. Quando nos sentamos, parecemos um pai e uma filha que se preparam para jantar normalmente, e não duas almas

desgarradas que tentam enfrentar a tempestade da vida como podem.

Não sei porquê, conto-lhe o segredo da Caterina.

- A minha mulher tinha um amante.

A Emma ergue os olhos do prato.

- Nunca te apercebeste?

- Não. Ou talvez sim, e fazia de conta que não via.

Não sei que laço se formou entre nós, por que obscuro motivo sinto vontade de partilhar os meus assuntos privados com uma mulher que mal conheço. Como não entendo a razão pela qual ela acha agradável passar o tempo comigo.

- Por fora, parecias-me um homem mais feliz - comenta.

Claro, as coisas interessantes de uma pessoa estão todas no exterior, dentro só encontras vísceras, sangue e ressentimentos. Nada de muito atraente.

- Sou feliz. Ou, pelo menos, luto todos os dias por isso.

- Sorte a tua; eu acho que faço exatamente o contrário.

Estou ocupado a retirar a carne de uma asa do frango quando o *Belzebu* faz a sua entrada, depois de se ter enfiado pela frincha da habitual janela entreaberta.

- Ah, olha só quem apareceu, o oportunista! - exclamo, assim que vejo o focinho dele surgir à porta da cozinha.

Durante dois dias desapareceu, arrebatado sabe-se lá por que pista a seguir, e agora que há um frango para despedaçar volta a dar sinais de vida. A Emma estende-lhe um bocado, ele agarra-o com um movimento rápido do pescoço e engole-o num segundo, após o que se dedica a uma esfregadela decidida pelas pernas da sua nova sereia. De mim não se aproxima, sabe que está em falta e não se quer aproveitar demasiado da situação.

- Resolvi fugir - declara a Emma a certa altura.

- Então não é verdade que fazes os possíveis para continuares infeliz. E para onde vais?

- Vou-me embora daqui; talvez para o Norte, para casa de uma velha amiga. Para longe dele, o que é o mais importante.

- E a criança?

- Só vai saber dela quando eu já estiver bem longe.

Bebo um copo de vinho de um trago. Acho que a vida é fêmea: quando tem que fazer sobressair um erro nosso, não está com muitos rodeios. O facto de a minha mulher me ter mentido durante tanto tempo e de a Sveva continuar a pegar-se comigo agora parece-me uma coisa de somenos importância em relação ao problema incontornável da Emma. É preciso aprender cedo a observar as vidas dos outros para não vomitarmos injustamente sobre a nossa.

Se não houvesse um filho, seria tudo mais fácil. Mas assim o marido da Emma não vai aceitar uma separação. Resolvo dizer aquilo que penso.

- Se queres mesmo livrar-te dele, devias pensar seriamente em abortar.

Ela fita-me, eu aguento o olhar. Sinto muito, Emma, o velho patife que tens à frente decidiu não sorrir com ar malandro e virar-se para o outro lado.

- Se tiveres um filho dele, então é que nunca mais te deixa em paz - acrescento.

A Emma baixa a cabeça. Estou preparado para um ataque de fúria, assim como para a hipótese de se levantar e ir embora, mas ela não faz nada disso: agarra no *Belzebu* pela coleira e pousa-o no colo.

- Tens razão - admite, enquanto afaga o pescoço do animal. - Seria a coisa mais correta a fazer.

- Não, correta não; estou a falar de bom senso. Só renunciando à criança podes afastar-te realmente dele.

O *Belzebu* começa a ronronar e captura a minha atenção. Há já algum tempo, de facto, que dou por mim a invejar as criaturas mais absurdas, como monstros e gatos; qualquer ser, em suma, que tenha um grau de responsabilidades a enfrentar próximo do zero.

- Eu sei. Mas não vou destruir a única coisa boa da minha vida!

- Fazes bem, mas eu precisava de te dizer isto.

Tentem vasculhar na vida dos outros, remexer no meio dos desejos por realizar, das mágoas, das carências, dos erros. Uma coisa nunca lá encontrarão: os filhos.

- Gostava de conhecer a tua família - insinua a Emma.

É capaz de saltar de uma conversa para outra num abrir e fechar de olhos.

- Eles não vêm cá - respondo de chofre.

- Como assim?

- Bem, esta era a casa da mãe... São recordações a mais.
- E tu?
- Eu sei lidar com as memórias: basta fechá-las na arrecadação.

A Emma ri com gosto e mais uma vez me arrebatava com a sua beleza, enquanto pondero a razão pela qual é obrigada a passar o tempo na árida cozinha de um velho, e não no mundo lá fora - porque, infelizmente, existem pessoas que pensam que são donas de outras.

- És demasiado bonita para passares o resto da tua vida com um indivíduo daqueles - afirmo de repente.

A Emma fica séria e cora antes de responder:

- Ele pensa que eu sou propriedade dele. E está tão seguro disso que acabou por me convencer a mim. Abano a cabeça.
- Ninguém é de ninguém, Emma.
- Pois, agora eu sei.

O *Belzebu* desliza furtivamente e vai para a sala. Talvez regresse à sua velha dona, até porque já teve o que queria. A Emma levanta-se e declara:

- Preciso de um favor teu.
- Pede lá.

- Mas tens de me prometer que não me vais chamar louca. Eu sei, não tem lógica nenhuma, mas quando os vi não pude deixar de os comprar.

Pega na mala que pousara antes e abre o fecho, retirando lá de dentro dois *babygros* de recém-nascido; um rosa, o outro azul. Mostra-mos, satisfeita, com um sorriso nos lábios. Acabo por sorrir também e preparo-me para responder, mas ela detém-me.

- Não, por favor não digas nada. Podes guardá-los tu? Não sei onde os hei de esconder. Dás-mos no momento oportuno.

Se o Marino aqui estivesse, começava já numa lengalenga infinita sobre o facto de eu me deixar envolver demasiado neste assunto; que, ao fim e ao cabo, não posso fazer nada por ela e que o meu comportamento é até um tanto ou quanto arriscado. Mas eu nunca dei ouvidos ao Marino em toda a minha vida, porque havia de começar agora? Concorro e agarro nos *babygros*. Devia fazer um cálculo rápido, mas acho que não toco numa peça daquelas há quase meio século. De facto, quando era preciso mudar o Federico ou adormecê-lo com uma canção de embalar, eu estava sempre pronto para me eclipsar.

- Está bem, eu guardo-tos - respondo, e pouso-os nas costas da cadeira ao meu lado.

- Obrigada - retribui a Emma, satisfeita, e oferece-me a mão, à espera que eu corresponda. Eu, pelo contrário, fico ali, titubeante como um homem que se prepara para mergulhar. Querida Emma, se fosse simples para mim retribuir um gesto de afeto, não tinha agora uma filha que me odeia e um filho que me teme. Sobretudo, não teria descoberto que a minha mulher tinha uma vida secreta. Só que é tudo demasiado difícil de explicar. Felizmente, a Emma é mais obstinada do que as minhas fraquezas; dá um passo na minha direção e abraça-me. Se ao menos tivesse retribuído o gesto, tinha-me safado com um simples aperto de mão; agora vou ter de estreitar esta bendita rapariga que, entre tantos lugares onde morar, escolheu precisamente a casa ao lado da minha. Têm de nos ensinar a abraçar em pequeninos, pois de outro modo é tudo desgraçadamente complicado.

Quando nos separamos, a Emma parece satisfeita; eu, pelo contrário, estou banhado em suor. Mas vejam lá se alguém imaginava que na minha idade eu ia ter de acrescentar mais outro ser à mísera lista de pessoas pelas quais me interesso! Sempre tentei ter essa lista sob controlo, para não a deixar aumentar desmesuradamente. Quanto mais gente se ama, menos dores se evitam. Foi também por isso que nunca tive um cão; tenho a certeza de que teria saltado logo para os lugares cimeiros.

- Agora é melhor voltar para casa - refere.

Escolto-a com o olhar ao longo do corredor. Depois de ela ter ido embora, o silêncio volta a fazer-me companhia e o apartamento parece-me ainda mais vazio do que antes. Pego nos *babygros* e dirijo-me à arrecadação ainda aberta.

- Já que guardas tantas recordações, podes também proteger os sonhos de uma rapariga que não tem espaço para eles! - exclamo, e enfio os *babygros* num velho caixote.

Depois fecho a porta e vou telefonar à Rossana.

Um leve toque de campainha ao pé do ouvido

Nunca há uma só maneira de enfrentar as coisas. Eu, por exemplo, decidi apresentar-me em casa do meu filho com a Rossana. O Dante quer surpreender-me, eu antecipo-me, surpreendendo-o. A Rossana disse-me que estava disponível, e não poderia ser de outra forma: revelei-lhe que há boas perspectivas de que o filho obtenha de novo o emprego. Na realidade, o mérito não é meu: fui ter com a Sveva e expus-lhe o problema, como se nada tivesse acontecido entre nós. Ela entrou no jogo e ouviu-me, tal como teria feito com um cliente normal, após o que concluiu com estas palavras:

- Não te preocupes. Aquele delinquente vai pagar até ao último cêntimo!

Em suma, usei a Rossana como pretexto para me reaproximar da minha filha, porque precisava de falar com ela sem ter forçosamente de voltar à nossa última conversa. Fui bem-sucedido: a Sveva empenhou-se de tal forma que até se esqueceu de me arrancar mais informações sobre a Rossana. De qualquer maneira, vai descobrir esta noite.

- Nervoso? - pergunta a minha companheira, quando nos preparamos para tocar à campainha.

- Um bocadinho - admito.

Na verdade, estou muito tenso, e não é por tudo indicar que, esta noite, o meu filho me vai pôr ao corrente de um facto que o resto da família já sabe há dois lustros. É porque vou ter de fingir que sou aquilo que não sou: um tipo cordial e simpático. A simpatia é sobrevalorizada e às vezes serve para encobrir um grandessíssimo monte de coisas podres; porém, é assim que funciona o mundo e, quando nos demos ao trabalho de colocar nele dois filhos, temos de aprender depressa a disfarçar, na presença deles, o enfado, a dor e a depressão. A não ser que queiramos torná-los uns infelizes.

O Dante comprou uma casa em Chiaia, numa pracinha que se abre ao fim de uma viela estreita e retorcida. É um apartamento elegante, num edifício antigo, com paredes espessas que, essas, sim, nos escudam dos vizinhos. Infelizmente, porém, o apartamento fica no quarto andar e não há elevador. De facto, muitos destes pequenos palacetes adaptados não têm espaço para as cabinas modernas. Por isso tenho mesmo de trepar e suar as estopinhas para ouvir o meu filho dizer-me na cara que é *gay*.

Ele está à nossa espera no patamar, com um grande sorriso. Pergunto a mim mesmo a quem sai com aquele excessivo bom humor, se por acaso não teria sido eu a transferir-lhe todas as reservas que possuo, mas no instante seguinte já ele se apresentou à Rossana com grande entusiasmo, apesar de ser a primeira vez, desde que a Caterina morreu, que me vê com uma mulher. Assim como a Sveva, de resto. Pensei muito antes de dar este passo, mas ao fim e ao cabo, nesta derradeira fase da vida nunca me preocupei com saber o que os outros pensavam. Não devo permitir que o mundo estrague os meus últimos dias de lazer.

Portanto, cá estamos nós, em casa do meu filho, que me parece pelo menos tão estranha quanto ele, numa sala decorada com gosto, onde todas as coisas estão nos seus devidos lugares, até um sofá da altura de um *basset* - se cometo o erro de me sentar lá, depois vai ser preciso chamar uma grua para me erguer. Bastaria isto para dar a entender que há pouco de mim no Dante. Eu nunca tive uma casa em que os objetos estivessem nos seus lugares, em calhando nem sequer uma sala decorada com gosto. Sempre deleguei essa função nos outros, a tal ponto que era a minha mulher quem decidia aquilo de que eu gostava.

A aparelhagem transmite um tema de *jazz* e o ar cheira a incenso; não estranharia se houvesse um pequeno regato mesmo no meio da casa. Nas paredes, quadros, gravuras, arte digital, esculturas e instalações. Uma delas impõe-se no meio da sala: fios de alumínio que, partindo do teto, chegam até ao chão. Cada cabo contém um homenzinho branco de pasta de papel. Perco-me naquele emaranhado até que o meu filho me agarra pelo braço e me leva à cozinha, invadida pela fragrância de gengibre e amêndoa e pela presença da Sveva e do Leo Perotti, o artista sociável que me recebe como se fôssemos dois grandes amigos que voltam a encontrar-se depois de anos de distância.

A Rossana mostra-se sorridente e desembaraçada: aperta mãos, olha em volta, encantada, parece divertir-se. E, efetivamente, a certa altura sai-se com esta frase:

- Que linda que é esta casa; parece um hotel!

Viro-me de esquelha e reparo na Sveva, encostada ao frigorífico com as mãos entrelaçadas, a lançar uns olhares no mínimo surpreendidos na direção da minha acompanhante. Desvio a atenção e concentro-me no jantar, que, claro, não é diferente daquilo que eu imaginei: farro com açafrão e cenouras, sardinhas em tempura, tarte de ervilhas e anchovas acompanhada de ovas de salmão vermelhas. Procuro uma banal fatia de pão, mas a coisa que mais se lhe aproxima são umas bolachas de arroz. Felizmente, em cima da

mesa está uma garrafa de vinho tinto. Sirvo-me apenas de um fundo de copo para não levar um raspanete e entretanto lanço uma olhadela furtiva à Rossana, que não parece ter-se dado conta do olhar pouco simpático da Sveva e escuta com atenção o artista *gay*, que lhe explica os segredos recônditos dos seus pratos. O Dante aproxima-se e sussurra-me ao ouvido:

- Simpática, esta Rossana.

- Pois é - limito-me a responder, antes que o intrépido Leo me envolva também numa conversa sobre a cozinha macrobiótica e a dieta mediterrânica, dois temas sobre os quais me é difícil opinar. Na verdade, tudo aquilo que está relacionado com a saúde e bem-estar me aborrece bastante; por isso, enquanto o Perotti esclarece dúvidas, eu solto um bocejo. Esqueci as boas maneiras, os sorrisos de circunstância e as argumentações fúteis. Os anos que passei entre os últimos e os solitários da terra marcaram-me; sei de que falar com uma prostituta, mas não consigo discorrer com um homem brilhante. Às vezes penso que, quando se nasce de uma determinada maneira, não se pode morrer de outra. Durante uma vida, iludimo-nos a pensar que mudámos de direção, até que nos damos conta de que, no fim, o atalho nos traz de volta ao caminho do qual procedemos.

Por sorte, a Rossana intervém na discussão, com toda a sua energia feminina, e eu posso eclipsar-me sem dar demasiado nas vistas. Saio para a varanda e fico a olhar para as ruas que se espraíam aos meus pés. Na realidade, em Nápoles, mais do que a vista faz falta o ouvido, é uma cidade que se revela através do som. Por exemplo, nas noites de verão conseguem ouvir-se nas vielas de Chiaia os tacões das senhoras que caminham com segurança sobre as pedras, alguma gargalhada à distância, ou dois copos que se tocam ao de leve. Posillipo, pelo contrário, apresenta-se muda, com as ruas amplas e desertas que se desenrolam silenciosas pela colina, enquanto a cidade, mais abaixo, soa acolchoada. É preciso saber escutar os gemidos dos bairros nobres se quisermos aprender a conhecê-los. No centro histórico, pelo contrário, é preciso saber distinguir, prestar atenção só àquilo que interessa, separar os sons, como os vestígios de uma canção remisturada. Só assim é possível saborear as vozes dos estudantes que vagueiam pelas vielas antigas, o ruído de talheres que brota dos restaurantes, os muitos sinos que tocam ao domingo de manhã, o pregão dos vendedores ambulantes, a voz rouca e pouco firme de um velho que toca acordeão aos pés de uma basílica fechada e esquecida. Para saborear tudo isto é preciso, porém, apagar o zumbido das motorizadas que infestam as ruas, os gritos das mulheres que se pegam por ninharias, a voz de um cantor popular que explode das janelas de um carro.

- Venha, tenho uma coisa para si - começa o Perotti, que acaba de aparecer na varanda e me pega no braço.

Gostaria de intervir e de recuperar aquele membro com um gesto agressivo, mas depois reparo mais uma vez na Sveva, em pé ao lado do frigorífico, a perscrutar-me com ar severo. Desde que entrámos está de olho, em mim e na Rossana. Acho que não gostou muito da minha companhia mas, efetivamente, também não estava à espera de que aquele encontro produzisse um resultado diferente. A Sveva está demasiado zangada com a vida para poder saborear-lhe as mil e uma facetas. Para ela é sempre tudo preto ou branco, e nunca poderia andar com uma pessoa que não fosse do mesmo estrato social.

Felizmente, o meu velho amigo artista rouba-me a tais pensamentos e arrasta-me para a sala. Estou a deixar a Rossana entregue aos meus dois filhos, o que não é propriamente simpático. Mas, em qualquer caso, ela é capaz de se desenrascar; uma pessoa que sabe lidar com um velho oportunista como eu também sabe enfrentar um tubarão como a Sveva.

- Na outra noite pareceu-me que gostou disto - comenta o Perotti, indicando o quadro do Super-Homem pousado no chão, encostado à parede. - Por isso, pensei oferecer-lho!

Observo primeiro a pintura, depois a ele. O Super-Homem e o Leo Perotti têm o mesmo sorriso altivo no rosto. Parece-me demasiado.

- Olhe, eu até entendo que lhe interesse impressionar-me, mas tudo isto me parece excessivo!

O sorriso apaga-se-lhe como que por encanto e só o super-herói continua a gozar a cena, divertido.

- Seja como for, você não precisa da minha autorização nem de ser simpático a todo o custo. O Dante já tem idade para que, felizmente, as suas escolhas não dependam de mim.

- Só estava a tentar ser simpático - responde o Leo, um pouco menos cordial do que há dois segundos.

- Não porque me interesse a sua autorização, mas porque gosto do Dante e me satisfaz saber que ele está feliz.

Se calhar, subvalorizei o pintor. Agora que lhe espicacei a dignidade, parece-me mais coriáceo.

- E ele fica feliz se eu e você nos entendermos, é isso?

Agora é o Perotti que olha para mim com uma ponta de superioridade.

- Não. O Dante ficaria feliz se o senhor aceitasse realmente a sua maneira de ser.

- E quem lhe disse que eu não a aceito?
- Bem, se ele nunca lhe falou de mim até hoje, alguma razão deve haver.
Começo a simpatizar mais com este Perotti.
- Se nunca me falou nisso, foi porque não lhe apeteceu. Eu sempre respeitei a vontade dele, nunca o levei a revelar-me nada.
- Mas também nunca o incitou - responde o Leo, decidido. - Talvez o Dante só precisasse de um ligeiro empurrão...

Mas é suposto na minha idade eu ser tratado como um idiota até pelo companheiro do meu filho? Entre as muitas acusações dos últimos dias, só me faltava mesmo esta, a de não ter incitado o Dante a revelar-me os seus gostos sexuais. Preparo-me para responder à minha maneira, mas entretanto a Sveva entra na sala com uma travessa nas mãos. O Leo aproveita para regressar à cozinha e eu fico sozinho com a minha filha. Que diabo, isto vai de mal a pior! Fecho os olhos, e por um instante, penso em ir até lá pedir desculpa ao Perotti, não tanto por estar convencido de que errei, mas para fugir ao olhar de raspanete da Sveva. Dou um passo em frente para me afastar, mas ela agarra-me no braço. Esta noite parecem todos interessados neste meu membro. Viro-me, sorridente, só que a Sveva não sorri de todo. Ao invés, parece preocupada.

- O que foi? - pergunto.
Arranca-me o copo de vinho das mãos e começa a ralhar-me num tom baixo, mas agressivo:
- Se no outro dia não me tivesses dado a tua opinião sobre o Enrico, não te daria agora a minha sobre esta Rossana por quem te fazes acompanhar.

Uma gargalhada pouco polida da minha amiga parte da cozinha e chega à sala. A Sveva fecha os olhos e franze as sobrancelhas como se acabasse de ouvir alguém arranhar uma lousa com as unhas. Eu continuo a sorrir.

- Onde a descobriste? - pergunta depois.
- Porquê, não gostas dela? - replico, cada vez mais divertido.
- Bem, digamos que é bastante folclórica...
- Sim, tens razão, é mesmo o termo exato, aquele que eu não conseguia encontrar. É folclórica, extravagante, bizarra.

Ela olha para mim, espantada, e não responde.
- Sabes, minha filha, para não sufocar, este velho que tens à tua frente tem necessidade de um pouco de extravagância, de bizzaria. Creio que a ti algo semelhante também não te faria mal...

- Porque é que tens sempre de te armar em engraçado? Não pensaste em nós? Em como pode ser humilhante para os teus filhos verem-te acompanhado por uma mulher daquelas?

- O que é que ela tem de mal? - pergunto, já sem sorrir.
A minha filha baixa um instante os olhos e depois replica, dura:
- Não é própria para ti, nem para esta família. E acho que a presença dela aqui é ofensiva até para a nossa mãe.

Nesse momento resmungo e sufoco um grito:
- Não me fales do que é ofensivo. É ofensivo que ninguém me tenha contado que o meu filho é *gay*. Isso é ofensivo! É ofensivo que a minha mulher tenha tido uma relação com outro durante cinco anos. E, se queres saber, aquilo que fazes ao teu marido é também ofensivo. Todos ofendemos alguém. Tu não és assim tão diferente de mim.

A Sveva continua a fitar-me, silenciosa, com os olhos carregados de rancor e humilhação.
- E agora deixa-me viver aquilo que me resta de forma bizarra. Passei uma vida inteira afundado na normalidade, e só o fedor disso dá-me volta ao estômago!

No instante seguinte, os outros invadem a sala com mais travessas nas mãos e sorrisos estampados no rosto. Olho para eles, surpreso, e sento-me à cabeceira. À minha acompanhante bastaram cinco minutos para se fazer aceitar pelo Dante e pelo seu companheiro; a mim, pelo contrário, os mesmos minutos serviram para que a minha filha me despreze ainda mais. É curioso, quanto mais avanço nos anos, mais tendo a reduzir o tempo; como um maratonista que compete contra si mesmo, tento sempre superar-me. Quando estiver a morrer, bastar-me-á um olhar para que me detestem.

Em vez de se sentar o mais longe possível, o Leo Perotti escolhe o lugar ao lado do meu. Dedico-lhe um olhar respeitoso; no fundo, não é cobarde.

- Gostaste do presente? - pergunta o Dante, assim que se sentou. - Imagina que o Leo estava hesitante, achava que tu não o ias aceitar. Mas eu conheço-te bem, quando gostas de uma coisa, não te fazes rogado!

Pois sim, conheces-me mesmo bem, querido Dante, quase tão bem como eu te conheço a ti, penso, sarcástico. É estranho, mas parece-me que a única pessoa aqui presente que de facto me compreende é a Rossana. Sorrio mais uma vez ao Perotti, que retribui, pouco convencido. É pena, já se fartou do combate. Então dedico-me ao meu adversário de sempre, o mais duro.

- Porque é que o Diego não veio? Mais uma imprevista reunião de trabalho? - exclamo, enquanto pouso o guardanapo sobre as pernas.

A Sveva, porém, nem sequer se digna a dirigir-me um olhar e começa a encher o prato da Rossana, a qual, logo a seguir, larga outro comentário:

- Nham, que bom que está este *risotto*!

O Dante e o Leo olham um para o outro, divertidos; eu viro-me para a minha filha, à espera do enésimo olhar de reprovação que, porém, não chega. De facto, a Sveva decide surpreender-me e responde, simpática:

- É farro; parece arroz, mas não é.

Não sei se foi a minha rabecada, mas a minha filha parece agora mais disponível e serena. Todos, aliás, o parecem, esforçando-se por tornar o serão agradável. Todos, menos eu.

- Então, digam-nos lá... - começa o Dante. - Como foi que se conheceram?

Eu sabia: o meu filho é uma sogra coscuvilha que se mete onde não é chamada.

- A Rossana foi minha enfermeira há dois anos... - explico.

- Ah, pois, é daí que a conheço! - comenta a minha filha, e fico a pensar se por detrás daquela intervenção não haverá algum objetivo oculto ou vontade de me estragar o jantar de qualquer maneira. Mas o serão é do Dante, estamos aqui por ele, e não acredito que fizesse isso ao irmão. No entanto, sinto-me na obrigação de intervir para salvar a minha companheira do embaraço, e por isso decido ir direto ao assunto que aqui nos trouxe.

- Então, o que é que tinhas de tão importante para me contar? - pergunto, voltando-me para o meu filho.

O Dante olha para mim, perplexo. Pensava que eu me ia dar por satisfeito com a encenação do jantar, que lhe bastaria pôr o artista à minha frente. Não, querido Dante; por uma vez na vida arranja alguma coragem e enfrenta o teu velho, que, além do mais, esta noite já está nervoso o quanto baste.

O Dante, porém, não fala. É a Sveva quem intervém, como sempre, e salva o irmão.

- Ele explica-te mais tarde, em privado.

- Não, vamos antes fazer de outra maneira - contraponho, fitando o Dante. - Eu livro-te da maçada. Falo eu!

Bebo um longo trago de vinho e pouso o guardanapo, marimbando-me para o enésimo olhar de raspanete da minha filha. A Rossana dá-me um pontapé por baixo da mesa, mas eu já arranquei.

- Dante, és homossexual! O mundo inteiro sabe. Contaste a toda a gente, até à tua mãe. Só eu fiquei de fora, talvez porque pensavas esperar pela minha morte para te assumires. Pois bem, tenho duas notícias importantes para te dar esta noite: a primeira é que não faço tenções de morrer tão depressa, a segunda é que os teus gostos sexuais não me importam. Gosto e sempre gostarei de ti, apesar de nunca to ter dito, de ter falhado muito em relação a ti e de às vezes poder parecer que não quero saber de ti para nada. Admiro-te, como homem e como filho. Admiro-te e amo-te, a ti e à Sveva, da mesma maneira, podes ter a certeza disso. Pronto, era isto que eu tinha para te dizer, aliás, para vos dizer - lanço um olhar à minha filha -, e finalmente arranjei coragem. Agora, se quiserem, podemos continuar a alambazar-nos durante o resto do serão, ou então eu levanto-me, dou o braço à minha senhora e vou-me embora.

Inclino a cabeça e começo a comer, apesar de a mão trémula não me permitir manter o garfo firme. Às vezes até fazer o papel de mal-humorado me dá um cansaço tremendo. Quando levanto a cabeça, apercebo-me de que o Dante tem os olhos brilhantes, a Sveva está a limpar uma lágrima, a Rossana olha para o prato e o Leo Perotti, para mim. Sorrio mais uma vez a este último, e então ele estende-me a mão e exclama:

- Sabe, até há pouco eu pensava que o senhor era mesmo idiota! Conseguiu fazer-me mudar de ideias em dois minutos.

Este Perotti é um tipo fixe. Retribuo o aperto de mão e respondo:

- Bem, lá por isso, também você me fez rever a minha posição em relação a si. Agora estamos quites!

Desatamos a rir. A Rossana acompanha-nos, à Sveva e ao Dante não resta senão adaptarem-se. O jantar prossegue placidamente, e até a cozinha macrobiótica do Perotti parece boa. Descontraio, graças ao vinho, e ouço os outros a falar, algo que raramente consigo. Quando me levanto para ir à casa de banho, o Dante precede-me; lá chegados, acende a luz e fica ali, a olhar para mim.

- O que foi? Queres ajudar-me a sacudi-lo?

Ele sorri e responde:

- Queria agradecer-te pelas tuas palavras; sei que te custaram imenso!

- Não tens nada que me agradecer, ainda te devo muito!

- Não sejas demasiado severo contigo mesmo. Ao fim e ao cabo não foste mau pai.

- A Sveva não pensa assim...

- Já conheces a Sveva, gosta de se queixar e de culpar os outros pelas suas escolhas.

Só agora me apercebo de que errei em tudo nos últimos anos: não me devia encontrar tão assiduamente com a minha filha, e sim com o irmão.

- Estás cada vez mais parecido com a tua mãe - declaro, com um suspiro.

Ele parece-se com a Caterina, a Sveva comigo. Não é preciso ser-se um génio para perceber quem, entre mim e a minha mulher, era o melhor.

- Porque foi que a Caterina não me contou? Ao menos ela? - pergunto.

O Dante parece tranquilo e satisfeito.

- Porque eu lhe pedi que não o fizesse.

Simples, até de mais. Entre um filho e um marido, protege-se o primeiro. Sempre. Se ainda viver muito tempo, quem sabe quantas verdades ainda vou descobrir sobre a Caterina.

Fecho a porta e sento-me para urinar. A casa de banho está cheia de cremes e loções estranhas, e no ar paira um aroma de baunilha. Talvez sejam as velas: há-as de todas as medidas, pousadas em todos os espaços livres. Como eu invejo as pessoas que sabem tratar do lugar que as abriga! Tem razão a Rossana: esta casa assemelha-se a um hotel de cinco estrelas. Nem sequer parece que estou numa retrete. Felizmente, entre as minhas decisões mais sábias dos últimos anos está esta de urinar sentado, pois, de outra forma, o desgraçado do Perotti ainda tinha um enfarte ao ver o belo sanitário do seu amado salpicado de mijo.

Quando regresso, encontro apenas a Sveva sentada à mesa com os braços cruzados sobre o peito e um olhar encantado a fitar o cálice de vinho. Acho que estava à minha espera, até porque o Dante e o companheiro estão na cozinha com a Rossana. É incrível, mas parece que entre os três se instalou uma enérgica alquimia. Penso que chegou o momento de irmos embora, antes que a minha filha comece outra vez a despejar a sua infelicidade em cima de mim.

- Sinto muito por aquilo de há pouco - pede-me ela.

- Deixa lá - respondo, duro.

A Sveva olha para mim alguns instantes e declara:

- Nunca esperaria um discurso daqueles de ti, ainda por cima diante de estranhos. Surpreendeste-me!

- Subvalorizas-me.

- Se calhar - replica, com um meio sorriso.

Os ruídos da cozinha fazem de música de fundo. Sento-me ao pé dela, o cotovelo sobre as costas da cadeira ao lado, e afirmo:

- Para voltar àquilo de há pouco, parece-me que a escolha do teu Enrico, no fundo, também o é, de certa maneira. Bizarra, quero dizer. Por isso não indaguei mais, porque percebi que também tu te encontras naquele ponto da vida em que é preciso um pouco de extravagância. E, se calhar, só estás com medo de enfrentar a mudança.

A Sveva inclina a cabeça e não responde. Então prossigo:

- Eu sei, o medo é um chato, uma vizinha insistente e incomodativa que quanto mais se enxota mais regressa. E sabes o que eu percebi? Que, na realidade, aquela vizinha está só a fazer o seu trabalho: tenta salvar-nos de nós próprios, quer avisar-nos de que, se não nos mexemos, muito em breve as coisas dentro de nós vão começar a apodrecer.

A Sveva responde sem levantar a cabeça:

- A verdade é que me sinto confusa, não sei que decisão tomar...

- Sabes qual é a extravagância maior?

Ela abana a cabeça.

- Viver por instinto.

A minha filha olha para mim, perplexa.

- Deixar de usar essas inúteis palas mentais. Se seguides o teu instinto, nunca te enganas. Os pássaros migram todos os anos sem se questionarem. Ora, também nós devíamos fazer a mesma coisa, mover-nos continuamente e não colocar demasiados problemas. Ao longo dos anos eu fui-me questionando e fiquei imóvel. Agora tenho de recuperar; quero migrar um pouco todos os dias.

- Com a Rossana?
- Também; porque não?
- Então o que é que eu devia fazer em relação ao Enrico? Migrar?
- Devia aconselhar-te a que pensasses bem no assunto, mas não me apetece.

A Sveva respira fundo e abana a cabeça, e, por fim, comenta:

- Pelo menos ainda me consegues divertir com as tuas teorias estapafúrdias.
- Nada mal para um velhinho...
- Andam juntos? - pergunta logo a seguir.
- É só uma amiga, nada mais.
- É pena. Se calhar era melhor.
- Em que sentido?
- Bem, eu ficava mais sossegada se soubesse que há alguém a tomar conta de ti.

A minha filha preocupa-se com a minha saúde, em não me deixar fumar e beber, que é para poder andar comigo à bulha o máximo de tempo possível.

- Já sabes que me desenrasco bem.
- Sim, mas quando se está só fica-se pior.
- Achas que eu estou pior?
- Bem, se me tivesses perguntado isso antes desta noite, teria respondido que sim.

Bufo, divertido. No fim de contas, não é assim tão difícil causar boa impressão nos outros - basta fazer um esforço para tirar as palavras cá de dentro, mesmo quando elas não querem de todo vir à superfície.

À porta, o Leo aperta-me a mão com a mesma cordialidade que adotou à minha chegada. Desta vez retribuo; acabou por me causar boa impressão, o que não é para todos, e, mais para mais, gosta do meu filho; provavelmente, dedica-lhe as atenções que eu não lhe dei. O Dante, por seu lado, abraça-me. Deixo que me estreite, embora o seu perfume doce me provoque náuseas. Na realidade, é o gesto que me deixa atrapalhado, mas prefiro pensar que é o perfume.

- Agora é melhor ir-me embora - anuncio.

Sou velho e os velhos não se podem emocionar. Já fazem chichi nas calças; se também se puserem a choramingar é como acompanhar um recém-nascido.

A Sveva desce connosco.

- Querem boleia?
- Não, obrigado, vamos apanhar um táxi; assim ainda caminhamos um bocadinho - respondo.

Ela despede-se cordialmente da Rossana e entrega-lhe um cartão de visita; depois abraça-me, imitando o gesto do irmão poucos minutos antes. Então sempre é verdade que a certa altura da existência se fazem as pazes com os pais. Acho que acontece no momento em que continuar a mastigar raiva se torna mais cansativo do que pôr-lhe uma pedra em cima.

- Não te preocupes connosco. Estamos mais satisfeitos do que tu imaginas - sussurra-me ao ouvido, antes de se afastar.

Observo-a. Sempre foi elegante, como a mãe, mas esta noite acho-a também bonita, sinuosa. Talvez porque está um pouco menos áspera.

- Dá um beijo ao Federico - limito-me a responder.
- No caminho de volta, a Rossana parece-me alegre.
- Foi mesmo uma noite fantástica - comenta, de repente.

O ruído dos passos sobre as folhas secas acompanha a nossa conversa.

- Pois foi - respondo, ao mesmo tempo que ajeito o quadro do Perotti debaixo do braço.

Enfim, não pude opor-me. Vou pendurá-lo na sala; pelo menos assim vai haver alguém que sorri ao fazer-me companhia durante as minhas noites insones.

- Olha que os teus filhos são mesmo simpáticos. E gostam muito de ti!
- Ora! Às vezes convenço-me do contrário, sobretudo no que diz respeito à Sveva.
- Mas que conversa é essa? Vê-se logo que está apaixonada por ti, um pouco como todas as filhas!

Faço uma careta de incerteza, ela desata a rir e dá-me um beijo repenicado nos lábios. Como única resposta, inclino a cabeça e faço de conta que olho para o relógio, para não lhe mostrar as minhas faces rosadas.

Percorremos a Via dei Mille em silêncio e entramos numa gelataria que ainda estava aberta, onde, para contrabalançar o *strudel* macrobiótico do Perotti, pedimos dois cones de gelado de maçã. Depois, a Rossana para à frente de uma montra e eu aproveito para olhar em volta e deixo-me arrebatado pelas

recordações; as esquinas das ruas estão cheias delas, basta apenas ter bons olhos e uma memória viva. Ali em frente, por exemplo, havia uma livraria com paredes branquíssimas e estantes cor de mel. Parava ali todos os dias a admirar aquela madeira loira, sem parafusos nem pregos, que se mantinha unida como que por magia e tornava o espaço semelhante a um grande barco à vela. Já não existem livrarias assim tão bonitas, pelo menos nesta cidade. Nessa altura andava com uma rapariga do liceu Umberto, a poucos metros daqui; aliás, «andava» não é bem o verbo exato, eu estava mesmo apaixonado por ela. Tal como, aliás, me acontecia com todas as raparigas com quem saía – o problema é que, à semelhança das outras, para o sentimento seguinte (aquele a que as pessoas chamam amor) nunca houve faísca. Mas isso é outra conversa, e eu estava a falar da livraria, onde encontrei refúgio num dia em que chovia a cântaros e a minha pequena não se decidia a sair da escola. Fiquei encantado com aquele lugar mágico e com os livros, e comecei a pensar em ter uma livraria. Porém, um outro acontecimento, um daqueles pequenos grandes desvios invisíveis que nos fazem mudar de caminho, modificou-me o sentido dessa ideia. Em suma, a padeira por baixo de minha casa tornou-se outra das minhas muitas paixões de juventude e por ela abandonei sem contemplações a estudante de Chiaia e a velha livraria. Com a padeira, porém, a relação não funcionou: tinha uns horários impossíveis e sempre que nos encontrávamos trazia-me pãozinhos quentes. Imaginei o futuro e vi-me gordíssimo e aborrecido; por isso, deixei-a também a ela e dediquei-me ao estudo. Em breve chegou o tão ansiado diploma de contabilista, que me fez embicar para o percurso que me trouxe até aqui. Se naquela altura não tivesse encontrado a padeira, talvez me tivesse casado com a estudante do liceu e continuado a frequentar a velha livraria. Talvez tivesse mesmo conseguido que me contratassem e fosse aquele o início da minha carreira, em vez da Partenope Service.

Em qualquer caso, um dia, já a Sveva era nascida, passei por estes lados e apercebi-me de que a minha amada livraria já não existia, substituída por uma sapataria feminina, a enésima. Foi naquele preciso instante que me dei conta do que tinha perdido, de como a vida me enganara utilizando as feições de uma padeira de formas sinuosas. Não sei se alguma vez podia ter sido livreiro, mas sei que, na vida, às vezes sentimos um leve toque de campainha ao pé do ouvido. Pode acontecer ao pé de uma mulher, ou num lugar específico, quando nos empenhamos em qualquer coisa que nos agrada. Portanto, se eu tivesse que dar um conselho ao meu neto Federico, um único, seria este: quando sentires aquele leve toque de campainha, levanta a cabeça e estica as orelhas, pois estarás diante de um desses desvios invisíveis. Garanto-te que, para falhar a rota que traçares, basta um instante.

Quando chego a casa, vou direto à arrecadação e pego num martelo e dois pregos. É tarde, mas quero lá saber! Por uma noite vou ser eu a acordar a vizinhança. Instalo o Super-Homem no centro da parede da sala, mesmo por cima do sofá, e fico a olhar para ele, encantado.

– Sim, gosto de ti! – exclamo depois.

Como também gosto do Leo Perotti. Gosto do Dante e da Sveva, da Rossana e da Emma, do Marino e da velha dos gatos. Se calhar, esta noite até o velho que apalpa a minha filha não me ia parecer assim tão mal. A verdade é que não se pode estar sempre mal-humorado, quando não os outros começam a acreditar que somos mesmo assim.

Vou à cozinha e sirvo-me de um copo de vinho. Quando fecho a porta do frigorífico, descubro o *Belzebu* a olhar para mim com um ar ensonado. Ofereço-lhe a última bolacha que me resta, depois agarro nele pela coleira e levo-o para o quarto. Antes de me despir faço-lhe festas na cabeça, e aquele ronronar rouba-me um sorriso. Sim, é como eu pensava, estou mesmo a ficar velho.

In vino veritas

A campainha toca. Resmungo. Deve ser a Sra. Vitagliano a querer mais esclarecimentos sobre a vida da Emma. É desta vez que a mando àquela parte. Enfio a íris no óculo e perscruto o patamar: a figura do Marino ocupa o espaço visível. Fico atónito, não sei há quantos anos ele não sai de casa. Abro a porta; o Marino olha para mim e sorri, eu retribuo. Depois ficamos assim, incapazes de nos abraçar.

- Consequiste deslizar para fora daquela poltrona encardida! - exclamo, eufórico.

- Pois foi - admite ele. - Queria falar contigo; ia pegar no telefone, mas depois pensei: «Caramba, vou lá acima e digo-lhe pessoalmente!»

- Estou orgulhoso de ti. Vá, entra, ofereço-te um copo de vinho.

- Obrigado, Cesare, mas sabes que não posso beber álcool.

Convido-o a sentar-se e encho-lhe o copo, como se nem sequer tivesse falado.

- Marino, quanto tempo pensas viver ainda? Vou-te ser franco: não te resta muito. As pessoas morrem aos oitenta. É assim que funciona, não há nada a fazer. Aliás, tiveste muita sorte em chegar aqui! Portanto, se beberes um copo de vinho aguado, quem queres que se incomode com isso?

O Marino olha para mim de esquelha e ri-se.

- És mesmo um tipo fixe, Cesare - replica, e bebe um longo trago. Depois pousa o copo e olha em volta.

- Lembrava-me desta cozinha de maneira diferente.

- Ou seja?

- Mais limpa, mais arrumada, mais acolhedora.

- Com certeza. Da última vez que aqui vieste ainda cá estava a Caterina. É a falta dela que te faz reparar na ausência de todos esses *mais*.

O Marino ri-se outra vez, eu encho de novo os copos e convido-o a brindar. Ele olha para mim como se eu fosse doido.

- Não, Cesare, tu queres que eu morra hoje... - afirma, hesitante.

- Sim: queria ver-te cair morto no chão depois de uns copos de vinho e entre as coxas de uma mulher encantadora!

- Como é que eu consegui ser teu amigo durante tanto tempo? - pergunta ele, engolindo o segundo copo.

- Efetivamente, tiveste paciência. Mas nunca como os meus filhos, que foram obrigados a levar comigo desde o primeiro dia em que vieram ao mundo!

- Que rico fardo lhes entregaste! - comenta ele, e desata a rir, entornando o vinho no chão e sobre as calças de flanela coçadas.

- Pareces um daqueles velhos que fazem chichi pelas pernas abaixo! - exclamo eu, também a rir.

- Cesare, eu *sou* um daqueles velhos que fazem chichi pelas pernas abaixo! - responde o Marino, e serve-se de mais um pouco de vinho.

- Pois é, tens razão!

O riso e as tremuras tornam-me difícil levar o copo à boca. Será o álcool, será a felicidade de ter de novo um velho amigo na minha cozinha, mas não consigo parar e rio convulsivamente, como muitas vezes me acontecia em criança, durante as aulas - porque é precisamente quando não podemos rir que perdemos todos os travões? O riso descontrolado parece-se com o choro; tal como ele, serve-se das lágrimas para libertar a energia acumulada.

Antigamente, antes de o Marino ter decidido retirar-se da vida, ríamo-nos muito juntos. Um dia, há cerca de quarenta anos, chegou ao gabinete de contabilidade Volpe um sujeito carrancudo e arrogante. Esse sujeito era eu, contratado por causa de um favor que o senhor Volpe devia ao meu irmão. Era ali, como já expliquei, que trabalhava a Caterina. Mas não só. Também lá trabalhava uma outra pessoa, um homenzinho banal e de uma certa idade que me sorria com simpatia.

«Este é o Marino, o meu cunhado. Ele vai explicar-te como é que as coisas funcionam aqui», anunciou o senhor Volpe, antes de desaparecer e de me deixar diante daquele papalvo que me fitava com ar beatífico.

O Marino tinha mais ou menos quarenta anos nessa altura, mas já parecia um velho, de tal maneira que fiquei a olhar para ele, a questionar-me qual seria a sua idade. Depois ele estendeu-me a mão e apresentou-se. Retribuí aquele aperto frouxo e exclamei:

- Eu sou o Cesare, e este trabalho dá-me náuseas. Por isso não esperes grande coisa, até porque daqui

a uns meses eu já cá não estou!

Ele ficou de boca aberta e no instante seguinte desatou a rir. Não tinha forma de o saber então, mas aquela gargalhada ia ligar-nos para o resto da vida. O Marino tornou-se em breve o meu grande confidente, o amigo disponível que vinha buscar-me de manhã e me levava a casa à noite, ou que me substituíu no trabalho no caso de eu estar ocupado numa das minhas habituais escapadelas extraconjugais. Parecia um menino no corpo de um velho; era uma daquelas pessoas que cresceram pela metade, o organismo dirigido à terceira idade, o carácter ancorado nos primeiros anos de vida. Em suma: tal como as crianças, o Marino era entusiasmado, generoso e enérgico, e igualmente inseguro, frágil e medroso. Eu fui para ele uma espécie de pai severo; ao invés, ele foi para mim o amigo perfeito, aquele que toda a gente devia ter o direito de encontrar, mais cedo ou mais tarde.

Durante algum tempo a nossa relação ficou confinada às horas de trabalho, mas um dia, sabendo que após o nascimento do Dante andávamos à procura de uma casa nova, saiu-se com esta proposta:

- O apartamento por cima do meu está à venda. E até é um negócio interessante. Porque é que tu e a Caterina não vão dar uma vista de olhos?

Lá acabámos a passear por cima da cabeça dele e conhecemos a mulher, a Paola, e os filhos, Sebastiano e Antonia. Durante anos as nossas vidas misturaram-se: jantares, festas, formaturas, natais, jogos de cartas, por vezes em nossa casa, por vezes na deles. A nossa vida em comum foi um contínuo sobe e desce, e os meus filhos adormeceram a ver televisão no sofá ao lado dos deles. De vez em quando vinha também ter connosco a velha dos gatos (que ainda não o era), nessa altura casada com um homem tristíssimo que amava o pequeno ecrã mais do que a ela. A senhora, pelo contrário, apesar de não ter tido filhos, era apaixonada, vestia-se sempre com muitas cores, sorria à vida e contava muitas vezes histórias dos seus alunos. Era uma mulher de temperamento decidido e um pouco fora do comum, uma espécie de *hippie* crescida. A sua companhia tornava os serões mais alegres.

E assim passaram os anos até ao dia do batizado do neto do Marino, o Orazio, o primogénito da Antonia. Naquela noite, lembro-me que o meu amigo vestia um fato cinzento que o tornava ainda mais apagado. Durante a cerimónia deu-me o braço e sussurrou:

- No próximo mês, o Sebastiano vai mudar-se para Londres. Fizeram-lhe uma oferta irrecusável.

Olhei para ele e sorri, mas ele não retribuiu.

- Há momentos que marcam a nossa vida para sempre - continuou -, e um deles é quando os filhos partem.

- Ora, significa que vais poder voltar a namorar com a tua mulher! - comentei, meio a brincar.

Mas o Marino não estava para brincadeiras.

- A Paola está doente. Tem Alzheimer - partilhou, e apertou-me o braço.

Fiquei a olhar para ele de boca aberta, mas o Marino continuou a falar como se nada fosse:

- Fico feliz pelo Sebastiano, e também pela Antonia. É justo que os jovens pensem na vida deles.

- Pois é - comentei num sussurro. Gostaria de lhe ter perguntado mais alguma coisa, mas não me deu hipóteses.

- E, em qualquer caso, habituamo-nos a tudo na vida, não é? - exclamou, enquanto a Antonia o arrastava para tirar uma fotografia.

Não nos habituamos, renunciámos a mudar as coisas, o que é diferente. Era isso que eu lhe queria ter respondido então, mas ele já estava longe. Depois, no ano seguinte, chegou aquele dia terrível. O Marino recebeu um telefonema de Inglaterra ao princípio da manhã: o Sebastiano tinha morrido num acidente de automóvel. Foram meses tremendos; o Marino era um esqueleto que caminhava apenas porque a mulher precisava dele. Parecia envelhecer a uma velocidade dupla em relação a todos os outros, como acontece aos cães, cada ano do Marino a equivaler a sete dos nossos. Pela minha parte, tentei ajudá-lo como podia, no trabalho e em casa, mas ele parecia nem sequer se aperceber disso. Quatro anos depois morreu também a Paola, e o meu amigo ficou sozinho naquele apartamento enorme que durante decénios acolhera tantas gargalhadas, gritos, choros e rabugices. A Antonia insistiu para o pai ir morar com ela, até porque, entretanto, o Marino também se reformara, mas o teimoso não quis. À noite jantava em nossa casa, via um pouco de televisão e voltava para baixo.

Dei por mim a sentir pena dele, apesar de o tempo ter transformado essa pena em admiração. Achei que ele não ia conseguir superar, mas os meses passaram e ele continuava firme, de pé. A vida não lhe foi fácil, mas o Marino não deixou de continuar a cumprimentá-la. Percebi então que não há pessoas mais corajosas do que outras; há só quem enfrente a dor quando ela tem de ser enfrentada.

Um dia, porém, ligou-me e pediu-me para passar lá por casa: fui recebido pelo silêncio de uma habitação que eu já não reconhecia.

- Queria informar-te de que, de agora em diante, não vou mais jantar a tua casa! - exclamou, sorridente.

Retribuí o sorriso, pensei que ele precisava de reencontrar a sua própria autonomia.

- Sê sincero: arranjaste uma companhia melhor do que a nossa! - exclamei, e pisquei-lhe o olho.

Ele começou a rir, como fazia noutros tempos, mas logo a seguir ficou sério e respondeu:

- Cesare, estou demasiado velho para essas coisas. Estou cansado de fugir.

Podia ter insistido e, se calhar, se tivesse imaginado que aquela casa se ia tornar um sepulcro, até o teria feito. Mas pensei que, no fundo, o Marino tinha uma certa razão, e levei para a brincadeira, como era nosso hábito:

- Nunca se é demasiado velho para certas coisas, Marino. Aliás, até já inventaram umas pílulas mágicas.

Ele serviu-me vinho e não respondeu. Naqueles anos, o marido triste da Eleonora Vitagliano também fora desta para melhor; há já algum tempo, tinha dado por mim a pensar que talvez os dois pudessem fazer companhia um ao outro. A senhora já não dava aulas, saía pouco e começava a manifestar uma tremenda fixação por gatos, de tal maneira que me acontecia muitas vezes encontrá-la no patamar com um felino que acabava de capturar na rua. Não há apenas uma maneira de enfrentar a solidão: há quem se feche em casa, quem se afeiçoe demasiado aos animais e quem, por fim, aprenda a conversar com o silêncio.

- Achas que podias entender-te com a Eleonora Vitagliano? - perguntei ao fim de algum tempo.

- Mas o que é isso? - estremeceu ele. - Ficaste maluco?

- Bem, estão ambos viúvos e sós, conhecem-se desde sempre... Porque não fazem um pouco de companhia um ao outro?

- Cesare, deixa-te de parvoíces. Ainda por cima, estás a ver como é que ela ficou? A mim parece-me um bocado avariada da cabeça. Nem sequer a posso convidar para tomar um café, cheira sempre a comida de gato.

Esbocei um sorriso. Efetivamente, até o desespero tem um limite.

- Pois, acho que tens razão. A solidão é preferível - concluí, e estendi-lhe o copo para mais um pouco de vinho.

Quando nos despedimos eram horas de jantar. Preveni a Caterina da novidade (que o Marino iria deixar de vir a nossa casa) e ela comentou, contrariada:

- Que pena. Tinha-me habituado àquela companhia silenciosa.

- Não te preocupes - respondi, enquanto me dirigia à casa de banho -, vais ver que daqui por dois ou três dias está aqui outra vez. Com certeza que não se vai enterrar em casa!

Passaram oito anos desde aquela noite.

O tempo de que o Marino precisou para se tornar amigo da dor.

- Tinha subido para te dar esta... - suspira o Marino a certa altura.

- Primeiro eu - respondo.

Ele olha para mim, curioso. Tem as faces rosadas e o hálito pesado.

- A rapariga aqui do lado está à espera de bebé. Queria contar-te antes que...

Por um segundo o Marino fica com o copo a meio caminho e depois pousou-o na mesa.

- Quer tê-lo?

- Diz que sim.

- Eu tinha razão, não nos devíamos ter metido. Eu estou velho e farto de problemas.

- O que é que eu havia de fazer? Só estou a ajudar uma pobre mulher.

- Estás a envolver-te demasiado. Uma coisa é uma mandar uma carta, outra é deixá-la dormir em tua casa.

O riso de há minutos é uma recordação distante.

- E se o marido vem a saber? - prossegue.

É claro que o santo do Marino tinha de começar a acagaçar-se na melhor parte.

- Não te preocupes. Já tive oportunidade de o fazer baixar a crista.

- Tu és louco, sabias? Não passas de um pobre velho; devias ganhar juízo e aceitá-lo.

- Não, decidi não aceitar coisa nenhuma. Se a velhice quiser levar a melhor, vai ter que suar as estopinhas!

O Marino olha para mim, atónito, enquanto eu lhe encho o enésimo copo.

- Então? - pergunto. - O que é que tinhas para me contar?

Ele pousa o copo e olha para mim fixamente; depois, com um tom de voz orgulhoso, responde:

- Trouxe-te a carta. Eu e o Orazio conseguimos imprimi-la!

Aquilo que para o mundo é uma ação vulgar, para nós torna-se uma montanha a ser escalada. A verdade é que a tecnologia devia ter mais respeito pelos idosos. Agarro no envelope e rodo-o entre as mãos. Acontece-me muitas vezes, o potente tornado inicial enfraquece até se tornar uma ligeira brisa primaveril. Pego mais uma vez na garrafa e despejo o último resto de vinho. O Marino não se opõe, agora está do meu lado.

- Pela salvação da Emma - brinda, erguendo o copo e aproximando-o do meu.

Está tão feliz por poder ajudar uma rapariga em dificuldades que nem me apetece revelar-lhe que a carta impregnada de suor vai acabar no lixo um segundo depois de ele se ter ido embora.

- Pela salvação... - repito.

Brindamos, depois acompanho-o à porta. Talvez devesse ir com ele até casa, parece-me um bocado tocado. Mas eu também estou, e eu também sou velho. Só que, ao contrário do Marino, faço tudo por me esquecer.

Atiro a carta para o balde do lixo e regresso à sala. Enquanto não se vive uma dor na primeira pessoa, não podemos entendê-la. E, no entanto, quantas pessoas usam impropriamente as palavras «como eu te entendo». Não entendes mesmo a ponta de um corno, meu lindo, era o que devíamos responder-lhes. Eu andava a brincar aos polícias e ladrões, a Emma enfrentava a realidade.

Tenho a cabeça a andar à roda. Estendo-me no sofá e ajeito a manta em cima das pernas. Depois fecho os olhos, apesar do cheiro a bolor que a lã liberta. Nesta casa até os objetos cheiram a velhice. O importante é habituar-me.

À minha maneira

Tinha acabado de adormecer quando tocou mais uma vez a campainha. A minha tranquilidade foi-se, mas fui eu que me meti nisto: agora nem sequer posso pousar as nádegas cansadas no sofá que vem logo alguém à minha procura. Desta vez é a Eleonora. Agarrada à sua bengala, olha-me de cima a baixo e começa:

- O tipo da agência imobiliária vem a subir. Tinhas-me dito que te podia chamar...

Passo a mão pelo rosto e vou enfiar um casaco. Quando chego ao patamar, o agente imobiliário já está à entrada da casa da Eleonora, seguido por um casal jovem que olha em volta com ar aturdido. Vou por detrás deles, tentando inspirar o menos possível, até que o agente se apercebe da minha presença e se vira de repente.

- É um amigo meu - indica a velha dos gatos.

O homem estende-me a mão, eu retribuo o cumprimento enquanto os observo, a ele e aos seus clientes, que me dedicam um sorriso de circunstância. Gostaria de lhes poder participar que a Eleonora é apenas uma amiga e que nada tenho a ver com o fedor que invade a cena, mas tenho coisas mais importantes a fazer; por isso, enquanto o casal se passeia pelos aposentos na companhia da Eleonora, agarro o meu homem pelo braço e declaro:

- Preciso de falar consigo.

Ele olha para mim e replica:

- Esteja à vontade.

- Como é que estão a correr as visitas? Há alguém realmente interessado na casa?

- Para já, ainda não; mas a zona é boa, o prédio, elegante, há de aparecer alguém. Claro, se a senhora apresentasse a casa em melhores condições, seria tudo mais fácil - conclui, divertido.

Eu, pelo contrário, não me mostro nada bem-humorado.

- Ora, era precisamente isso que eu queria esclarecer. Sou um homem paciente e compreensivo, sei que toda a gente tem de ganhar a vida, mas da próxima vez que se der ao trabalho de dizer àquela senhora como é que ela deve governar a própria casa, eu ponho-o na rua, a si e aos seus clientes.

O sorriso maroto desaparece-lhe logo do rosto.

- Só estava a comentar isto no interesse da senhora. Para facilitar a venda. Limite-me a fazer o meu trabalho.

- Pois muito bem: faça o seu trabalho e não dê sugestões que não lhe foram pedidas.

Ele baixa a cabeça.

- E mais: quer saber a verdade? A senhora não tem nenhuma intenção de vender.

- Não percebo...

- Percebe, percebe, que o senhor não é estúpido. Com certeza sabe que a ideia da venda não partiu dela. E também que ver entrar todos os dias estranhos em nossa casa não é exatamente uma existência tranquila para uma senhora de idade.

- Olhe, eu não sei quem é o senhor. Só estou a fazer aquilo para que me mandata...

- Precisamente. Era mesmo isso que eu queria esclarecer. O senhor tem de renunciar ao que lhe mandaram fazer e não trazer mais ninguém aqui.

Desta vez, o agente imobiliário perde a paciência e enche o peito.

- O meu cliente não é o senhor, mas a sobrinha da senhora Vitagliano. Se for o caso, deve ser esta última a pedir-me para renunciar à venda.

Suspiro. Esperava não ter de chegar à transformação, mas o rapazinho demonstra uma certa teimosia. Olho para ele e sorrio-lhe, até porque emana um cheiro agradável, e, nestas circunstâncias, o detalhe não é de somenos importância. Ele fica imóvel, à espera da minha reação, com o seu belo fato cinzento às riscas e a gravata verde, a pastinha atulhada de folhas inúteis e o cabelo cheio de gel. Então, um instante antes que o jovem casal nos interrompa, rebato:

- Não nos entendemos. Eu sou um inspetor das finanças aposentado. Se o senhor não para de vomitar pessoas todos os dias em casa desta senhora, ver-me-ei obrigado a pedir aos meus ex-colegas que vos façam uma visita o mais depressa possível. Não me parece que o seu patrão ficasse muito contente com isso.

Ele fica corado e não replica, até porque os seus clientes, apesar do fedor e da gincana pelo meio dos felinos, parecem (é incrível dizê-lo) entusiasmados.

- Gostamos - começa a jovem senhora, e dedica um sorriso a cada um de nós. A Eleonora arregala os

olhos, preocupada; por isso, sou obrigado a fazer-lhe um gesto com a mão, a fim de a tranquilizar, e, no instante seguinte, voltou a fitar o meu interlocutor.

- Tudo bem, nós deixamos de incomodar - acede este, encaminhando os clientes para a saída.

A rapariga, porém, não parece estar pelos ajustes.

- Não temos que falar com a senhora? Estamos interessados na casa - declara ao chegar ao patamar; porém, o agente interrompe-a.

- Não, minha senhora. Vamos ao meu escritório e eu explico-lhe.

- Aqueles pareciam mesmo entusiasmados - começa a Eleonora, quando ficámos sós.

- Não te preocupes. Eu falei com o agente e ele percebeu.

- O que foi que lhe disseste?

- Para não te voltar a incomodar, porque tu não vais vender a casa.

- O quê?

- Para não vir cá mais - repito -, porque tu não vendes!

A Eleonora olha para mim, perplexa.

- Foi mesmo isso que lhe disseste?

- E então, não estás contente? Não era o que querias?

A Eleonora aproxima-se, os cabelos desgrenhados e a boca torcida num estranho esgar.

- Não queria que ele soubesse a verdade! Só não queria mais comentários sobre a casa. E agora, quem é que vai aturar a minha sobrinha?

Fecho os olhos e tento acalmar a irritação que começa a ferver-me nas veias. Eu sou um cretino: ainda hoje, se uma mulher me confia um problema, faço os possíveis e os impossíveis para lho resolver. A questão é que eu resolvo os problemas à minha maneira e, não sei porquê, a minha maneira não agrada às senhoras.

- Portanto, pedes-me para te ajudar, para vir em teu auxílio, e depois mudas de ideias. Eu não tenho tempo para desperdiçar!

- Só queria que lhe pedisses para não me andar sempre a incomodar.

- Nesse caso, explicaste-te mal - rebato, dirigindo-me para minha casa, ao mesmo tempo que um dos gatos da Eleonora, aproveitando aquele momento de confusão, se enfia entre as minhas pernas e se lança escadas abaixo.

- Cesare, não te armes no velho teimoso do costume. Anda cá. Temos que ligar à agência e explicar melhor a situação.

Viro-me e fico a olhar para a minha vizinha, incrédulo. Como única resposta, ela franze a testa e acrescenta:

- Vá lá, que diabo! Ajuda-me a resolver este problema.

- Já te ajudei - rebato, com uma infinita paciência.

- O que é que eu digo à minha sobrinha? - lamenta-se a Eleonora, quase a chorar.

É a primeira vez, em quarenta anos, que a vejo em tais condições. Sempre foi uma mulher enérgica, habituada a dar a sua opinião e a comandar, primeiro, o marido, depois os gatos. Esta Eleonora que tenho à minha frente é, pelo contrário, uma velhota que ainda brinca a fazer de conta que é forte, apesar de já o não ser.

- A verdade - respondo. - Sê sincera. Na nossa idade, as mentiras têm perna curta.

Depois deixo-a na entrada e fecho a porta atrás de mim.

Ou seja, nem quase oitenta anos foram suficientes para aprender a perceber as mulheres.

Um fluxo irrefreável

- Abre!

É uma da manhã; a voz no intercomunicador é a da Sveva. Fito o auscultador, perplexo, depois carrego no botão. Mas o que terá acontecido? Precipito-me para o patamar e ouço-a uns andares mais abaixo. Acabou de chamar o elevador. Debruço-me e avisto a mãozinha do meu neto agarrada ao corrimão. Apesar das numerosas explicações que me passam pela cabeça em poucos segundos, não consigo encontrar um único motivo válido para a minha filha se apresentar em minha casa a meio da noite.

A não ser que tenha fugido.

Se numa certa idade voltamos a dormir em casa dos pais, há duas hipóteses: ou eles já cá não estão, ou a nossa vida foi ao ar. E como eu ainda não me considero defunto, tendo para a segunda.

- Não me faças perguntas! - começa ela, assim que sai do elevador.

Detenho-me com o ponto de interrogação ainda na ponta da língua. Não, não, querida Sveva, dessa maneira é demasiado fácil. Apresentas-te à minha porta a esta hora, com o teu filho perturbado e ensonado, e ainda te atreves a não querer responder às minhas perguntas? Todavia, e como é óbvio, guardo este desabafo para mim. Dou um beijo ao Federico, pego no pequeno saco que a Sveva traz com ela e entro com eles. A Sveva despe o blusão e vira-se para mim. Agora vai finalmente explicar-me o que aconteceu.

- Onde é que podemos dormir? - pergunta apenas.

Observo-a antes de responder. Tem os olhos inchados de chorar, os cabelos despenteados e os lábios cerrados. Não deve ter passado um grande serão. Viro-me para o meu neto, o qual mal consegue manter os olhos abertos, e sinto muita pena dele. Parece ter sido arrancado da cama após assistir à enésima discussão entre os pais e agora está em casa do velho avô, longe do pai, do seu quatinho e dos seus brinquedos.

Façam todo o mal do mundo um ao outro, tu e o teu marido, mas deixem o Federico fora disso. Deixem-no crescer longe do vosso ódio, protejam-no dos vossos queixumes, escondam-no dos vossos olhares desprovidos de amor. E, se não forem mesmo capazes, separem-se. Uma criança que cresce sem um dos pais poderá tornar-se um adulto incompleto e inseguro, mas quem cresce no ódio e na violência nunca saberá amar. E não há pior mal que um pai possa provocar.

- Fiquem no meu quarto - respondo com um tom duro.

- E tu?

- Eu durmo pouco e mal. O sofá serve-me perfeitamente.

Ela agarra no Federico e dirige-se ao quarto. Levo-lhe o saco e encontro-a a tirar-lhe os sapatos com gestos nervosos. Aproximo-me e, sem dizer uma palavra, afasto-a e tomo o seu lugar. Então a Sveva agarra no pijama do pequeno e atira-o para cima da cama, retira qualquer coisa da pequena bagagem aos seus pés e desaparece na casa de banho. No quarto ficamos só eu e o meu neto. O Federico já dorme, eu gostava de o imitar. Tapo-o com os lençóis e retiro do armário uma velha almofada, que há muito não servia como encosto de um ser humano; levo-a para o sofá, onde já está a manta. Estendo-me e apago a luz, apesar de saber que não vou pregar olho. Estou demasiado nervoso. Ao fim de alguns minutos a Sveva sai da casa de banho e entra no quarto. Ouço-a abrir gavetas e sussurrar qualquer coisa ao Federico, antes que as molas da cama a chiar me avisem de que, finalmente, se deitou.

É estranho: está ali a minha filha, a mesma pessoa a quem mudei as fraldas, limpei o rabo e sequei as lágrimas, e, no entanto, sinto algum embaraço, como se a minha privacidade tivesse sido violada por uma estranha. Não são os laços de sangue que criam a intimidade, é a convivência. Até uma mãe, com o tempo e a distância, se torna um pouco desconhecida.

- Estás a dormir?

Levanto a cabeça e apercebo-me de que ela está à porta. No escuro não lhe consigo distinguir o rosto, mas tenho a certeza de que tem a boca contraída, como lhe acontecia sempre em pequena depois de ter feito uma asneira. Lembro-me de uma vez em que, para se empoleirar no aparador, deitou ao chão o serviço de jantar inteiro da minha sogra. A Caterina começou a vociferar, de modo que a Sveva fugiu para junto de mim com o mesmo esgar desta noite pintado no rosto. Sempre que a mãe lhe berrava, ela corria para mim, sabendo que ia ficar em segurança. Nunca fui muito bom a representar o papel do pai severo: não me saía naturalmente, depois das primeiras duas frases desatava a rir e a Sveva fazia coro comigo. Então chegava a Caterina e chamava-me irresponsável, convencida de que eu ia acabar por estragar a vida dos meus filhos ao deixá-los crescer sem alguma autoridade. Pois bem, eu tive um pai autoritário e

não me saí melhor do que a Sveva ou o Dante.

- Não, estou acordado - respondo de modo seco.

Não consigo camuflar a raiva contra os seus eternos silêncios. A Caterina era igual, capaz de ficar calada durante horas, dias e semanas, à espera que o ressentimento fosse embora. No início achei que enlouquecia com a ideia de não poder aliviar a tensão e de ter que conviver com aquilo; depois aprendi a ignorar as zangas da minha mulher. Não quero estar aqui com disparates, mas acho que a doença da Caterina se alimentou daquela energia reprimida: noite e dia, a minha mulher engolia o seu próprio rancor, e foi isso que fez desenvolver a doença.

A Sveva senta-se na beira do sofá e fica a olhar para mim. Mesmo de tão perto não consigo ler-lhe os olhos.

- Desculpa - pede-me. - Sei que caí do céu sem sequer uma explicação, mas a verdade é que tenho medo de que me julgues.

A primeira coisa que me vem à ideia é esticar a mão em direção ao rosto da minha filha, um gesto que não executo há uma eternidade. A Sveva, de facto, quase recua, insegura, antes de me oferecer a face. E então a minha pele encontra-lhe as lágrimas, como acontecia em tempos, quando com o polegar lhe extinguiu o choro antes que pudesse sulcar-lhe o rosto.

- Não sei há quanto tempo não me fazias uma festa.

- Na realidade, não te estou a tocar - respondo. - Os núcleos dos nossos átomos nunca se encontram, não poderiam. Nada toca em nada.

- Mas que conversa é essa?

- Não sei. Ouvi num documentário, mas não percebi grande coisa.

A Sveva sorri e responde:

- Vês demasiados documentários.

- Talvez, mas são a única coisa que ainda me desperta curiosidade. E a curiosidade permite-me alimentar a minha imoderada vaidade!

A Sveva sorri com gosto, e eu com ela. Depois pomo-nos sérios outra vez e ficamos em silêncio, até que ela exclama:

- Eu e o Diego tivemos uma discussão; acho que ele suspeita de alguma coisa...

Suspiro. A suspeita é a última peça da deterioração de uma relação; quando aparece, já muitas outras se perderam.

- Já não gostas dele?

- Não sei...

- Então, a resposta é não.

- Não há meio-termo para ti?

- Essa noção serve para não seguirmos o caminho certo, aquele que nos leva diretamente para onde queremos ir e devemos estar. O ser humano é mestre em andar às voltas só para não atingir os objetivos que o aterrorizam.

- Ultimamente deste em filosofar - responde, num tom sarcástico.

- Não se trata de me armar em filósofo; é que a idade ajuda a aceitar algumas verdades incómodas. Se já não amas o teu marido, deves deixá-lo. Não por ti; pelo Federico. Se assim não for, vai passar a infância a assistir às vossas cenas e às tuas frustrações. Desculpa, tentei manter-me neutro, mas agora sinto a necessidade de partilhar contigo aquilo que penso. Escolhe de uma vez: não faças como eu e como o resto do mundo. Não imaginas quantos casais continuam juntos por uma «não escolha».

Ela afasta-se da minha carícia, apoia os cotovelos nas coxas e leva as mãos ao rosto. Depois começa a baloiçar, como fazia a Caterina quando se encontrava perante um dilema. Deixo escapar um risinho. A Sveva vira-se e fixa-me, perplexa.

- Desculpa, é que assim pareces a tua mãe. Ela também se embalava dessa forma muitas vezes.

- Não me lembro.

- Bem, é normal que uma mãe esconda os seus momentos de crise dos filhos.

A minha frase apaga aquela pontinha de alegria que começava a aparecer-lhe no rosto.

- Achas que estou a proceder mal com o Federico, é isso? - pergunta então.

- Sim - admito -, mas creio que é normal e que ninguém pode fazer nada quanto a isso. Eu procedi mal contigo, tu, com ele, e ele também vai fazer algo semelhante aos filhos.

Com aquele juízo, a Sveva parece sossegar; por isso ficamos mais um pouco em silêncio, com a nossa respiração que se cruza e se alterna na noite, como acontecia antigamente. É de novo ela quem fala em primeiro lugar.

- Porque é que não vens dormir ali?
- Onde?
- Na cama grande.
- Ficamos apertados.
- E o que é que importa?
- Eu estou bem aqui. Não te preocupes comigo.
- Na verdade, estava preocupada *comigo*.

Olho para a minha filha, curioso. Então ela franze as sobrancelhas e continua:

- É que dormir naquela cama entristece-me...

Ah, pois, não tinha pensado nisso. As pessoas permanecem sempre um pouco nos objetos que acompanharam a sua vida. Debaixo dos cobertores, a Sveva encontrou a mãe.

- Está bem; nesse caso concordo, para te fazer passar a melancolia - respondo prontamente. - Mas aviso-te já: mexo-me muito e ressono como um porco.

Ela ri-se, enquanto me ajuda a levantar. Enfiamo-nos debaixo da roupa, com o Federico a dormir de permeio, e então a Sveva, antes de apagar a luz, olha para mim e sussurra:

- Obrigada, pai.
- Ora essa, não tens de quê...

Quando a escuridão se apodera do quarto, fico só com os meus pensamentos, a perscrutar o teto riscado por pequenos feixes de luz que se escoam pelas persianas e, pela primeira vez há não sei quanto tempo, experimento uma sensação de profundo bem-estar. Viro-me e observo o Federico, que dorme com a cara para cima e a boca aberta. A Sveva, por sua vez, virou-se para o outro lado; no entanto, eu consigo sentir-lhe também a respiração. Por isso, é natural que eu regresse com o pensamento ao tempo em que era ela que se encontrava no meio da cama e a mãe estava de costas. Passaram quarenta anos e, no entanto, a história parece repetir-se, como um fluxo irrefreável.

Aquilo que somos desaparece com o corpo, mas aquilo que fomos fica guardado nos nossos entes queridos. Na Sveva parece-me rever um pouco a Caterina, exatamente como, a certa altura, reencontrei o meu avô no rosto da minha mãe. Quem sabe se amanhã também eu regressarei à superfície graças a um movimento, uma expressão, um sorriso da minha filha. E quem sabe de quem serão os olhos que se vão aperceber disso.

Como as nuvens

Hoje de manhã levantei-me mais cedo do que o costume, afastei a roupa devagar e dirigi-me à cozinha. A Sveva e o Federico ainda dormiam, sortudos! Passei a noite inteira com o cuidado de não mexer sequer o dedo mindinho para não acordar o meu neto. Ao fim de algum tempo tinha o ombro ancilosado e o braço entorpecido, mas não era essa a sensação pior que me atravessava o corpo. Cerca de duas horas depois de ter adormecido, veio ter comigo, pontual como um relógio, o estímulo da urina, que ao fim de mais sessenta minutos se transformou num impulso irresistível. A bexiga estava a implorar-me que a ajudasse a libertar-se de todo aquele líquido inútil acumulado por mim durante o dia. E, com efeito, ao jantar exagerara um bocadinho com o vinho. Vá-se lá explicar-lhe (à bexiga, quero dizer) que uma garrafa de vinho tem o miraculoso dom de tornar tolerável até o mais melancólico e solitário dos serões.

O facto é que eu precisava de ir à casa de banho. E o problema é que para lá chegar tinha de acender a luz, enfiar os óculos, calçar as pantufas e arrastá-las ao longo do corredor. Era impossível que, com todo aquele alvoroço, a Sveva e o Federico não acordassem. Por isso durante as restantes quatro horas fiquei imóvel e deitado de lado, porque com a bexiga inchada como um balão, estar deitado de costas requer uma extraordinária resistência à dor.

Em suma, a noite não foi das mais descansadas, mas, se possível, o dia ainda correu pior. Durante o pequeno-almoço, a Sveva anunciou-me que à noite ia voltar para casa. Sorri-lhe, apesar de ter a certeza de que ela conseguiu ler a desilusão no meu rosto. Não tanto porque estava, mais uma vez, a decidir não escolher, mas sobretudo porque a sua breve e inesperada visita me trouxera mais contentamento do que eu antecipara. Habituo-nos à solidão e esquecemo-nos de como a noite é menos temível se houver alguém a respirar ao nosso lado. De qualquer modo, a decisão estava tomada e eu nada podia fazer, pelo que me limitei a tomar o café em silêncio até que ela me pediu o favor de levar o Federico à escola. No passado, aquilo ter-me-ia levado a franzir as sobrancelhas, mas esta manhã dei por mim a sorrir-lhe, satisfeito.

Menos de uma hora depois, estava com o Federico em frente à escola. Ali parei e ergui os olhos ao céu límpido, onde umas poucas de nuvens deslizavam entediadas em direção ao Vesúvio. Não era dia para ficar fechado numa sala de aula. Então, virei-me para o meu neto e disse:

- Sabes o que vamos fazer agora?

Ele abanou a cabeça.

- Não vamos entrar; vais à escola amanhã. Hoje ficas com o avô!

O Federico sorriu e arregalou os olhos, permitindo que um velho antipático como eu se sentisse, pelo menos uma vez, uma pessoa melhor.

- E o que vamos fazer? - perguntou.

Pois, o que é que podíamos fazer? Onde é que eu levava a Sveva? Tive então uma ideia luminosa: irmos à Edenlândia, o parque de diversões que há muito era a coqueluche das crianças de Nápoles.

- Anda comigo - respondi-lhe, e dirigi-me à paragem de táxis.

Pois bem: por incrível que pareça, numa terça-feira de manhã, dei por mim de repente no interior de um parque de diversões que não frequentava há mais de trinta anos. Quando o Federico percebeu para onde nos dirigíamos começou a ficar excitado, e durante todo o percurso de carro não conseguiu manter as pernas quietas. O corpo denuncia sempre as nossas emoções, quer oscilemos, dominados pela indecisão ou pelo medo, quer nos agitemos de felicidade (este último sentimento é, aliás, o mais difícil de ocultar).

Infelizmente, o sorriso com que o Federico entrou no parque apagou-se em mim assim que passei o portão. O meu neto começou a correr de uma atração para outra, cheio de alegria, e a mim não me restou senão alinhar com o seu entusiasmo, apesar do langor melancólico que me atravessava. É que eu sou como a corda de uma guitarra, em paz comigo mesmo até que alguém me tange; a partir desse momento começo a vibrar até ao infinito. A visão daquele lugar fez-me recuar no tempo. E, na minha idade, é muito perigoso andar para trás.

Era o início dos anos setenta e a Edenlândia estava no auge. A Sveva era pequena, e a Caterina e eu decidimos levá-la pela primeira vez àquele grande parque temático que era o orgulho de Nápoles e de toda a península. A Caterina estava entusiasmada e a nossa filha nem cabia nela de contente; o único que não conseguia sentir a mesma excitação era eu. Pelo menos até conhecer uma fulana (acho que se chamava Debora), uma rapariga de cerca de vinte anos que estava parada com mais duas amigas diante

de uma barraquinha de tiro ao alvo que oferecia bonecos. Como a Caterina e a Sveva se demoravam na Casa dos Espelhos, aproximei-me das três e iniciei a minha habitual e pouco discreta rotina de galanteio. Em breve consegui ganhar o peluche ambicionado pela Debora e conquistei o coração da rapariga. Agradeceu-me e afastou-se com as amigas, entre risadinhas e olhares sedutores. Passei o resto do dia a pensar no sorriso da Debora, em vez de pensar no da minha filha que, entretanto, parecia enlouquecida diante do espetáculo que nos rodeava.

Poderia ter sido um dia perfeito; podia e devia ter-me sentido em paz com a vida, feliz com a minha mulher, que me dedicava olhares cheios de amor, com a minha filha, a rir de alegria e a apertar-me a mão, com a minha cidade que, do nada, me oferecia um dia para emoldurar. Porém, eu só me preocupava com a Debora, com o seu corpo inebriante, a gargalhada um pouco infantil, o olhar cheio de sensualidade. Por isso, limitei-me a fazer de conta que estava tão feliz como a minha família, apesar de não estar nem um pouco satisfeito, não tanto pelo desaparecimento da jovem musa como pelo facto de uma rapariga como tantas outras bastar para me fazer perder de vista a beleza do dia.

À saída cruzei-me de novo com a Debora. Quando me viu com a Sveva pela mão e a Caterina ao lado, dirigiu-me um olhar irónico, com uma nota de desprezo à mistura.

Inclinei a cabeça, cheio de vergonha, e escondi-me num sorriso desajeitado que dediquei à minha filha.

Com o Federico passei do carrossel dos cavalos ao Jumbo, do comboio à Velha América, para depois nos instalarmos no famoso Dragão Voador, uma espécie de comboio que há meio século corre em círculo para permitir que uns imbecis como eu possam agarrar em voo uma estúpida fita suspensa. Bem, demos seis voltas para apanhar aquela maldita fita; à terceira, o Federico comentou que estava a ficar chateado e que queria ir comprar pipocas, mas eu não lhe liguei: enquanto não atingisse o objetivo, não saíamos dali. Reposicionei-me na fila para comprar o enésimo bilhete, e eis senão quando um cavalheiro à volta dos quarenta anos, acompanhado de um filho gorducho a lambar algodão doce, utilizou um movimento hábil para se enfiar no meio das pessoas e assim chegar à caixa.

É de crer que qualquer pessoa que tenha vivido quase oitenta anos em Nápoles tenha aprendido uma regra simplicíssima: nunca armar confusão com um sujeito robusto, cheio de tatuagens e com um sotaque dialetal cerrado. Não é a cidade certa para brincar com coisas sérias. E, no entanto, aproximei-me do cavalheiro e exclamei:

- Caro senhor, não sei se percebeu que há uma fila.

Ele dirigiu-me um olhar aborrecido e respondeu:

- Já percebi.

Fiquei cego.

- Se calhar não me expliquei bem. O senhor tem que ir lá para trás!

Nesse momento, obtive a sua total atenção.

- Mas o que é você que quer? - respondeu num tom confidencial, mas nem por isso amigável.

- Que vá para o fim da fila! - reagi com brusquidão.

Um sujeito que se encontrava atrás de mim puxou-me por um braço e sussurrou um «não ligue». Estive prestes a virar-me a fim de protestar também contra ele que, na realidade, tentava apenas ajudar-me. Ia atirar-lhe à cara a verdade: precisamente porque toda a gente «não liga» é que as pessoas continuam a ser insolentes. Mas não tive tempo, porque o homenzarrão, parecendo bastante irritado com as minhas palavras, avançou com ar ameaçador. Preparei-me para utilizar o disfarce de coronel aposentado, o que teria acontecido não fosse a intervenção do rapaz da segurança, que entregou os bilhetes ao meu interlocutor e lhe pediu (o que é espantoso) para não *me* ligar. E ele assim fez, até porque, em Nápoles, toda a gente é mestra em não ligar, toda a gente menos eu. Queria ter insistido; só que o Federico, ao meu lado, olhava-me com ar espavorido. Então, paguei e sentámo-nos na carruagem, preparados para a enésima volta. Um instante antes da partida do comboio, virei-me para o meu neto e aconselhei:

- Se quiseres mesmo viver aqui, não faças como o avô: aprende a triste e desesperada arte do «não ligar».

Pensava que o parque de diversões me ia permitir colocar um visto em todos os itens ainda por concretizar na lista da minha função de avô mas, assim que saímos, o Federico insistiu para irmos ao zoo que fica em frente, confirmando assim a minha tese de que é preciso sempre entregarmo-nos o menos possível para que os outros não criem demasiadas expectativas. O facto é que, depois de ter digerido os piratas e as astronaves, os cavalos e os dragões, tive ainda de assistir ao melancólico espetáculo dos animais enjaulados, mais uma daquelas experiências que preferia não ter suportado.

Aprendi que o flamingo deve a sua cor rosa ao pigmento de um microcrustáceo de que se alimenta, que só quinze por cento das avestruzes recém-nascidas atinge o primeiro ano de idade por causa dos muitos predadores, e que os cisnes negros são monógamos e passam toda a vida com uma única companheira. Seria bastante bizarro se também nós nos tornássemos da mesma cor daquilo que ingerimos, e que tragédia seria se apenas uma pequena percentagem das crianças atingisse a idade adulta. Imagine-se se o ser humano também fosse monógamo e passasse a vida inteira ao lado de uma única pessoa. Só alguns animais conseguem tanto.

De qualquer maneira, saí de lá satisfeito por ter oferecido ao meu neto uma recordação que, provavelmente, o vai acompanhar durante grande parte da vida. Por isso, caminhava tranquilo e satisfeito com o Federico ao meu lado, quando me cruzei com o meu terrível vizinho. Na realidade, ele encontrava-se no passeio oposto e não reparara em mim. Tinha acabado de sair de um banco com mais duas ou três pessoas, com as quais trocava sorrisos e comentários. Ao vê-lo assim tão calmo e seguro no seu bonito casaco escuro, duvidei por um instante que se tratasse da mesma pessoa que deixava a Emma naquele estado. Fiquei a olhar para aqueles indivíduos bem vestidos que conversavam e gesticulavam, figuras como tantas outras e por isso invisíveis, três silhuetas que, se ele lá não estivesse, teriam passado apenas por um instante diante dos meus olhos para depois serem apagadas daquele dia, um pouco como as nuvens da manhã.

À primeira vista, nada parecia errado no meu vizinho: um homem elegante, de rosto escanhado, sorridente, de aspeto geral fiável. No entanto, só de olhar para ele sentia arrepios. Como pode um homem ter dois semblantes? Como é que consegue não contaminar um com o outro? E por que razão para os outros o mal é muitas vezes impercetível? Talvez porque se encontra às escuras por baixo da superfície. Como as nuvens, que têm a cabeça iluminada pelos raios de sol e o corpo negro carregado de raiva.

- O que foi? - perguntou, de repente, o Federico.

- Um amigo - respondi sem hesitar.

Continuei a fitar o inimigo até que ele reparou em mim. Só então o sorriso se lhe apagou do rosto. Eu não sou nenhum covarde ou, pelo menos, combato todos os dias para o não ser, mas perante os seus olhos predadores senti qualquer coisa de muito semelhante ao medo. Porém, disse para mim mesmo que era ele que me devia temer e não o contrário, e por isso aguentei-lhe o olhar até que o falso virou costas e desapareceu. Só então continuei a caminhar com o Federico pela mão.

- Não o cumprimentas? - perguntou-me o meu neto.

- Fica para outra vez - respondi.

Todavia, enfiei-me no primeiro bar que encontrei e dirigi-me a correr à casa de banho. Mais uns instantes e tinha feito pelas pernas abaixo.

O pequeno aquário

Pratos feitos em cacos. Um grito, depois uma queda. Mais um grito. Acendo a luz, sento-me na cama e fico à espera. Ao fim de algum tempo sinto mais barulho – talvez móveis deslocados e cadeiras arrastadas –, depois louça que se parte. Outra vez gritos. Levanto-me e enfio o roupão. Vou ainda no corredor quando uma porta se abre. Ouço alguém correr pelas escadas e então vou rapidamente à janela. Ao fim de poucos segundos, o marido de Emma sai do prédio e mete-se no carro. Precipito-me para o patamar, onde encontro a Eleonora Vitagliano. Está imóvel, a olhar para a porta entreaberta da Emma.

– Ouviste? – sussurra.

Aceno com a cabeça, agora não tenho tempo para me preocupar com a velha dos gatos. Aproximo-me da porta e escancaro-a. A Eleonora chega-se às minhas costas.

– Eleonora, por favor! – exclamo, com pouco tato.

Ela murmura qualquer coisa e afasta-se. Toco à campainha, apesar de as mãos me tremerem mais do que o costume. Se esta história não acaba hoje, juro que vou à polícia.

A Emma não responde. Devia correr lá para dentro e, no entanto, fico à entrada; alguma coisa me detém, e não é a Sra. Vitagliano que, pelo contrário, quase me empurra com o olhar. Tenho medo, daquele verdadeiro que se sente apenas poucas vezes na vida e nos paralisa os músculos e o pensamento. O problema é que, na minha idade, não se lhe pode dar ouvidos em demasia, pois de outra forma acaba-se numa poltrona a observar o mundo de longe, como o Marino. Por isso, enfrento-o entrando no apartamento.

O *hall* está escuro e a única luz provém de um quarto ao fundo, à direita. Queria correr até lá para me certificar de que a Emma está bem, mas não me aguento nas pernas, tenho a cabeça a andar à roda e a catarata não me permite vencer a escuridão. Então avanço pelo corredor, com calma, as mãos incertas a antecipar os passos e a abrir-me caminho por entre os móveis.

A Emma não está na cozinha, onde vejo pratos e copos escacados, uma cadeira virada ao contrário, três gavetas abertas. Depois reparo numas manchas vermelhas no chão. Sangue. As pingas sucedem-se, umas atrás das outras, como as migalhas de Hansel e Gretel, a indicar-me o percurso.

– Emma – sussurro.

Ela não responde. Meu Deus, por favor, faz com que ela esteja bem, faz com que eu possa morrer sem assistir a mais uma tragédia. Acendo a luz no corredor. As marcas de sangue levam-me até à casa de banho. As toalhas estão no chão, assim como o sabonete, o copo com as escovas de dentes e a cortina da banheira. As gotas transformaram-se em marcas deixadas por pés descalços.

Preciso de urinar.

Do patamar chega-me a voz da Eleonora, só que não consigo entendê-la; parece que me encontro num mundo acolchoado, que voltei a ser um feto rodeado de líquido amniótico.

– Por favor – ouço-me murmurar –, ajuda-me, como sempre fizeste!

Mas a Caterina está longe, tal como a voz da Sra. Vitagliano, os meus filhos, a Rossana e o Marino. Estão todos longe de mim e de tudo o que está a acontecer aqui. Este fedor de merda não pode chegar até eles.

Fora da casa de banho há um pequeno móvel tombado, no chão avistam-se água e cacos de vidro. Pouco mais adiante, um peixinho vermelho agita-se e abre a boca, desesperado, à procura de ar. Se eu pudesse, meu amigo, ia a correr salvar-te, enfiava-te no lavatório e abria a torneira. A ninguém devia ser negado o oxigénio. Eu entendo-te, nem sabes quanto, mas não te posso ajudar, agora não. Lamento.

Viro-me e entro no aposento em frente, o quarto de dormir. As portas do armário estão abertas, há alguma roupa no chão. Em cima do colchão uma mala meia cheia, aos meus pés um sapato sujo de sangue. As minhas pernas estão prestes a ceder e estava capaz de me deixar cair em cima da cama, não fosse ter reparado numa mão a aparecer por detrás do móvel. Não sei como, mas num instante encontro-me ajoelhado ao lado da Emma. Tem os olhos abertos e está ofegante; tem sangue a sair-lhe da boca, o rosto tumefacto, um braço por baixo da bacia numa posição antinatural e uma grande mancha de sangue que se expande sob a nuca. Em volta dela, estilhaços do espelho de parede, que tem ainda marcado o ponto exato onde a cabeça embateu no vidro. Alguns fios de sangue descem, copiosos, pela parede, a poucos centímetros daquilo que resta da Emma.

Pensamos que já vimos tudo em quase oitenta anos de vida, que estamos preparados para qualquer situação e que podemos intervir com a experiência, e afinal apercebemo-nos de que não sabemos nada, de que as doenças, as contrariedades e os traumas que nos marcaram não serviram para nos fortalecer.

Nunca se aprende como enfrentar uma dor: vive-se e basta. Como eu estou a fazer agora, sem sequer me dar conta. Agarro-lhe na mão e perscruto-lhe os olhos. Ela quer falar, mas não consegue. Levanto a cabeça. À porta está a Eleonora, a observar a cena, boquiaberta.

- Chama o cento e doze - peço-lhe.

Ela continua imóvel.

- Ouviste? - berro.

A mulher assente e desaparece da minha vista.

- Já aí vem a ambulância, não te preocupes. Vais ver, em poucos dias vais ficar bem.

Em cima da cama está uma toalha. Agarro nela e ponho-lha por baixo da cabeça, tentando estancar a hemorragia. Não sei se é a coisa mais certa a fazer, mas atuo por instinto, não tenho tempo para refletir. Esforço-me por lhe sorrir e por não olhar para a mancha que alastra a olhos vistos. Só que, como disse, não sou muito bom a fingir, e ela deve aperceber-se disso porque me fita com os olhos a brilhar, parecendo implorar que não a abandone.

Conheço aquele olhar: é o mesmo com que a Caterina me deixava sem palavras. Por isso esforço-me por abrir a boca, apesar de não saber o que dizer. A vida está a dar-me uma segunda oportunidade. Não acontece muitas vezes.

- Não penses em nada. Vamos para o hospital, vais curar-te e depois começar uma nova etapa. Juro-te que vais ter aquilo que mereces, nem que seja a última coisa feita por este velho senil que tens na tua frente!

Desta vez ela sorri e aperta-me a mão. O sangue coagulado torna o nosso aperto ainda mais firme. A velha dos gatos aparece outra vez à porta e dedica-nos um olhar misericordioso. Aquiesço e regresso à Emma. Parece-me que os olhos dela estão a perder a luz.

- Aliás, sabes que mais? Quando estiveres em condições, vamos fazer uma bela viagem. Há anos que não me mexo. Desde que tu estejas de acordo, claro. Eu entendo que a companhia de um velho não deve ser a tua máxima aspiração, mas vais ter que te habituar, não te vou largar facilmente!

Ela sorri mais uma vez. Pelo menos, parece-me. Ou quero pensar que sim. Na realidade, o aperto da mão começa a afrouxar e a toalha está agora vermelha e encharcada. Preciso de chorar e de ir à casa de banho. Mais alguns minutos e faço pelas pernas abaixo. Então continuo a conversar, à espera que chegue a ambulância.

- Porém, aviso-te já que não sou grande coisa como companheiro de viagem. Sou preguiçoso, não consigo tirar uma fotografia porque me tremem as mãos, o meu cólon de vez em quando faz birras, e também sou bastante conflituoso. Mas, já sabes, com os velhos é preciso paciência!

Desta vez sou só eu que me rio das minhas palavras. A Sra. Vitagliano arranjou coragem e deu um passo para dentro do quarto, olhando agora para nós como se fôssemos dois fantasmas. A Emma está pálida e parece-me que treme. Agarro no lençol da cama e cubro-a, depois aproximo-me do ouvido dela, a poucos centímetros da mancha escura que continua, inexorável, o seu percurso em direção ao rodapé. O sangue atemoriza-nos, o nosso corpo também; achamo-los sombrios e misteriosos, como o espaço, e tentamos não lhes dar demasiado peso, para não ficarmos esmagados.

- Queres saber uma coisa engraçada? Um segredo que nunca revelei a ninguém? - sussurro. - Aquela Emma de quem te falei, a mulher por quem estive perdidamente apaixonado...

A Emma mexe as pupilas. É porque me está a ouvir.

- Era mais jovem do que tu quando a conheci, e nunca consegui conquistá-la. Não olhes para mim assim! Eu era casado, mas também nunca disse que era boa pessoa.

A velha dos gatos estica um pouco a cabeça, para tentar ouvir as minhas palavras, mas é demasiado surda para captar o que quer que seja em condições.

- De qualquer maneira... não te revelei a coisa pior.

Espero alguns segundos. Pensava que ia levar este segredo comigo para o túmulo, e afinal dou por mim a confessá-lo a uma rapariga que conheci há pouco tempo.

- A Emma é a irmã da minha mulher...

Desta vez tenho a certeza de que percebeu. A mão, ainda que de uma forma ligeira, fecha-se em volta da minha. Provavelmente, se pudesse, esta Emma ia-me chamar estúpido, nestas coisas as mulheres são muito solidárias. Por isso nunca falei sobre este assunto com ninguém, nem sequer com a Rossana. Talvez por essa razão tenha decidido fazê-lo agora, com a única pessoa que não me pode responder.

- Em qualquer caso... - tento prosseguir, mas naquele instante entram de rompante pelo quarto dois paramédicos que me afastam de modo brusco.

Fico no chão a observar a Emma a ser socorrida pelos indivíduos, que se movem em uníssono e

parecem saber aquilo que fazem. Não falam entre eles: um atua, o outro controla os batimentos, depois observa-lhe as pupilas. *Não, não lhe observem os olhos, queria gritar, estão a perder a luz, mas em breve vão voltar a iluminar-se. Não se apercebem de que a Emma está a morrer, por favor.* Tento levantar-me, mas sou logo obrigado a sentar-me na cama. O mundo à minha volta gira. Os dois paramédicos continuam ocupados com a Emma: pegam-lhe no braço que está por baixo da bacia e rodam-no. Decido que é demasiado; saio do quarto e da casa e chego ao patamar, onde entretanto se aglomeraram os restantes vizinhos. Detenho o Marino, que vem ao meu encontro, e aproximo-me da janela do prédio, abro-a e vomito. Uma lufada de ar fresco bate-me no rosto e parece-me que só então volto a respirar. Alguns metros mais abaixo, a sirene de um carro da polícia tinge de azul os rostos das poucas pessoas paradas com o nariz no ar. Entro outra vez em casa: a Emma está em cima da maca e tem os olhos fechados. Não faço perguntas, não quero ouvir respostas. Chegam dois polícias, que olham em volta com ar pensativo e depois falam com os colegas via rádio. Um deles fita-me; faz menção de se aproximar, mas felizmente os paramédicos distraem-no.

- O senhor vem connosco? - questionam, virando-se para mim.

Aceno com a cabeça que sim, os polícias vão ter que esperar. De qualquer maneira, sabem que não fui eu, um velho não teria força para armar tamanho desastre. A loucura devia esperar pela terceira idade para se manifestar, faria muito menos danos.

Vou atrás da maca. A Emma já não está consciente. Fora do quarto, o meu olhar cai sobre o peixe vermelho. Não se agita, deixou de sofrer. Também na vida de um pobre peixe conta a sorte, estava no sítio errado, no momento errado. Se tivesse ido parar a minha casa, agora estaria a vaguear placidamente do seu aquário, quando muito a protestar por causa do lodo em que era obrigado a passar a existência.

A ninguém é dado a escolher onde será colocada o seu pequeno aquário, se na tranquila cozinha de um velho ou em cima do móvel do corredor de uma casa na qual se vai consumir uma tragédia. É o destino, como lhe chamam, que decide. E às vezes pode determinar que o nosso mundo vai ter que se desfazer em mil pedaços e que a nós não nos resta senão abrir a boca à procura de oxigénio, na esperança de que alguma alma passe por ali, pegue em nós e nos salve.

O problema é que, quase sempre, a espera é mais longa do que a agonia.

O Cinco de Maio de cor

O relógio marca a uma e vinte e um da noite. A última vez que ergui os olhos, os ponteiros indicavam uma e dezoito. Três minutos, que a mim me parecem uma eternidade. A enfermaria está vazia; tenho apenas por companhia o zumbido da máquina do café ao fundo do corredor e o cheiro a álcool que paira no ar. Ela está lá dentro; estão a operá-la há cerca de duas horas. Antes de me fechar a porta na cara, um médico chamou-me e comunicou-me que esperasse o pior. Não tive forças para responder, mas devia tê-lo feito; devia tê-lo agarrado pela bata, atirado contra a parede e depois gritado: «Vai lá para dentro e salva a vida daquela rapariga. E não tentes dizer-me o que é que eu ou não esperar!»

Ninguém se devia atrever a dizer aos outros o que devem esperar da vida. Por exemplo, eu espero que a Emma saia com os olhos abertos, que olhe para mim e me sorria, e que, depois, me deixe pegar-lhe na mão. Espero que a criança dentro dela tenha a possibilidade de nascer neste mundo de doidos e que aquele pedaço de merda seja apanhado e atirado para uma cela. Espero que a vida não decida obrigar-me a assistir a mais uma tragédia, porventura a pior. Espero ainda demasiadas coisas para que um homem que nem sequer conheço se possa arrogar o direito de me dar conselhos.

Olho para o punho da camisa manchado de sangue, depois volto ao relógio. Quanto tempo irá ainda demorar? Quanto tempo é que é preciso para salvar a vida de uma rapariga? Em que mãos se encontra tal responsabilidade? Quem sabe o que aquelas mãos terão feito durante o dia. Devem ter apertado outras, segurado garfos, guardanapos, talvez cigarros, uma caneta, um volante, um sabonete, um livro, os dedos de uma criança, um bisturi.

Aqui fora deviam estar os pais da Emma, ou pelo menos algum parente; mas estou só, tal como ela atrás daquela porta. Tentamos rodear-nos de pessoas na ilusão de nos sentirmos menos expostos, mas a verdade é que, na sala de operações, entra-se sozinho. Nós e o nosso corpo. Nada mais.

Uma e trinta e um minutos.

Diz-se que as pessoas, quando chegam a velhas, se tornam egoístas. Eu sou-o desde sempre; e, no entanto, estou aqui agora, à espera de notícias sobre uma mulher que conheço há pouco e que acreditei poder ajudar. Infelizmente, a vida ensinou-me que ninguém pode ajudar ninguém. Quando muito, se quisermos, salvamo-nos sozinhos.

Levanto-me e dirijo-me à máquina do café. Não devia – não a esta hora e não na minha idade –, mas são tantas as coisas que eu não devia fazer... O café não é a primeira e não será a última. Engulo-o de um trago e saio para fumar um cigarro. Lá fora, ao lado de uma ambulância, alguns enfermeiros falam sobre os turnos. Os hospitais são lugares estranhos, onde as alegrias se contêm para não incomodar demasiado os sofrimentos: no andar de cima está uma rapariga feliz com um recém-nascido ao peito e, na sala de operações, uma mulher da mesma idade, que luta para se manter agarrada à vida. Dou três passas e regresso ao meu lugar. Às vezes era preciso desligar o cérebro, outra das coisas sobre as quais não temos poder.

Sinto passos. Levanto a cabeça e cruço-me com o olhar distraído de um médico que passa. Só quando já está de costas me apercebo de que se trata do mesmo médico que naquela outra noite nos atendeu nas Urgências. Por sorte, segue em frente e não parece reconhecer-me; de outra forma, ia ter que lhe explicar o sucedido e agora ia estar a evitar sentir remorsos. Ele, tal como eu, podia ter evitado tudo isto.

Levanto-me outra vez e vou à casa de banho. O espelho reflete o meu rosto encovado, as olheiras, a barba por fazer e o sangue da Emma um pouco por todo o lado. Depois do enfarte, o cardiologista avisou-me de que tinha de tomar os medicamentos, não beber, não fumar, dormir com regularidade e não me submeter ao *stress*. Passados três anos, posso confessar que violei quatro regras em cinco e que só os medicamentos me separam do pleno. Gostaria de ter à minha frente esse médico para lhe perguntar como se faz para abolir o *stress*, se ele conhece algum truque para o conseguir. A ansiedade, para o homem, é um estado fisiológico; para a abater seria necessário eliminar a consciência, como nos recém-nascidos ou nos animais.

Tenho uma teoria em relação a isso. Considero que as coisas funcionaram bem até à criação do macaco, após o que deve ter emperrado qualquer coisa no mecanismo; assim surgiu o homem, um ser demasiado inteligente para a tarefa que lhe estava destinada. A inteligência é um bem precioso e, como tal, deve ter um fim pré-estabelecido. A nós, porém, não serve para quase nada; só para inventar objetos cada vez mais estranhos que nos ajudam a alimentar a ilusão de que somos perfeitos. Não nos ajuda a perceber a razão da nossa presença sobre a Terra, não nos torna menos expostos às catástrofes do que as outras criaturas. Não fornece respostas; pelo contrário, cria novas perguntas. E demasiadas perguntas

aumentam a infelicidade. Não sei se na natureza existem seres vivos, para além do homem, que acabam com a própria vida, mas, ainda que assim seja, nós somos os únicos a tentá-lo pela dor de viver. Porquê? Porque quem nos moldou enganou-se na mistura dos ingredientes, é por isso.

Bem, mas a propósito de teorias absurdas, voltemos aos médicos. Devo ser sincero, é uma classe que eu não suporto. Não todos, por amor de Deus; é só que a maioria parece pairar a dois metros do chão. Salvar uma vida humana pode criar uma certa glorificação, é verdade, mas cada um de nós devia sempre ter em mente uma ideia tão pequena quanto decisiva: andamos todos a girar numa pequena bola que roda em volta de uma estrelinha como tantas outras, no interior de um minúsculo sistema, o qual se encontra numa zona periférica de uma pequena galáxia que se move com uma majestosa lentidão. É tudo uma questão de perspetiva. Em relação ao universo somos formigas. E, apesar disso, ainda há quem perca tempo a sentir-se mais importante do que a formiga do lado.

Estou a ficar maluco, não fui feito para esperar. Se fico durante demasiado tempo a contemplar uma parede, começam a aparecer dragões alados e harpias de duas cabeças que se alimentam da minha inquietação para crescer e sair do letargo forçado em que os mantenho.

Preciso de uma cerveja.

Lá fora está húmido e as ruas, desertas. Felizmente, em frente ao hospital há um bar aberto; atrás do balcão, uma mulher dos seus sessenta anos, cabelos pintados há já alguns meses e amarrados com um elástico, barriga proeminente e olhar turvo. Peço-lhe uma cerveja. Pronto, está a avaliar-me: um velho decrépito e solitário que às duas da manhã quer embebedar-se. Num bar esquelético, acrescentaria eu. Não me julgues, gorda feia, que não sabes nada de mim. Por acaso achas que eu julgo o teu lindo bracinho flácido com uma tatuagem tribal? É um espetáculo patético, mas é lá contigo, deve haver uma razão qualquer para teres decidido fazer uma tatuagem sem pensares que o teu belo antebraço acabaria por se transformar em qualquer coisa muito semelhante a um jarrete de porco.

Pago e saio. À minha frente, mais uma vez, o Vesúvio, com os milhares de luzes que trepam quase até ao topo. Diz-se que em Nápoles, para onde quer que nos viremos, avistamos o mar. Na realidade, eu acho que a presença do vulcão é muito mais imponente. É ele que encontramos para onde quer que dirijamos o olhar. São as suas elevações que procuramos para seguir em direção a casa. É a sua energia que, como lava, se enfia entre os edifícios e inflama as vielas.

Ficaria aqui de boa vontade a saborear a cidade de noite, a vê-la dormir plácida e apagada, mas não me fio: sei que com as primeiras luzes a criatura vai acordar e ter fome outra vez. Por isso, entro de novo e volto a sentar-me no meu lugar.

Uma e cinquenta e seis.

Arregaço as mangas da camisa e apercebo-me de que ainda me tremem as mãos. Detenho-me a olhar para elas e parecem-me tão frágeis, com todas aquelas manchas e a pele enrugada. Acontece-me com frequência, quando me olho ao espelho, não me reconhecer. Sabe-se lá porquê, conservamos sempre uma lembrança melhor de nós mesmos. De cada vez que reencontro o meu corpo refletido, parece-me quase observar um pijama enlameado estendido ao vento.

Toca o telefone; é o número de casa do Marino. Devia atender, mas não consigo. O que é que lhe ia dizer? Que ainda não sei de nada e que acabo de beber uma cerveja?

Pouco tempo depois de aqui estar, chegaram dois polícias. Um deles, que tinha um perfume demasiado doce, aproximou-se para falar comigo.

- Foi o marido - ouvi proferir a minha voz átona -, mas agora estou à espera da Emma. Mais tarde, conto-vos tudo.

Ele olhou para mim; talvez tivesse querido intervir (podia até ter-me obrigado a depor), mas fez um gesto com a cabeça e afastou-se, deixando que o rasto do perfume se dissolvesse em poucos segundos, devorado pelo cheiro do álcool.

A porta ao fundo do corredor está a abrir-se.

Pronto. Chegou o momento de conhecer a sentença.

Levanto-me de repente e sinto uma tontura, ao mesmo tempo que o batimento cardíaco aumenta. O médico olha para mim, eu devolvo o olhar e vou ao encontro dele com um passo incerto. Com esta idade ainda não aprendi a gerir a ansiedade. Na realidade, há muitas competências que não adquiri e que nunca ninguém me explicou onde arranjar. Ensinam-nos as equações, o *Cinco de Maio*³ de cor, o nome dos sete reis de Roma, e ninguém nos esclarece sobre a forma mais correta de enfrentar os medos, de que modo aceitar as desilusões, onde encontrar a coragem para aguentar a dor.

³*Il cinque maggio*, ode escrita por Alessandro Manzoni em 1821, por ocasião da morte de Napoleão Bonaparte. (N. da T.)

A terceira de três mulheres inacessíveis

Há uma grande diferença entre o amor por uma mulher que nunca poderemos ter e o amor por uma que temos. O primeiro cintilará eternamente, mas o segundo tenderá a apagar-se, assim como o Sol daqui por alguns bilhões de anos. Ambas as extinções colocarão bastantes problemas. Mas estamos a falar de mulheres, não de astros, apesar de eu achar que seria mais fácil conversar sobre os segundos.

A Emma é a irmã mais nova da minha mulher. Quando conheci a Caterina, ela andaria pelos vinte. Num primeiro momento não reparei na Emma: quando somos novos tentamos namorar com mulheres mais velhas para nos sentirmos importantes e, no fim de contas, nem sequer se trata de um erro muito grave. Para pousar o olhar nas mais novas temos uma vida inteira pela frente.

Portanto, pela Emma apaixonei-me devagar, um degrauzinho de cada vez. Quando a paixão pela minha mulher começou a diminuir, senti raiva e aflição. Raiva por mim mesmo, porque não conseguia conservar o amor; aflição porque a mulher que já não me provocava quaisquer emoções continuava a dormir comigo todas as noites. Por isso, decidi ter dois filhos; pelo menos eles dariam um significado à minha história de amor sem paixão. Eu sei, não foi um gesto bonito, mas tenho a certeza de que muita gente saberá do que falo.

De qualquer modo, a certa altura aconteceu o imprevisto: a Emma separou-se do marido e a Caterina convidou-a a mudar-se para nossa casa durante uns tempos, pois assim poderia ajudá-la com o filho pequeno. A minha cunhada tinha então vinte e seis anos e eu, quase quarenta; no entanto, naquele período parece-me que rejuvenesci. O rosto da minha mulher já endurecera, fruto de tantos golpes aparados, enquanto a Emma ainda percorria o seu trajeto de sorriso aberto. O seu olhar e o seu corpo emanavam vida e leveza, sensações que há algum tempo me eram estranhas, e arrebatou-me com tanto esplendor. O desejo de juventude é contagioso; se nos envolve não podemos evitá-lo. Alguns homens mudam de família, de guarda-roupa e de casa apenas em troca de uma gota de vitalidade e alguns anos de despreocupada adolescência. Eu, pelo contrário, nem sequer mudei de mulher. Aquilo que senti pela Emma foi um amor platónico e, no entanto, resultou também numa das relações mais intensas da minha vida, o que prova que um desejo, quanto mais irrealizável for, mais arde incessantemente.

A Emma e eu deixámo-nos arrastar numa vertigem pecaminosa feita de olhares fugidios, mãos que se tocam e abraços nunca demasiado intensos. É preciso muita paciência e pouca coragem para passar uma vida ao lado de uma mulher que não se ama, se no quarto ao lado está aquela outra que se deseja. Em qualquer caso, ao fim de poucos meses a minha cunhada foi-se embora, e a casa, de repente, ficou vazia e silenciosa. Tentei esquecer a Emma e aquele período, mas a Caterina continuava a recordá-lo constantemente. Certa vez (lembro-me de que estava a pôr creme nas mãos) revelou-me que a irmã se tinha apaixonado pelo instrutor de *ski* do filho e que ia passar o verão com ele em Trentino. Nessa noite não consegui pregar olho: imaginava a Emma nos braços de um homem musculoso, com o rosto bronzeado e cheio de rugas, o hálito a feder a aguardente. Admito-o, trata-se de um cliché, mas, efetivamente, a própria ação de começar a andar com o instrutor de *ski* entra de pleno mérito nesse domínio. Todavia, a Emma foi mesmo para as montanhas e ficou por lá dois meses. Quando regressou, porém, aquela intensa história de amor já terminara: o instrutor percebera que uma mãe divorciada é mais perigosa do que uma pista com gelo negro e preferiu mudar de percurso.

Naquele outono, a Emma veio muitas vezes jantar a nossa casa, para que os nossos filhos estivessem juntos. Nem quero recordar a sensação que me assaltava de cada vez que me voltava e me apercebia de que a Emma tinha os olhos fixos em mim. Ela desviava-os logo, e a mim não me restava senão contemplar a sua silhueta como um idiota, na esperança, vã, de que arranjasse coragem para trocar novos olhares.

A Emma tinha tudo aquilo que a Caterina perdera pelo caminho: a pele macia, o sorriso inebriante e o olhar sedutor. Como resistir? E, de facto, uma noite perdi o controlo e estiquei-me até ao limite, com a cumplicidade de uma manta que me deu cobertura. Eu, a Emma e a Caterina estávamos sentados no sofá a ver um filme. As crianças já estavam a dormir. Em suma, pode ter sido por causa do filme aborrecido, mas a certa altura senti os dedos dela a poucos centímetros dos meus e intentei o mais clássico dos gestos adolescentes, dar-lhe a mão. Demorei vinte minutos a agarrá-la, como se fosse um caracol a arrastar penosamente a sua casca. Por fim, a Emma virou-se e olhou para mim, estupefacta. Eu devia ter desistido, mas retribuí o olhar e não retirei o braço. Ficámos assim, como um casal de namoradinhos que estremece enquanto descobre o corpo do outro, mais concentrados no movimento mínimo do polegar do que no enredo do filme.

A Caterina, ao meu lado, não se apercebeu de nada; ela nunca se apercebeu de nada. Ou,

provavelmente, foi tão eficaz que conseguiu fazer-me acreditar até nisso. Em qualquer caso, foi o gesto mais íntimo que me ligou à Emma. Depois daquela noite, tornou-se esquiva. Evitava-me, e se fosse obrigada a dirigir-me a palavra, fazia-o sem me olhar nos olhos. Sentia-se culpada. É normal: toda a gente no lugar dela ficaria numa grande angústia. Toda a gente, exceto eu. Nessa altura não conhecia ainda aquele sentimento anómalo que haveria de me visitar muito tempo depois. Durante anos amontoei preocupações e remorsos a um canto; era evidente que, a um certo ponto, o edifício teria de desmoronar.

Esperei alguns meses para esclarecer a situação. Era dia de Natal, e toda a família estava reunida. A Emma sentou-se do lado oposto ao meu. O tempo dos olhares de cumplicidade parecia ter terminado, de tal maneira que eu começava a sentir algum embaraço na presença dela, inseguro quanto ao seu real desejo em relação a mim. Talvez me tivesse iludido, ou tivesse interpretado mal algumas das atitudes da minha cunhada; talvez a minha desmesurada autoestima me tivesse levado a dar um passo maior do que a perna. E, no entanto, quando a Emma se levantou para ir à cozinha, fui atrás dela com uma desculpa qualquer. Felizmente, as vozes que chegavam da sala de jantar protegiam-me de eventuais intrusões inesperadas. A Emma estava de costas; cingi-lhe os flancos e exclamei:

- Eu sei que seria loucura, mas tu já me conheces; a rotina aborrece-me!

É verdade que não foi uma grande declaração de amor, mas ela riu-se, talvez porque aprendera a conhecer-me. Ao fim de dois segundos, porém, ficou séria. Olhou fixamente para mim e retorquiu:

- Cesare, tu és doido, sabias? Isto tem que acabar!

- Nunca começou...

A Emma suspirou e baixou a cabeça. Lembro-me de que, por um instante, pensei beijá-la, mas as palavras seguintes deixaram-me gelado.

- Porque tiveste dois filhos com ela se não a amas?

A pergunta de um milhão de dólares! Devia ter-me sentado, acendido um cigarro e perorado durante horas sobre o facto de ser preciso tomar decisões importantes todas as manhãs para viver uma vida realmente digna. Infelizmente, para mim escolher é extenuante, e nunca o fiz. É por isso que não sou um homem realizado.

Como é óbvio, respondi de outra maneira:

- Estamos a falar de nós, e não da Caterina.

Nesse momento, ela passou-se.

- A Caterina é minha irmã; parece que isso não te interessa para nada!

Tapei-lhe a boca com a mão, para evitar que aquele tom ressentido chegasse até à sala de jantar. A Emma não se afastou, e então eu arranjei coragem para lhe acariciar o pescoço. Foi um ato de pura loucura, devo admitir; podia ter-me dado uma estalada e fugido dali. Se isso tivesse acontecido, não sei como é que teria feito para regressar à mesa. Mas ela deixou que os meus dedos tocassem na sua pele macia antes de fechar os olhos. Então pensei: pois bem, Cesare, agora vais ter de a beijar. E juro que o teria feito, se o meu sobrinho não tivesse caído do triciclo precisamente naquele instante: desatou a chorar e começou a chamar pela mãe como um possesso. Dois segundos depois a Emma estava junto do filho, e aquele instante desvaneceu-se no vazio. Nessa mesma noite encontrei um bilhete no bolso do casaco, onde ela escrevera: «Não podemos.»

Ainda hoje me acontece recordar aquele fatídico episódio. Talvez tenha sido o destino que se meteu de permeio. Devia estar agradecido ao meu sobrinho, pois com aquela queda conseguiu impedir uma recordação de que eu me poderia ter envergonhado. Todavia, acho que não escapei a acrescentar mais um arrependimento ao meu já robusto edifício.

A Emma teve mais duas relações sérias ao longo dos anos. Durante muito tempo, encontrei-a apenas durante as festas de família. Nunca mais me dedicou nem sequer um daqueles olhares que me faziam arrepiar. Alguns anos depois, deixou-se convencer pela irmã a passar o verão connosco. Daquele período lembro-me da casa em frente à praia, do cheiro das brasas à noite, do canto incessante dos grilos no silêncio da tarde, da chiadeira da porta que dava para o jardim, do piar das gaivotas de manhã cedo, do cabelo molhado da Emma a pingar-lhe nos ombros quando voltava do mar. Tinham já passado dez anos desde que começara a olhar para ela de uma maneira diferente, e a sua beleza, se possível, melhorara.

Nunca como naquele verão a desejei com todo o meu ser. Ela, no entanto, não me dava hipótese de lhe fazer a corte; quando se apercebia de que a observava, afastava-se com uma desculpa e ia a correr abraçar o companheiro, um contabilista simpático que, dois anos depois, lhe confessou ser homossexual. Quando eu soube, tive vontade de ir ter com ele para o esbofetear. «Mas então como é, eu ando a babar atrás dela há uma vida inteira e tu, que podes enfiar-te com ela na cama, saís-te com essa de que és *gay*?» Em qualquer caso, quase no fim das férias, a Emma cedeu e retribuiu o meu olhar cúmplice. Então, uma

tarde, enquanto toda a gente estava em casa a dormir, fui ter com ela ao mar. Mergulhei, e em poucas braçadas estava ao seu lado. Ela pareceu empalidecer, mas não disse nada. Ainda consigo ver no seu rosto de então o desejo de me beijar. Mas ao fim de pouco tempo saiu-se com esta frase:

- Cesare, para ti se calhar isto é tudo um jogo. Mas queres saber uma coisa? Para mim, não é. Desde que olhaste para mim pela primeira vez que estou apaixonada por ti. Há dez anos que ando a fugir-te e não tenho a mínima intenção de ceder agora!

Fiquei petrificado. Uma coisa é esperar que a mulher que nos faz enlouquecer retribua esse sentimento, outra é ter a certeza.

- Para mim não é uma brincadeira - respondi, sério.

- E o que é, então?

Aproximei-me da sua boca; os olhos dela passavam dos meus lábios aos meus olhos. Tê-la-ia beijado e a seguir confessado, de uma vez por todas, que a amava; talvez lhe revelasse também que queria deixar a irmã. Mas entretanto apareceu a Sveva, que nessa altura teria mais ou menos doze anos. Ouvi a voz dela atrás de mim e o coração saltou-me para a garganta. Estava a tomar banho com umas amigas, a poucos metros dali, e olhava para mim desorientada, na tentativa de interpretar a estranha cena a que acabava de assistir.

A Emma corou e atirou-se para trás, eu mergulhei e fiquei alguns segundos debaixo de água, o tempo necessário para recuperar do choque e inventar uma desculpa plausível.

- Meu amor - disse por fim, quando reemergi.

- O que estavam a fazer?

- Nada. A tua tia estava a contar-me uma coisa, nada de importante - respondi, com um sorriso pateta.

A Emma foi mais rápida; aproximou-se da sobrinha e murmurou-lhe ao ouvido:

- O teu pai é um grande bisbilhoteiro; quer saber tudo sobre a vida das outras pessoas!

A minha filha observou-nos e resolveu soltar uma risadinha. Nunca mais falámos sobre aquele episódio, mas eu sei que a Sveva sabe e que, mais cedo ou mais tarde, me vai atirar com ele à cara. De qualquer modo, aquela foi também a última vez que me encontrei a um passo de beijar a Emma. Quando, anos depois, a Caterina morreu, ela abraçou-me durante muito tempo, como nunca sucedera no passado, e murmurou-me ao ouvido:

- Bem podes agradecer-me, agora ias ter um belo remorso com que conviver!

Não respondi; porém, devia tê-la desmentido ali, no leito de morte da minha mulher. O remorso, querida Emma, está aqui comigo e acorda-me todas as manhãs. E o que é que me sussurra? Que, sempre que não escolhes, ficas amarrado a alguma coisa ou a alguém.

Hipótese imprevista

De madrugada Nápoles surge austera e elegante. As ruas vazias, os carros estacionados que jazem, silenciosos, com a geada nos vidros, o piar de alguma gaivota à distância, o ruído ensurdecido de uma grade que se levanta, o perfume de brioches que se espalha pelas vielas, o tilintar das chávenas de café que provém dos poucos bares já abertos. Não se ouvem vozes, gritos, risos, e aqueles poucos seres humanos que vagueiam pelas ruas parecem respeitar a solenidade do momento. Talvez a cidade saiba que a Emma morreu e que este pobre velho que cambaleia recebeu o enésimo golpe baixo da sua vida. Nápoles respeita a dor alheia porque sabe bem a que se refere.

Preciso de um café. Entro num bar e agarro-me ao balcão. O empregado olha para mim com curiosidade antes de me servir. Não devo estar com muito boa cara. Se a Sveva soubesse como passei a noite, dava-me um dos seus sermões. Mas, com efeito, desta vez não tenho culpa, desta vez só fiz aquilo que qualquer pessoa, no meu lugar, teria feito: tentar salvar a vida de uma inocente.

Os polícias revelaram-me que apanharam o marido a vaguear pelas ruas num estado de grande confusão. É estranho, mas não consigo sentir raiva em relação a ele; a morte da Emma baixou o nível das minhas emoções a zero, de tal maneira que até chorar me parece impossível.

Assim que vi o médico avançar ao meu encontro, percebi logo que o seu rosto não prometia nada de bom. E, no entanto, esperei que ainda houvesse uma pequena possibilidade, que a Emma estivesse em coma, mas que talvez pudesse acordar, que até podia ficar quadriplégica, mas viva. Se olharmos a morte de frente, percebemos que todos os clichês que lhe estão associados – como «antes queria morrer do que ficar toda a vida numa cadeira de rodas» – são idiotas. Quando chega o momento de escolher, estamos prontos para trocar qualquer coisa pela possibilidade de continuar vivos. Só que para a Emma não havia trocas a fazer: partiu depois de ter lutado durante uma noite inteira, levando consigo a criança que escondera.

O médico explicou-me que ela tinha uma hemorragia na cabeça, outra no abdómen, a bacia e um braço fraturados e os ossos da cara desfeitos, como se um trator lhe tivesse passado por cima. Quanto ódio é preciso para executar um massacre semelhante? Como é possível que um homem daquele género possa viver uma vida normal? E que ninguém tenha dado conta de nada? No entanto, não basta intuir, é preciso agir. Só que a ação requer uma coisa que não é para todos: coragem. Por isso sempre fiz tão pouco pelos outros, e também por mim: para mudar uma vida, seja a nossa ou a de uma pessoa querida, é preciso uma boa reserva de audácia. O problema está todo aí.

As mãos tremem-me mais do que o costume e até levar a chávena à boca me parece uma tarefa difícil. O empregado olha para mim com compaixão. Se fosse um dia normal, respondia-lhe à letra; a piedade dos outros deixa-me furibundo. Mas hoje não é um dia normal; e, no entanto, parece. A vida continua e não se preocupa com os pedaços que deixa pelo caminho.

Devia ter denunciado aquele miserável para salvar a Emma, em vez de perder tempo com cartas tão estúpidas quanto inúteis. Mas ela não queria que eu me intrometesse, acreditava que podia arranjar-se sozinha, envergonhava-se da sua situação. Quem sabe que mecanismo se instaurou dentro dela; quem sabe por que razão as mulheres maltratadas sentem vergonha, por elas e pelo companheiro. Há qualquer coisa de absurdamente perverso no facto de uma parte da Emma desejar proteger o seu carrasco do juízo dos outros.

Tenho a cabeça a andar à roda e preciso de dormir. Antes, porém, mando embrulhar os dois últimos folhados que restam atrás do balcão; o Marino é doido por folhados. Depois mando parar um táxi e, por uma vez, fico em silêncio até chegar a casa. A porta da Emma está vedada com uma fita e o patamar já não me parece familiar; o meu próprio apartamento parece-me estranho. Ou, se calhar, sou eu que olho para lá de um modo diferente. O facto é que nem o *Belzebu* aparece, talvez por saber que paira um mau ar. Ele é que é a encarnação perfeita do egoísmo, não como eu, que tento convencer-me, dia após dia, de que o mundo que me rodeia até podia desabar que eu continuava a direito. Pois bem, o mundo hoje desabou mesmo, e não conseguir continuar o meu percurso inabalável.

Pouso o embrulho dos folhados em cima da mesa da cozinha e afundo-me no sofá. Ao meu lado ainda está a manta que a Emma usou. Desvio o olhar e fito o quadro do Leo Perotti. Que bom que é ser uma personagem de banda desenhada, alguém que já sabe aquilo que tem a fazer e como o deve fazer. O Super-Homem sabe que vai passar a vida inteira a combater contra o mal. Há um sentido nisto: pelo menos ele não precisa de perder tempo a procurar o seu caminho. Agora talvez devesse mesmo meter-me na cama. Não consigo verter uma lágrima e só me vêm pensamentos insensatos à ideia, como o desejo,

por exemplo, de adormecer e acordar daqui a três meses. As pessoas, perante um obstáculo, tomam impulso e saltam; eu, pelo contrário, armo-me em esperto e tento desviar-me. Em suma, não sei como enfrentar este momento. Achava que já tinha visto tudo, mas afinal não.

Toca o telefone. São oito da manhã. Suspiro e vou atender com uma enorme lentidão. Hoje até os movimentos mais simples me surgem como uma montanha intransponível. Assim que levanto o auscultador, ouço a voz do Marino.

- Cesare, finalmente! Liguei-te durante toda a noite! Como estás?

Quis desligar a chamada. Só o Marino para pensar em colocar-me uma questão destas neste momento!

- Como é que queres que esteja? - respondo, irritado.

Na realidade, devia informá-lo do facto de se me fecharem os olhos, me tremerem as pernas, me faltar o ar e começar a doer-me o estômago. Mas não estou habituado a queixar-me. O Marino, no meu lugar, já o teria feito.

- Não tenho palavras sobre aquilo que aconteceu... - comenta, ao fim de algum tempo.

- Pois - limito-me a responder.

Efetivamente, não as há.

- Sinto muito. Se calhar perdemos tempo por minha culpa, se eu soubesse imprimir...

Deixo escapar um sorriso ao pensar na carta amarfanhada.

- Marino, nós não temos culpa.

- Pois, eu sei - responde-me -, mas, se calhar, podíamos ter feito mais qualquer coisa.

Tem a voz quebrada pela emoção. Caramba! Tento não chorar, depois chega ele e fá-lo no meu lugar. Da próxima vez, vou ter que me antecipar.

- Marino, ela não podia ser salva. A verdade é essa!

Ele cala-se, julgo que para ruminar as minhas palavras. Eu sei, são pesadas, sobretudo agora, mas representam aquilo que eu penso. Uma parte da Emma queria ajuda, a outra parte esperava não a obter.

- O que é que queres dizer?

- Que os filhos da mãe que batem nas mulheres o fazem porque sabem que se podem dar a esse luxo. A Emma não tinha autoestima, e quase considerava normal ser maltratada. Pensava que, no fundo, não era nada. Achava que merecia aquilo!

O Marino não responde.

- Sabes uma coisa? O pai batia-lhe... - acrescento, após alguns instantes. Mas o velho continua a não abrir a boca.

- Há vários culpados nesta história terrível - concluo -, mas com certeza não somos nós!

Ele espera mais uns segundos antes de romper o silêncio.

- Queres que vá aí? - pergunta.

Eu queria tanto conseguir dormir, mas sei que isso seria impossível, por isso respondo que por mim está bem; vou esperar por ele e dou-lhe os folhados, pode ser que sejam suficientes para o fazer sentir-se menos miserável.

Volto à cozinha, abro a enésima cerveja e acendo mais um cigarro. A dor no estômago aumentou, e agora também me dói o peito. Dirijo-me à sala de estar e reparo que o quarto de arrumos está aberto; vêm-me à ideia os *babygros*. Destapo o caixote com raiva e encontro-os. Agarro neles e levo-os ao nariz. Cheiram a algo bom, como se já tivessem acolhido uma criança no seu interior. Uma lágrima desliza sem que eu me aperceba. É estranho, nos últimos dias o quarto de arrumos parece ter-se tornado o consultório de um psicólogo, só aqui consigo dar voz à dor. Devia deitar os *babygros* ao lixo, para que é que me vão servir alguma vez senão para me lembrar para sempre desta história terrível? Mas volto a pô-los no sítio e fecho o caixote. Tento chegar outra vez ao sofá, apesar de me parecer que já nem sequer consigo manter-me em pé. Na sala de jantar sinto uma pontada no peito. Estico o braço para o caixilho da porta e detenho-me, quase como que a querer certificar-me do pressentimento que tive.

Tudo se cala.

Largo o apoio e arrasto-me em direção ao meu objetivo. Outra pontada, desta vez fortíssima, rasga-me o tórax. O cigarro foge-me dos lábios, ao mesmo tempo que a garrafa de cerveja me escorrega da mão e se escaqueira no pavimento com estrondo. Quero gritar, mas a voz fica sufocada na garganta, as pernas cedem e caio no chão, no meio da cerveja que se mistura com a urina que começa a molhar-me as calças. Estou a morrer, já tenho uma certa prática com os enfartes. Só que este parece-me mais doloroso do que o anterior. Se não fosse ateu, pensaria que é o momento certo para me ir embora, quase tenho a ilusão de que existe um sentido, de que talvez Deus me esteja a chamar para tomar conta da Emma, como se eu tivesse prática daquilo que nos espera do outro lado. O Senhor serve-se de mim para ajudar uma pobre

rapariga, concede-me a possibilidade de tentar de novo salvá-la. Se eu fosse crente, morreria feliz. Mas estou zangado: a Emma e eu descemos hoje, o infame que a matou dá mais uma volta. Não me parece justo; porém, sei que, no fundo, a justiça é um conceito inventado pelo homem, não existe na natureza.

Tento gritar, apesar de saber que ninguém me pode ouvir, mas a única coisa que me sai da garganta é um arquejo, semelhante ao ronronar do *Belzebu* quando espera, pacientemente, que eu lhe sirva o fiambre. Os olhos fecham-se-me e, no entanto, consigo descortiná-lo precisamente a ele, o gato preto da Sra. Vitagliano que, à porta da sala, olha para mim como se eu fosse um velho móvel a que não se deve dar grande importância. Estendo a mão, pela primeira vez sou eu que preciso dele. *Vai pedir ajuda*, tento indicar. O felino olha para mim durante algum tempo, depois farta-se, leva uma pata à boca e dedica-se a uma sessão de limpeza. Eu morro, ele lava-se. Parece uma brincadeira: vivi como um egoísta, morro por culpa de um egoísta. A vida decidiu dar-me uma lição.

Fecho os olhos e abandono-me. O cardiologista aconselhou sempre a não exagerar e levar uma vida regrada, não fumar, não tomar a pastilhinha azul com a Rossana, não beber. Demasiadas proibições, doutor, assim a vida torna-se um peso, e depois desta maneira a Sveva vai ficar mais conformada, vai poder pensar que me avisou, terá menos um remorso com que conviver. Provavelmente, até se vai rir com o irmão, ao recordar, num jantar com os amigos, a minha proverbial teimosia. Quem sabe se a Rossana vai chorar. Mas o Marino fá-lo-á seguramente, até porque vai ser ele quem me vai encontrar.

Começo a sentir frio. Sempre pensei que o enfarte era uma das melhores maneiras de partir. Não há anos de sofrimento, terapias, hospitais, gente a olhar para nós com compaixão ou a esconder-nos a verdade; uma pancada seca e muitos cumprimentos. Mas já devem ter passado pelo menos três minutos desde que estou no chão a meditar sobre a existência sem que o ecrã se apague. Uma hipótese imprevista. Mais uma vez. A minha vida foi cheia de hipóteses imprevistas.

O *Belzebu* aproxima-se e começa a lamber-me a cara. Se tivesse força, dava um murro na cabeça deste gato maldito. Mas resolvo descontrair e deixar-me arrebatado pelo sono. Agora já nem sequer sinto dor, só cansaço.

O Marino tem as chaves do meu apartamento, podia salvar-me. Mas quanto tempo vai demorar até perceber o que aconteceu? E, sobretudo, quanto tempo vai demorar a descer e a subir de novo? A minha salvação está nas mãos de um velho senil com os reflexos de uma preguiça.

Adeus, mundo, foi bom conhecer-te, apesar de seres mesmo um grande estupor!

Gosto

- Sabes o que é que eu comia agora? – sussurro ao ouvido da Sveva, que está debruçada sobre mim.

Ela olha para mim como faria com o filho.

- Pai, para com isso – é a sua réplica.

- Um bocadinho de presunto – continuo.

De entre os muitos alimentos que me podiam vir à ideia, escolhi o presunto. Quanto mais se envelhece, mais se perde o interesse pelas coisas doces. Em todos os sentidos.

- Gostava que me trouxesses uma boa travessa de presunto cortado muito fino, daquele que quase se desfaz ao comer.

Está-me a crescer água na boca, há dias que me alimento só de caldos. O Dante, o Leo e a Rossana riem-se, a Sveva enerva-se. Não sei se já disse isto, mas a minha filha não tem sentido de humor.

Foi o Marino que me salvou da morte. Parece incrível: subiu até ao meu andar já com as chaves da minha casa e quando viu que eu não abria, entrou. A quem lhe pediu explicações, respondeu que lhe pareceu normal levar as chaves, para o caso de eu ter adormecido no sofá. Salvou-me a vida, ainda que não de forma definitiva. Quando cheguei ao hospital, soube depois, estava mais para lá do que para cá, e tiveram de me manter na reanimação durante três dias. Agora estou melhor, mas tenho que ser operado se quiser continuar a armar-me em cretino durante mais alguns anos. Daqui a dez minutos vêm-me buscar para me levarem para o bloco operatório, depois vão-me abrir o tórax para tentarem arranjar o meu coração doente. Bufo quando penso nisso: uns completos desconhecidos muito atarefados a suar, a berrar, a praguejar, para me salvarem a pele, e eu para ali a dormir, como se o problema não fosse meu. É um dos raros casos em que o homem entrega a sua própria vida a um semelhante. Quanto ao resto, pensamos sempre que sabemos fazer as coisas melhor do que os outros.

Em qualquer caso, não tenho muito medo. Talvez porque tive a oportunidade de me aperceber de que morrer, na realidade, é como apanhar uma bebedeira: não se consegue manter os olhos abertos. Mais nada.

- Quando voltares para casa, vais lá encontrar a tua travessa! – exclama a Sveva, com os olhos brilhantes.

- Não chores, minha menina. Não tenho assim tanto a certeza de que me queiram lá em cima, sou um vizinho terrível!

Ao pronunciar a palavra «vizinho» lembro-me outra vez da Emma. Com ela, não acho que tenha sido um mau vizinho. Gostava de lho poder dizer, ajudava-me a engolir o pedaço de alcatrão que sinto na garganta desde aquela noite de merda. Os médicos informaram-me de que tal sensação se deve aos tubos que me enfiaram pela garganta, mas eu sei que não é isso, é o sentimento de culpa que ainda não consigo digerir. Fiz aquilo que pude, Emma, espero que o tenhas compreendido.

- Como é que consegues manter-te sempre tão frio e tão brincalhão, mesmo em momentos como este? – pergunta a minha filha. – Às vezes gostava de ser mais parecida contigo. Mas só herdei os teus defeitos...

- Bem, é preciso envelhecer para conseguir rir da vida. Quando chegares à minha idade, vais ser simpaticíssima!

Talvez seja porque, desta maneira, afasto o medo de poder sair cadáver do bloco operatório, mas acho que não posso deixar de ser brincalhão. Há duas formas de enfrentar as coisas, com desespero ou com ironia, e nenhuma das duas muda as cartas que estão na mesa. Não nos cabe a nós decidir o resultado final, mas podemos escolher como passar os últimos cinco minutos de recobro.

- Estúpido! – exclama a Sveva, dando-me uma palmadinha no braço.

- A verdade é que não consegue deixar de ser o centro das atenções. É um velho que gosta muito de si mesmo – intervém a Rossana.

Desta vez sou eu que lhe sorrio. Se me salvar, tenho de convencer a Rossana a reformar-se e a tratar só de mim. Acho que vai ser uma grande tarefa, mas pelo menos vai-me manter ocupado. O Dante contou-me que ela ficou dois dias à porta do serviço de reanimação a rezar. O Marino, pelo contrário, não conseguiu vir, mas telefonava a toda a hora e chorava como uma criança sempre que alguém o atendia. O bom e velho coração de aço do costume.

O meu filho encosta-se à cama. Apetecia-me empurrá-lo mais para diante (o perfume dele enjoa-me); mas, caramba, fiz tanto para me reaproximar, não posso estragar tudo logo agora.

- Olha, eu sei que não é a altura certa, mas depois da cirurgia temos que arranjar uma solução. Ou vais

para minha casa, ou para casa da Sveva. Sozinho, não podes continuar!

Meu Deus, para casa da Sveva não! Mas a do meu filho também não me parece boa ideia. Nem ousou imaginar o espetáculo dele e do artista em roupão, no sofá, de mãos dadas. Devia contar-lhe a verdade, mas a sua doçura impede-me de responder. O Dante, ao contrário da irmã, sabe levar-me. Então aprovo, não consigo discutir agora. Um problema de cada vez – primeiro, preciso de salvar a pele, depois pensarei com qual dos meus filhos vou estragar aquilo que resta dos meus dias. Na realidade, ainda haveria uma outra possibilidade: ficar em casa com uma pessoa a tomar conta de mim, de preferência que não fosse demasiado velha. Mas também não posso propor isto agora; afinal, tenho a Rossana aqui ao meu lado, e a sugestão não me parece propriamente simpática se tiver um tal comentário anexo. Além do mais, tenho um pequeno pressentimento: se hoje me salvar vou ter de me despedir do meu velho companheiro ali em baixo, já que, sem pastilhinha mágica, não lhe resta senão a reforma. Devia ser normal, na minha idade, mas não é assim. É triste pensar que um amigo, a quem estamos tão ligados e que nunca nos traiu, de repente para e se despede. Uma grande chatice, não há mais nada a declarar. Nesse momento, levem-me também os olhos; pelo menos, não serei obrigado a contemplar um tão lamentável espetáculo.

Entram dois enfermeiros. Está na hora. O Dante parece-me comovido e a Sveva virou-se de costas.

– Ei, meninos, eu ainda não morri! – consigo dizer, antes que o meu filho me abrace.

Não fui feito para cenas piegas. A ter mesmo que morrer, era melhor fazê-lo na minha sala de estar, enquanto o *Belzebu* me lambia a cara. Pelo menos não teria tido tempo para me emocionar.

Um dos enfermeiros injeta qualquer coisa no dreno, depois solta a cama e arrasta-me para fora, para o corredor. As luzes de néon no teto acompanham-me ao longo do percurso. Devia fechar os olhos, não há nada bonito para contemplar aqui. Só que, se daqui a pouco tempo estiver morto, não quero ter atirado ao vento a possibilidade de deixar correr pelas pupilas os últimos objetos deste mundo, ainda que sejam as luzes brancas de uns miseráveis candeieiros.

A primeira pessoa que vi depois de ter recuperado do enfarte foi o meu neto, que me acariciava os poucos cabelos que ainda me restam. Eu estava nervoso, não me lembrava de nada e queria regressar a casa. Não gosto de hospitais, e a simples ideia de ter que ali ficar durante não sei quanto tempo deprimia-me. Depois, porém, veio a enfermeira Filomena mudar o dreno... e o mundo voltou a sorrir-me. É uma senhora dos seus cinquenta anos, bonita, pele bronzeada, cabelos negros, maquilhagem poderosa, lábios retocados... e um par de mamas espacial! Nova Iorque tem a sua estátua, símbolo da Liberdade; nós, graças à enfermeira Filomena, poderíamos responder com a da Vulgaridade: bastaria que tivesse os mesmos traços. Mas a enfermeira acabou mesmo por me conseguir acalmar.

No dia seguinte, chamei-a e pedi-lhe para me ajeitar as almofadas. Depois fiquei, com um esgar idiota, a saborear aquelas mamas a um palmo do nariz, enquanto ela se esforçava por me deixar satisfeito. Por fim, sorriu e comentou:

– Ah, o senhor ainda gosta de se armar em malandro!

Sim, gosto de ser malandro, de não levar a vida demasiado a sério, gosto de mulheres bonitas e com mamas grandes. Mas também gosto de muitas outras coisas. Por exemplo, gosto do aroma de um cozinhado que chega através de uma janela aberta, ou da cortina que no verão se agita devagar por causa da brisa. Gosto dos cães que inclinam a cabeça para escutar, ou de uma casa acabada de cair. Gosto do livro que me espera na mesa de cabeceira. Gosto dos frascos de compota e da luz amarelada dos lampiões. Gosto da carne e do peixe frescos. Gosto do ruído de uma garrafa que se abre. Gosto do vinho tinto encorpado. Gosto de um velho barco. Gosto dos locais familiares e do cheiro das lavandarias. Gosto das boias de cortiça da pesca à linha e do talhante a cortar a carne com movimentos regulares. Gosto de faces rosadas e dos tremores na voz.

Estamos no elevador. Um enfermeiro empurra-me, o outro carrega no botão. Também aqui a luz é branca e asséptica. Sinto a ansiedade que me sobe das vísceras e incha no peito. Fecho os olhos e continuo a enumerar.

Gosto do cheiro dos bebés recém-nascidos e do som distante de um piano. Gosto do ruído do saibro pisado e das estradas que se desenrolam como torrentes pelo meio dos campos. Gosto do Vesúvio, que me faz sentir em casa. Gosto de enfiar os pés na areia. Gosto do futebol ao domingo à tarde, do cheiro de um sabonete novo, dos vidros embaciados nos dias frios. Gosto quando uma mulher me diz «amo-te» com o olhar. Gosto do crepitar das castanhas na brasa. Gosto do silêncio das noites de verão. Gosto de ouvir chilreios fora da minha janela, da água que molha os pés e da casca de uma velha oliveira sob as pontas dos dedos. Gosto do cheiro das lareiras enquanto passeio por entre as pedras de uma aldeia na montanha. Gosto da massa feita em casa e dos grafítis nas paredes. Gosto do cheiro a terra molhada. Gosto de colheres de pau. Gosto do cato que se sabe adaptar e do rumor de um regato escondido. Gosto do peixe

frito que vendem em frente à galeria do Dante. Gosto do perfume dos cabelos das mulheres.

Mais um corredor para percorrer, parece-me que nunca mais chegamos. Os enfermeiros que me acompanham cumprimentam os colegas, conversam, contam anedotas. Para eles sou apenas outro corpo que se leva para o matadouro, nada mais do que rotina. Quando se anda todos os dias com a morte, a sua visão acaba por se tornar aborrecida.

Abre-se a porta. Estamos lá dentro.

Gosto do borbulhar da cafeteira ao lume, dos seixos polidos pelo mar e do som dos talheres num restaurante. Gosto de um gato a andar furtivamente por entre os carros e do ranger de um móvel antigo. Gosto dos cumprimentos à distância e do olhar curioso do turista que observa a minha cidade. Gosto das alamedas com árvores. Gosto do cheiro das velhas charcutarias que já não existem. Gosto dos músicos de rua. Gosto da cor dos tomates e do cheiro do creme no corpo. Gosto das tardes de verão acompanhadas pelo canto dos grilos. Gosto de tirar um fio de esparguete da água a ferver e de o trincar. Gosto do cheiro a peixe de um velho pesqueiro encrustado de ferrugem, e da Lua, que pinta na água uma esteira para chegar a ela. Gosto das fotografias que permitem viajar no tempo. Gosto do ranger do chão de madeira. Gosto dos defeitos. Gosto de uma velha ruína num campo de trigo. Gosto de contemplar do alto uma praia atapetada de mil e um guarda-sóis de cores diversas. Gosto das velhas canções que nos cortam a respiração. Gosto do caranguejo a fugir para o buraco no rochedo. Gosto de uma baliza pintada numa parede. Gosto de sentir a mão de uma mulher atrás da nuca.

Agarram os dois nas bordas do lençol e levantam-me. Um instante depois, estou na mesa de operações. O coração começa a bater com mais força. Tento desconstrair e não pensar naquilo que vai acontecer daqui a poucos minutos. Chegam dois médicos: um traz uma pastinha na mão, o outro agarra-me no braço. Fecho outra vez os olhos. Não quero ver mais nada, desejo apenas imaginar.

Gosto das aves que se abrigam por baixo de uma cornija e esperam que pare de chover. Gosto da cidade que dorme e da imagem de um ancinho e um balde pousados na areia. Gosto do caracol que se arrasta, enérgico, em direção a um abrigo. Gosto do som da campainha de uma bicicleta. Gosto dos lagartos que, em vez de fugirem, ficam imóveis. Gosto das cruzes nos cumes das serras. Gosto do branco das casas de praia e dos velhos pátios com a roupa estendida a secar. Gosto quando uma recordação vem ter comigo. Gosto do vento que desloca os obstáculos e dos frutos maduros que abandonam o ramo. Gosto das formigas que bebem de uma gota de orvalho. Gosto de um pequeno campo na periferia. Gosto das estradas que vão ter ao mar. Gosto de andar descalço no verão. Gosto dos rostos encrespados pela vida. Gosto de um homem a trabalhar nos campos à distância. Gosto de quem ama um filho que não é seu.

O médico que tem uma máscara à frente da boca dá-me uma pancadinha numa face e depois pergunta:

- Sr. Annunziata, está tudo bem?

Estão prestes a abrir-me como uma melancia, não sei se vou sobreviver à operação, e perguntas-me se está tudo bem? Aquiesço para não praguejar, ao mesmo tempo que me apercebo que alguém mexe na agulha que tenho enfiada na veia; depois sinto o metal frio na pele dos tornozelos e dos pulsos. O cheiro do álcool está por todo o lado, e eu não gosto do cheiro deste álcool.

Mas gosto do cheiro do limão que se agarra aos dedos, e do da terra escura que se enfia por baixo das unhas. Gosto do aroma dos pinheiros e do perfume da roupa lavada acabada de estender. Gosto do tamborilar do granizo nos vidros e da consistência das rochas esponjosas. Gosto do sabor do café, que desaparece devagar, e do gosto efémero do chocolate derretido. Gosto das traves de madeira no teto, das migalhas de pão e dos objetos que já ninguém usa. Gosto de cruzar o olhar de uma desconhecida. Gosto dos movimentos seguros do homem que faz a massa da *pizza*, do abraço de quando se está exultante, da mão do recém-nascido a agarrar o vazio. Gosto da hera que trepa pela fachada de um edifício. Gosto do peixe que depenica o miolo de pão à superfície da água e depois foge. Gosto de quem lê na paragem do autocarro. Gosto de quem não faz demasiados projetos e de quem sabe estar só. Gosto do sabor do suor após uma longa corrida. Gosto de quem vê o copo sempre meio cheio. Gosto dos cabelos brancos e da balança de ferro que usavam em tempos os vendedores de fruta. Gosto da casa que nos recebe com o cheiro de um bom assado. Gosto do repenicar dos lábios na pele. Gosto de quem ama em primeiro lugar.

Apagam-se algumas luzes. O médico debruça-se sobre o meu rosto e, com uma voz calma, tranquiliza-me:

- Sr. Annunziata, agora vamos adormecê-lo. Vai acordar no seu quarto, quando tivermos acabado. Não se preocupe, vai correr tudo bem!

Nem sequer levanto as pálpebras. Vou acordar no meu quarto. Ou, então, não vou acordar de todo. Uma subtil diferença.

Gosto da luz do céu quando já não há sol. Gosto da erva que vence o asfalto. Gosto de quem não cultivava

rancores. Gosto de uma velha livraria desarrumada. Gosto daquele instante antes do primeiro beijo. Gosto de observar os edifícios de uma cidade desconhecida. Gosto da dignidade do filho que ampara a velha mãe atrás do carro fúnebre. Gosto da mulher que aprecia comida. Gosto de ler um livro à sombra. Gosto de quem tem a força de acreditar plenamente em qualquer coisa. Gosto dos ninhos das andorinhas. Gosto de quem ainda se espanta diante das estrelas. Gosto do cheiro das brasas e dos muretes que acolhem os amores de um só verão. Gosto dos jovens que se beijam num banco de jardim e dos lençóis amarrotados após uma noite de amor. Gosto do zumbido de um ventilador como ruído de fundo. Gosto de imaginar o rosto de uma mulher de costas. Gosto dos rolos de feno nos campos à beira da estrada. Gosto de quem sabe pedir desculpa. Gosto de quem ainda não percebeu como se orientar neste mundo. Gosto de quem sabe perguntar. Gosto do sorriso dos meus filhos.

Gosto de quem sabe amar-se.

Não me vem mais nada à ideia, talvez a anestesia já tenha entrado no sistema. É melhor dormir, volto a pegar na lista mais tarde.

Ah, não, ainda tenho um último gosto.

Gosto de quem luta todos os dias para ser feliz.

Agradecimentos

Quero agradecer a algumas pessoas.

Em primeiro lugar à minha mulher, Flavia, que aqui estava quando eu andava aos pontapés à procura do meu caminho e que aqui está agora. Sempre com um sorriso.

Depois agradeço a Silvia Meucci, a minha agente e amiga, que foi a primeira a aperceber-se de mim, que me deu a mão e me conduziu até aqui. Se este livro existe, grande parte do mérito é dela.

Agradeço ao editor da Longanesi, Stefano Mauri, que não perdeu uma oportunidade para falar bem de mim e do Cesare.

Agradeço a Giuseppe Strazzeri, o diretor editorial, uma daquelas pessoas que têm o dom de nos fazer sentir imediatamente à vontade. O entusiasmo e o empenho que pôs em campo em relação ao Cesare foram linfa vital.

Agradeço a Guglielmo Cutolo: para além de ser um grande editor, em certos aspetos fala a mesma língua que eu. O seu precioso trabalho tornou este romance melhor.

Um obrigado do coração, por fim, a toda a família Longanesi, que me acolheu com respeito, afeto e amizade, fazendo-me sentir alguém da casa.